UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

LICENCIATURA EM TEOLOGIA

JOSÉ JOAQUIM ALVES GUEDES

Espiritualidade Escutista e a Nova Evangelização

Trabalho para a Tese de Licenciatura
sob orientação de:
Professor Abel Canavarro

Porto
2007

“Passei uma vida felicíssima
e desejo que cada um de vós seja igualmente feliz.
Creio que Deus nos colocou neste mundo encantador
para sermos felizes…
Procurai deixar o mundo um pouco melhor
de que o encontrastes.”

Baden Powell

Agradecimentos

Poder-se-á dizer que realizei este trabalho tendo presente todos aqueles para quem um dia a porta se fechou, ou eles próprios a fecharam, mas com ajuda de alguém abriu-se-lhes uma janela.

Neste sentido o agradecimento especial vai para uma dirigente do CNE, que me ensinou a amar a vida. Com ela percebi a força, alma e fundamentalmente o ESPÍRITO ESCUTISTA, numa doação que se torna uma fonte de vida, e sem ele é como se da falta de oxigénio se tratasse.

Devo também um agradecimento especial ao meu orientador, que acreditou em mim, acompanhou o meu trabalho, respeitando sempre o meu ritmo.

Índice

Introdução 9
Abreviaturas e Siglas 12

Capítulo I

ESPIRITUALIDADE E MOVIMENTO

1 – Definição 14
2 – Análise da realidade vista a partir de outras religiões 15
2.1 – O modelo que melhor evoca o pensamento pós-moderno 16
2.2 – A espiritualidade em Portugal no contexto pós-moderno 18
3 – A identidade do fenómeno da vida espiritual 20
4 – A espiritualidade cristã 21
4.1 – Deformações do conceito da espiritualidade 22
4.2 – Características da espiritualidade actual 24
4.2.1 – Uma espiritualidade que verdadeiramente seja integradora 25
4.2.2 – Uma espiritualidade que resulta da experiência pessoal de fé . 25
4.2.3 – Espiritualidade que se desenrola com a vida e com o mundo .. 26
4.2.4 – Uma espiritualidade dialogante e definida 26
4.2.5 – Espiritualidade realista 27
4.2.6 – Espiritualidade fraterna e apostólica 27
4.2.7 – Uma espiritualidade eclesial 28
4.2.8 – Uma espiritualidade profundamente afectiva 28

4.2.9 – Uma espiritualidade de trindade 29
4.2.10 – Uma espiritualidade pascal 29
5 – Movimentos uma análise 29
5.1 – Definição de movimento 31
5.2 – Movimentos de espiritualidade hoje 32
5.2.1 – Diversos tipos de Movimentos 32
5.3 – Globalização dos movimentos 34
5.4 – Objectivos prioritários, especificidade 34
6 – Que missão da Igreja na espiritualidade cristã 35
6.1 – A perfeição cristã, o ideal da vida espiritual 36
6.2 – A santidade, o ideal da vida espiritual 37
6.3 – O seguimento de Cristo, uma exigência da Igreja 38
6.4 – Missão profética da Igreja 39

Capítulo II

ESCUTISMO UM MOVIMENTO COM ESPIRITUALIDADE

1 – Baden Powell breve itinerário 40
2 – Movimento Escutista 42
2.1 – Definição 43
2.2 – Finalidade 45
2.2.1 – Os cinco pólos educativos 46
2.3 – Valor do escutismo 49
2.4 – Espírito escutista 50
2.5 – A Religião no Escutismo 51
2.5.1 – Religião posta em prática 51
2.5.2 – Uma religião que se constrói 52
2.5.3 – Cristo o herói a imitar e seguir 53
3 – Distinção entre dimensão espiritual e animação da fé 54
3.1 – A dimensão espiritual 55

4 – O escutismo dos cristãos 56
4.1 – Aparecimento de um Escutismo Católico 57
4.1.1 – Um contributo à Igreja 59
4.2 – O aparecimento do Escutismo Católico em Portugal 60
4.2.1 – Os seus membros 61
4.2.1.1 – Lobitos 61
4.2.1.2 – Exploradores 61
4.2.1.3 – Pioneiros 61
4.2.1.4 – Caminheiros 62
4.2.1.5 – Dirigentes 62
4.2.2 – O momento presente do movimento 62
4.2.3 – As bases do escutismo 63
5 – Espiritualidade Escutista: escutismo e espiritualidade 64
5.1 – Linhas de Espiritualidade Escutista 66
5.1.1 – Um optimismo radical no homem 66
5.1.2 – O corajoso realismo 68
5.1.3 – Simbolismo 69
5.1.4 – Educação do coração 70
5.1.5 – Comunidade 71
6 – A nobre espiritualidade do escuta 72
6.1 – Honra do escuta inspira confiança 74
6.2 – O escuta é leal 74
6.3 – O escuta é útil e pratica diariamente uma Boa Acção 74
6.4 – O escuta é amigo de todos e irmão de todos os outros escutas 75
6.5 – O escuta é delicado e respeitador 76
6.6 – O escuta protege as plantas e os animais 77
6.7 – O escuta é obediente 77
6.8 – O escuta tem sempre boa disposição de espírito 78
6.9 – O escuta é sóbrio, económico e respeitador do bem alheio 79
6.10 – O escuta é puro nos pensamentos, nas palavras e nas acções 79

Capítulo III

NOVA EVANGELIZAÇÃO: UM DESAFIO PERMANENTE

1 – Definição 81
2 – Conceito e realidade da Nova Evangelização 83
3 – Características básicas da Nova Evangelização 84
4 – O Concílio Vaticano II 85
5 – Que pedagogia da Evangelização 87
6 – A Nova Evangelização um Itinerário Histórico 88
6.1 – Medellin 89
6.2 – Puebla 90
6.3 – Santo Domingo 91
6.4 – A Nova Evangelização que proposta 92
7 – O nosso tempo 93
8 – O escutismo e a Nova Evangelização 94
8.1 – Que proposta 94
8.2 – A quem se dirige 96
8.3 – Papel primordial 97
9 – A Nova Evangelização: estrutura e método 98
10 – A eclesialidade do movimento 99
10.1 – Carta Católica do Escutismo 100
10.2 – Relações complexas entre o movimento e a instituição eclesial 102
10.3 – Pistas para um diálogo entre o escutismo e a igreja católica 103
10.4 – Carta do Escutismo Católico Português 104
10.5 – Discernimento e acompanhamento 105
10.5.1 – Os assistentes 105
10.5.2 – Os animadores 106
10.5.3 – Preocupações e prioridades dos assistentes 107
10.6 – O movimento na comunhão eclesial 108

11 – Que animação da fé na prática escutista 109
11.1 – Constatações a nível nacional 109
11.1.1 – Ao nível da formação 110
11.1.2 – Ao nível da pedagógica 110
11.1.3 – Ao nível da animação espiritual e da fé 111
11.1.4 – Ao nível da vida litúrgica 111
11.1.5 – Ao nível da comunhão eclesial 112
11.1.6 – Ao nível do discernimento vocacional 112
11.2 – Recomendações a nível nacional 112
11.2.1 – Ao nível da formação 113
11.2.2 – Ao nível da pedagogia 113
11.2.3 – Ao nível da animação espiritual e da fé 113
11.2.4 – Ao nível do discernimento vocacional 114
11.2.5 – Ao nível da vida litúrgica 114
11.2.6 – Ao nível da comunhão eclesial 115
11.3 – Atitude do evangelizador 116
11.4 – O mundo que temos de evangelizar 117
Conclusão 118
Bibliografia 125

Introdução

Rahner predisse que "o cristão do futuro ou será místico, isto é, uma pessoa que experimentou algo, ou não será cristão"[1]. Foi a partir deste pensamento, de uma grande profundidade e objectividade, que surgiu este trabalho.

Quando se iniciou era claro que faria todo o sentido alargar o trabalho em três direcções, que se uniriam e se concretizariam num objecto de estudo. Como prioridades: uma que apresenta um movimento de sucesso nos nossos dias, a outra, fazer ressaltar à vista que se trata de um movimento de espiritualidade e, por último, que papel na Nova Evangelização.

Depois de algumas reflexões, porque não estabelecer esta tríplice relação no Escutismo, movimento conhecido e com grande projecção social e na Igreja, e ainda porque encerra em si crianças, jovens e adultos, melhor, reúne em comunidade, como se de uma família se tratasse.

O Movimento de Espiritualidade Escutista e a Nova Evangelização, não é o resultado de uma árdua pesquisa, ou da lavra de um entendido na matéria. É o trabalho realizado por um "aprendiz", destas andanças teológicas, pastorais e espirituais, pelo que não se deve esperar e encontrar aqui um conjunto de grandes reflexões ou de grandes meditações e comentários.

Nada disso. O que aqui se encontra é o resultado, de algumas leituras e consultas sobre o tema. É fruto da meditação sobre o que é um movimento de

[1] LEAL, Agostinho dos Reis – Místicos e Mestres. In REVISTA DE ESPIRITUALIDADE. Oração. Nº 2. Oeiras: Edições Carmelo, Abril-Junho 1993, p. 146. (Isto é o que Rahner, escreveu numa revista da especialidade, Espiritualidad antigua y actual, in Escritos de Teologia decorria o ano de 1969).

espiritualidade, o seu fundador e como foi aproveitado todo o seu valor, numa resposta à exigente proposta da Igreja que é a Nova Evangelização.

Este trabalho tem no seu conteúdo três capítulos que pensamos poder elucidar um pouco a respeito do assunto. Assim o Primeiro Capitulo, faz menção ao termo Espiritualidade e Movimento, como também as linhas mestras da Espiritualidade no seu processo histórico, em que o tempo e lugar soube catalizar e renovar, como também os Movimentos que souberam apresentar aos homens esta forma de estar e viver, com normas e leis assentes no espírito e vivência do homem. O Segundo Capítulo todo ele virado para o fundador do Escutismo, Robert Baden Powell, apresenta a sua vida e o seu projecto. Dentro deste capítulo os iniciadores e fundadores do Escutismo Católico, Mundial e Português. Traduz desde logo uma aceitação na nossa realidade portuguesa, fazendo história e gozando do privilégio de um movimento com larga expressão em prol da comunidade civil e religiosa. No Terceiro Capítulo é apresentado o Movimento, como proposta de concretização da mensagem da Igreja, para uma Nova Evangelização, ou melhor, uma Evangelização Nova, como também a relação eclesial entre o Movimento e a Instituição que o fundou.

O Movimento Escutista é um movimento de fronteira, embora nos apercebamos que em muitas situações não é transmissor e exemplo, podendo mesmo afirmar-se, como diz a anedota americana, "gosta-se do músico mas nem por isso da música"[2]. Existe uma esperança na Igreja como também no movimento, esperança essa, que nos revela o amor que Deus tem para com cada um de nós e que faz acontecer o milagre, milagre esse, que sai de dentro de nós.

Percebemos ao longo deste trabalho que foi, é e continuará a ser necessário fé, esperança e caridade, penso ser este o segredo para que o Movimento Escutista progrida no seu trabalho em prol da sociedade e da Igreja, continuando a ser uma "grande fraternidade - um Movimento que na prática, não

[2] GUILLET, Charles Marie – *A Igreja: Comunidade de Testemunhas na história*. Edições Paulistas, 1990, p. 64.

olha a diferenças de classe, crença, país e cor, por meio do espírito indefinível que o anima - o espírito de cavalheiro de Deus”[3].

Para que este trabalho pudesse acontecer, foi necessário uma Metodologia “que segui”[4] a que de alguma forma quis ser coerente, mas que devido a vários factores nem sempre foi conseguido, revelando-se difícil o término deste humilde trabalho.

Ressalvo o conhecimento que adquiri, ao longo do tempo de muita leitura, que me entrou pelos olhos e me fez reagir os vários sentidos, imaginando a grande caminhada realizada ao longo dos séculos por homens e mulheres, que quiseram deixar este mundo melhor do que o encontraram. Quiseram ainda, e em muitas alturas não o conseguiram, a busca e concretização da felicidade.

---

[3] BADEN-POWELL, Robert – *Auxiliar do chefe escuta: Guia dos chefes sobre a pedagogia escutista*. Edição CNE, 1999, p. 97.

[4] AZEVEDO, Carlos Moreira; AZEVEDO, Ana Gonçalves – *Metodologia Científica*. 7ª Edição. Lisboa: UCE, 2004.

Abreviaturas e Siglas

1 Cor 1ª aos Coríntios
1 Jo 1ª de João
1 Ts 1ª aos Tessalonicenses
2 Cor 2ª aos Coríntios
2 Pe 2ª de Pedro
AA Apostolicam Actuositatem
Act Actos dos Apóstolos
AG Ad Gentes
Am Amós
BP Robert Baden-Powell
CELAM Conselho Episcopal Latino-americano
CICE Conferência Internacional Católica do Escutismo
CICG Conferência Internacional Católica do Guidismo
CL Cristifideles Laici
CNE Corpo Nacional de Escutas
EN Evangelii Nuntiandi
Ex Êxodo
Gl Gálatas
Gn Génesis
GS Gaudium et Spes
Heb Carta aos Hebreus
Is Isaías
Jo São João

Jr Jeremias

Lc São Lucas

LG Lumen Gentium

Mc São Marcos

Mt São Mateus

NE Nova Evangelização

NMI Novo Millennio Ineunte

OIC Organização Internacional Católica

OMME Organização Mundial do Movimento Escutista

RM Redemptoris Missio

Rm Romanos

SRS Sollicitudo Rei Socialis

TMA Tertio Millennio Adveniente

Vat. II Concílio Vaticano II

Capítulo I

ESPIRITUALIDADE E MOVIMENTO

Conforme afirma Salvador Ruiz, "o verdadeiro espírito vive e actua na história e tem que traduzir em obras históricas as convicções que crê proveitosas para a salvação ou dignificação do homem"[5]. Numa linha de concretização do que foi dito muitos foram aqueles que quiseram e continuam a querer fazer tudo para que de facto este século possa ser caracterizado pela espiritualidade.

Mormente este pensar deve ser levado a todos, em virtude de que se não o fizermos continuaremos a assistir a grandes confusões. Em especial no grupo a que o movimento, que será alvo do nosso estudo, privilegia, os jovens. Há que ter presente a grande confusão existente nas cabeças de todos aqueles que vão divagando sobre o que é a espiritualidade e onde ela se encontra e floresce.

1 – Definição

Achamos importante neste trabalho começar por definir o que é espiritualidade e movimento.

[5] SALVADOR, Frederico Ruiz – *Caminos del espiritu: Compendio de teologia Espiritual*. Madrid, 1988, p. 48.

Por espiritualidade podemos entender "um conjunto de atitudes evangélicas"; por conseguinte, movimento de espiritualidade é "um grupo de pessoas que vive e leva adiante tais atitudes"[6].

Nesta perspectiva poder-se-á definir o movimento como uma orientação, um rumo, mediante o qual se procura avançar no seio da Igreja. A lógica do seu agir é ser fermento e procurar a mudança no seio das comunidades que de alguma forma se manifestam imobilistas.

Caso as ideias promovidas apresentem graus de sucesso e consequentemente mudanças desejadas, facilmente acontece a tentação de impor aos outros agentes de pastoral perspectivas do próprio movimento, podendo transformar-se, igualmente, numa realidade imobilista[7].

2 – Análise da realidade vista a partir de outras religiões

Há hoje um consenso alargado de que o mundo ocidental vive num contexto cada vez mais dessacralizado e pluralista. Mas não podemos ficar por aqui pois este contexto alarga-se ao mundo em desenvolvimento.

Esta análise é preocupante para as três grandes religiões monoteístas do mundo. As três vivem no seu ambiente interno duas correntes; a progressista, que deseja adaptar a fé e a ética ao mundo moderno e pós-moderno e a fundamentalista que deseja conservar intacta a tradição, esta é mais acentuada no islamismo.

O que vemos é que na Igreja Católica e Protestante o processo de secularização desdobra-se num processo de renovação religiosa. Prova disto é o estudo de 1988, em que se observa que os jovens da Europa Ocidental não tinham, na sua maioria, qualquer "ligação com uma igreja ou comunidade

---

[6] GUERRA, Augusto – *Movimentos actuais de espiritualidade*. In DICIONÁRIO de Espiritualidade. São Paulo: Edições Paulinas; Ed. Paulistas, 1989, p. 810.
[7] DECOURT, Georges – *Como conduzir uma acção pastoral.* Coimbra: Gráfica de Coimbra Lda, 1998, p. 23.

espiritual, isto não quer dizer que os jovens não estivessem à procura de um sentido para as suas vidas e de uma realidade espiritual"[8].

Do que dissemos até aqui, podemos concluir com uma ideia que nos mostra a realidade vivida nesta Europa, a que chamam de privatização do sentido religioso, verifica-se que mesmo naqueles crentes praticantes, há uma separação entre o sentimento de pertença a uma igreja e a aceitação das normas. Resultante deste fenómeno é a "apropriação individual da ética onde cada um julga o que quer crer"[9].

Tudo isto é fruto de três realidades, embora se possam apresentar mais, que não podemos deixar de referir. A saber:

a) O diálogo entre as religiões, que levou a algumas aproximações, mas que por outro lado encontrou muitos obstáculos e de grande importância;

b) O florescimento e multiplicação das seitas, que criaram um crescente de membros e do seu poder económico e continuarão certamente enquanto tiverem propostas de ajuda moral, experiências de cariz emocional e uma vida de grupo sólida;

c) O Budismo, que oferece ensinamentos contemplativos[10].

Depois do que falamos, podemos verificar que o homem continua desorientado, na busca de sentido.

2.1 – O modelo que melhor evoca o pensamento pós-moderno

Os presentes dias nos revelam que cada vez mais se procuram experiências sobrenaturais extraordinárias.

O paradigma apontado é a New Age (Nova Era), movimento que inicia o seu percurso nos Estados Unidos datado dos anos setenta. O seu ideal e essência residem na proposta de uma supra religião mundial.

---

[8] Organização Mundial de Movimento Escutista. *Estratégia: Tendências*. Edições CNE, 1996, p. 34.
[9] *Ibidem,* p. 34.
[10] Cf. *Ibidem,* p. 34-35.

Este movimento que alguns chamam de espiritual ou de espiritualidade tem tido um papel sedutor nas comunidades cristãs e em particular na Igreja Católica com diversos agentes de pastoral a adoptarem expressões e experiências próprias deste movimento. Contando com Carl Roger e Edgar Morin, e outros ilustres cientistas, a título de exemplo, valorizando estas experiências e as tornaram credíveis.

A New Age não é considerada nem uma religião propriamente dita nem tão pouco um movimento individualizado, dando sim a imagem de um movimento complexo no respeitante à espiritualidade. Apresenta-se-nos como uma amálgama de elementos do hinduísmo, do budismo, do islamismo e, por último, dos índios americanos.

A consistência em que assenta a New Age e aceite pelos seus seguidores manifesta-se na tolerância e no pacifismo, como reacção às carências sociais, sendo o capitalismo, o imperialismo e o racionalismo. Contrariando o que comummente ouvimos dizer sem sofrimento, não pode haver crescimento humano e espiritual autênticos, a New Age apresenta-se como a fuga ao sofrimento[11].

Podemos perceber que a New Age parte da "actual sociedade de consumo e pluralista, pretensamente universal e anti-intitucional"[12].

Para uma maior compreensão temos que saber a característica central do movimento e também a mais profunda. São elas a "interpretação do sentido da história, a sua chave de compreensão do desenrolar dos acontecimentos"[13]. Que levará a que se pense que as causas que movimentam a história resultam da astrologia, levando e elevando todos os seus membros a consequências psicológicas, defendendo que o espírito brota dos astros e que anima o ser humano, sendo este espírito anónimo e impessoal. No campo racional o espírito não é mais que uma força irracional e afectiva, levando a criar a ideia de uma

---

[11] SOARES, J. A. Silva – *New Age e Movimentos Afins.* In Separata de Itinerarium. Ano XLVI nº 167, Maio – Agosto 2000, p. 345-349.
[12] DUQUE, João Manuel – *O excesso do Dom: Sobre a identidade do cristianismo*. Lisboa: Alcalá, 2004, p. 214.
[13] *Ibidem,* p. 214.

felicidade fácil e “alegre”. É aqui que percebemos o regresso, que este movimento pretende implementar, da cosmologia antiga[14]

Dentro de tudo o que dissemos, não podemos esquecer o que será quanto a mim o cerne da questão no que respeita à New Age. Esta, de facto, surge e apresenta-se, perante a dessacralização actual que tem a ver com a perda de valores religiosos, e ainda maior a perda de um mostrar-se como testemunho evangélico, é sem dúvida o rosto de uma mensagem que fascina para todos aqueles que vão procurando o supersensível. Sem nos apercebermos a New Age apresenta-se como um vazio doutrinal, em que a superficialidade é de grande importância como também o relativismo moral tornando-a por isso permeável em todos os ambientes, podendo aplicar-se à New Age o conceito de transversalidade[15].

2.2 – A espiritualidade em Portugal no contexto pós-moderno

Quando procuramos uma análise cuidada no que se refere à espiritualidade, ressalta-nos à memória todos aqueles momentos vividos e experimentados por muitos homens e mulheres, contados na primeira pessoa, em que à partida verificamos ser uma amálgama de ritos e culturas no mesmo momento, quase nos parece passar por vários espaços de oração aproveitando desde logo esta tendência pós-moderna de que existe o Deus de tudo o que é natural, como a própria energia que cada um transporta consigo, esquecendo o Deus de Jesus Cristo que é bem mais exigente.

Tudo isto também se vive em Portugal, e se experimenta nas nossas eucaristias, orações e outros momentos celebrativos. Muitas vezes aparece como promoção e proposta de religiosos, religiosas e párocos, com o intuito de assim reunir o rebanho no redil.

---

[14] cf. *Ibidem,* p. 214.
[15] JANEIRO, Francisco de Medeiros – *Em tempo de Evangelização: Religião e Religiões*. Lisboa: Paulinas, 2003, p. 283.

D. António Marto apresenta-nos as principais características do que estamos a viver e que faz parte intrínseca do pensamento de muitos cristãos católicos. Assim, começa por elencar que a religiosidade tem como primeira característica o aspecto "estético e emotivo, por procurar a verdade estética, aquela que agrada e seduz"[16]. Como segunda característica a religiosidade apresenta-se "vaga e difusa, sem verdades doutrinais e convencionais, sem um Deus pessoal"[17].

Uma terceira característica é ser "flutuante, sem instituições, é do indivíduo pura e simplesmente"[18].

Como quarta característica apresenta-se "sincretista, uma espécie de cocktail feito de elementos de várias religiões"[19].

Em quinto ponto verificamos uma religiosidade "privatizada, onde cada um escolhe aquilo que corresponde mais à situação em que se encontra"[20].

Como sexta característica, apresenta-se como "narcisista e light, porque procura o bem-estar e é alérgica a tudo o que possa pôr em causa o sacrifício"[21].

Sétima característica é-nos apresentada "esotérica, que anda à descoberta da sabedoria, criatividade e poderes ocultos que estão no próprio sujeito"[22].

A oitava característica aponta para a "místico-cósmica, porque procura viver uma experiência de fusão com o divino, entendido como energia cósmica"[23].

Em nona o autor definiu como característica a posição "reincarcionista, porque a reincarnação aparece como uma hipótese para o máximo desenvolvimento do potencial humano"[24]. Finalmente, em décima a religiosidade tem a característica "neo-pagã, pela preferência das religiões orientais e pré-cristãs"[25].

---

[16] MARTO, António – Pós-modernidade: retorno do religioso e evangelização. In PASTORAL CATEQUÉTICA. 1, 2005, 27.
[17] *Ibidem,* p. 27.
[18] *Ibidem,* p. 27.
[19] *Ibidem,* p. 27.
[20] *Ibidem,* p. 28.
[21] *Ibidem,* p. 28.
[22] *Ibidem,* p. 28.
[23] *Ibidem,* p. 28.
[24] *Ibidem,* p. 28.
[25] *Ibidem,* p. 28.

Como pudemos ver esta mentalidade e cultura não faz de Portugal um país diferente, mas também não faz dele moderno, o que podemos concluir é que vamos falando de espiritualidade e da vida espiritual em vários sentidos e direcções mas esquecemo-nos do espírito, aquele de que nos fala o Evangelho, e que faz com que aconteça em cada um de nós o verdadeiro anúncio do Evangelho.

3 – A identidade do fenómeno da vida espiritual

Não podemos falar de espiritualidade sem falar no espírito. Por conseguinte, a vida espiritual é uma realidade análoga, que se verifica em diferentes formas. A concepção da vida espiritual corresponde ao conceito de espírito e de espiritual, do qual deriva o sentido do termo abstracto de espiritualidade, que é aplicada a vários fenómenos.

"O termo espiritual é um vocábulo típico da linguagem cristã, da cultura católica. A palavra espiritualidade é considerada fruto da modernidade no século dezassete; mais concretamente, da escola espiritual francesa. Contudo, ela aparece na literatura cristã anterior, nomeadamente, num texto de Plágio, do século quinto, em que dizia «Age, ut in spiritualitate proficias»"[26], que em português e traduzido à letra quererá dizer, Age em ordem a progredir em espiritualidade, pelo que pude perceber, esta frase é bastante importante para a história da espiritualidade, na medida em que é uma das mais antigas e raras ocorrências da palavra espiritualidade.

Radicalmente a espiritualidade é uma dimensão do "homem que se entende a si mesmo como espírito, e como espírito se define"[27].

O espírito é o "nous" da cultura grega desde Anaxágoras até Plotino[28], onde o ser se faz patente na sua totalidade.

---

[26] GAMARRA, Saturnino – *Teologia Espiritual*. Biblioteca de autores Cristianos. Madrid, 1994, p. 33.
[27] *Ibidem,* p. 34.
[28] Cf. *Ibidem,* p. 34.

Espírito é o "pneuma dos cristãos"[29]. O cristão é o homem espiritual. Este termo, usado na linguagem de São Paulo, designa o centro da existência cristã criado pelo Espírito Santo. O cristão foi também designado com o termo "espiritual" pela tradição[30].

Os modernos reconhecem que espírito é a síntese "subjectiva-objectiva" do ser como o apresentou Hegel[31].

4 – A espiritualidade cristã

Para todo aquele que acredita e se identifica como cristão tem a sua raiz na espiritualidade evangélica. São Paulo em várias cartas a todos aqueles a quem anunciou a mensagem de Cristo vai insistir que ser cristão é estar em Cristo e viver em Cristo. Mas tudo isto só será possível se existir uma relação profunda da filiação divina, isto porque somos filhos no Filho e na relação da fraternidade, isto porque somos irmãos em Jesus. Aqui reside e se baseia a solidariedade de todo o homem (Rm 8,14; Gl 3,26; 1 Jo 3,1)[32] .

A configuração da subjectividade existencial do cristão, realizada pela relação da filiação divina e a fraternidade, assumida e vivida pelo crente, é raiz da espiritualidade cristã[33].

Mas esta espiritualidade cristã deve ser compreendida como:

a) Algo que nasce e vive da auto-comunicação do amor de Deus Pai ao crente, a quem diviniza e humaniza, tornando-o participante da vida de Deus;

b) Comunhão de vida; gerada pela acção do Espírito Santo e pela força regeneradora da palavra de Deus que promove o ser do homem criado para ser imagem e semelhança de Deus;

---

[29] *Ibidem,* p. 34.
[30] Cf. *Ibidem,* p. 34.
[31] Cf. *Ibidem,* p. 34.
[32] BÍBLIA DOS CAPUCHINHOS – *Leitura interactiva da bíblia em CD-Rom*, 2003. Quando for feita qualquer referência, as citações são extraídas do CD-Rom.
[33] Cf. GAMARRA – *Teologia*, p. 43.

c) A nossa identificação com Cristo, porque a vida cristã é um viver em Cristo, correspondente ao nosso ser em Cristo.

Podemos concluir dizendo que a espiritualidade cristã é a vida divina que se vive e que transfigura o ser profundo do homem. Esta vida divina surge sob a forma do nascer de novo, ou do nascer do espírito (Jo 3,3-7) e tende a crescer até à parusia. Para São Paulo a espiritualidade brota da nova criação (2 Cor 5,17).

4.1 – Deformações do conceito da espiritualidade

Este conceito de espiritualidade nem sempre foi consensual levando a deformações provenientes de observações e de alguns fenómenos anormais analisados pela sociologia e psicologia, seguidos de perto por inquéritos realizados por pretensos espirituais.

A espiritualidade foi vista desde sempre pela maioria dos fieis leigos como algo que obedece a regras e normas que se concretiza em momentos piedosos levando a que cada um se eleve a Deus, das formas mais variadas, mas sempre tendo presente a exaltação ao sentimento ao que acontece no nosso interior.

Por isso, como todos somos diferentes também diferente é a forma de apresentarmos a nossa espiritualidade. Esta pode apresentar-se como:

a) Espiritualidade de elite para cristãos de grau superior[34].

b) Espiritualidade com expressão de "narcisismo individual ou comunitário, imagem proveniente da espiritualidade individual ou de grupo que se centra em si mesmo"[35].

c) Espiritualidade que "é identificada e vista como uma ideologia que se utiliza como forma de manipulação"[36].

d) O querer "privatizar a espiritualidade que favorece o intimismo, descuidando a sua solidariedade e compromisso sócio-político"[37].

---

[34] Cf. *Ibidem,* p. 28.
[35] *Ibidem,* p. 29.
[36] *Ibidem,* p. 29.

e) Espiritualidade que se transforma em raíz do fanatismo, quando se torna espiritualidade intolerante que leva à exclusão.

f) Espiritualidade que leva à alienação própria de pessoas débeis, sendo um recurso psicológico que proporciona segurança, serenidade e afirmação, encobrindo, porém, realidades interiores profundas de desequilíbrios das pessoas[38].

g) Espiritualidade, fruto da frustração, à qual recorre o homem angustiado pelo sentimento da culpabilidade, pela consciência da miséria moral, ou pelo medo das situações limite[39].

Estes conceitos erróneos ou deformados da espiritualidade surgem de observações de fenómenos concretos, mas não expressam a verdadeira espiritualidade.

Na verdade, temos vindo a observar e cada vez com mais regularidade, pessoas e sociedades que apresentam formas de estar na vida que não deixam de marcar todos aqueles que com eles vivem e trabalham e que de alguma forma o espírito de Deus aí está presente.

Resultante disto, pode haver uma espiritualidade agnóstica em que a pessoa é imbuída por um ideal unificador nos vários níveis da existência transcendendo-se até um ideal ético, que não implica uma relação explicita com Deus, mas a conquista da valor último, a que se pode chamar de filantropia.

Será uma espiritualidade religiosa quando existe um unir e um auto-transcender relacionada intimamente com Deus, ou com uma realidade última ligada ao Divino.

Será espiritualidade cristã, quando a pessoa se relaciona com o mistério de Cristo num processo integrador e auto-transcendente despertado pelo valor último.

---

[37] *Ibidem,* p. 29.
[38] *Ibidem,* p. 30.
[39] Cf. *Ibidem,* p. 31.

4.2 – Características da espiritualidade actual

Sem pretendermos absolutizar os factores psicológicos, sociológicos e culturais da espiritualidade de uma época ou situação, reconhecemos que espiritualidade é uma vida que se vive num contexto sócio-cultural.

Tendo em conta as experiências vividas pelas diversas culturas e épocas, mais concretamente a modernidade e pós-modernidade, quis configurar e caracterizar a espiritualidade dos nossos dias segundo a dinâmica da Encarnação do viver em Cristo pelo Espírito.

Nos dias de hoje encontramos traços da mentalidade moderna, como sendo: "a racionalização da vida natural e social; a economia como centro produtor das relações sociais; a visão do mundo descentrado, dessacralizado e pluralista; a razão fragmentada; a autonomia individual; o primado da visão científico-positiva"[40]. Esta mentalidade também reflecte o carácter positivo, como; "a autonomia da consciência; a aspiração à felicidade; a dignidade da pessoa; a estima pela vida humana; a concepção democrática da vida em sociedade; o direito à liberdade religiosa; a aceitação do pluralismo e o regresso do religioso"[41].

No que respeita à mentalidade da pós-modernidade é-nos apresentado "o historicismo relativista, o politeísmo de valores, a superação do religioso, o hedonismo individualista e a superação da razão"[42].

Os bons resultados da cultura da pós-modernidade marcantes da espiritualidade dos nossos dias apresentam-se como "o fim do optimismo do iluminismo, a procura de um novo humanismo, a experiência do silêncio de Deus como nota colectiva do espírito, a estética como caminho de acesso ao mistério, a via da gratuidade"[43] e a praxe que dispõe do primado no horizonte cultural do conhecer e do compreender a transformação histórica da sociedade.

Quer a modernidade quer a pós-modernidade contêm em si o processo de evolução da pessoa, como marco importante na sua espiritualidade, não

---

[40] *Ibidem,* p. 44.
[41] *Ibidem,* p. 44.
[42] *Ibidem,* p. 44.
[43] *Ibidem,* p. 44.

reduzindo a complexidade da pessoa a um mero processo, mas à integração progressiva das dimensões psicológico-subjectiva, psico-social, existencial e espiritual, assumindo a vida com a sua profundidade e novidades.

Tendo em conta os condicionamentos da cultura moderna e pós-moderna, acima referidos, a espiritualidade de hoje caracteriza-se pelos seguintes aspectos:

4.2.1 – Uma espiritualidade que verdadeiramente seja integradora

É sem duvida o princípio da espiritualidade, pois é seu dever "apresentar-se como integradora da pessoa. É neste contexto que se pede actualmente e com grande insistência uma espiritualidade personificada"[44], de forma a proporcionar ao homem um verdadeiro conhecimento de si, que o levará ao encontro do outro.

4.2.2 – Uma espiritualidade que resulta da experiência pessoal de fé

Hoje deparamo-nos com o homem a viver experiências com grande intensidade mesmo as espirituais. Arrastando consigo em primeiro lugar a vivência de submissão a estímulos dos sentidos aceitando apenas e tão somente o que se experimenta, por outro lado não aceita o decréscimo da intensidade da experiência.

Dentro disto existe uma forte corrente, que voltou a valorizar a experiência, apresentando-a não como "oposição à fé mas como sua encarnação"[45].

Tudo isto está sustentado primeiro pela mesma vida do homem; segundo pela mentalidade das ciências naturais que se apoiam na experiência desconfiando das construções ideológicas; terceiro pela mentalidade da pós-modernidade, caracterizada pelo afastamento de todo o tratamento objectivista do absoluto, aceitando a supremacia da experiência face ao pensamento discursivo para atingir a mesma realidade e por último, a dimensão histórico-salvífica da revelação.

---

[44] *Ibidem,* p. 47.
[45] *Ibidem,* p. 47.

Tudo isto só será possível entender-se como "presença vivida e como encontro de comunhão com Deus"[46].

4.2.3 – Espiritualidade que se desenrola com a vida e com o mundo

Verifica-se uma desconfiança grande que nos leva a catalogar tudo aquilo que exige grande afastamento da vivência profunda da vida, buscando em contraponto a simplicidade da espiritualidade e valorizando-a em todas as suas formas.

A verdade é que temos que evitar sobre perigo de pensar que o "encontro com Deus acontece no conteúdo cotidiano da existência e não fora dela"[47]. É de facto verdade "que o encontro com Deus acontece no concreto da existência de cada dia, mas não é verdade a sua absolutização, isto é, que o encontro com Deus não é mais que a experiência do conteúdo cotidiano da existência"[48].

4.2.4 – Uma espiritualidade dialogante e definida

A espiritualidade tem que se apresentar aberta e dialogante. Logo, à partida aberta ao pensamento pós-moderno sobre a autocrítica no que respeita ao modo como se fala de Deus, aberta ao pluralismo de visões, que leva à escuta e capacitar-se para o ecumenismo.

Não podemos esquecer que a própria Igreja acolhe o que de bom acontece e se vive. Nas outras religiões, diz ela, que "nada rejeita do que nessas religiões existe de verdadeiro e santo. Olha com sincero respeito esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas que, embora se afastem em muitos pontos daqueles que ela própria segue e propõe, todavia, reflectem não raramente um raio da verdade que ilumina todos os homens"[49].

---

[46] *Ibidem,* p. 48.
[47] *Ibidem,* p. 48.
[48] *Ibidem,* p. 48.
[49] IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1963-1965 – Declaração. *Nostra aetate, nº 2*. 10º edição. Braga: A.O, 1987, p. 345.

Para que isso aconteça é necessário definição, pois a abertura e o diálogo não são sinónimos de facilitismo, mas também não se pretende radicalismo, com ideias fixas e imutáveis, há que não cair em ambiguidade[50].

4.2.5 – Espiritualidade realista

Vemo-nos envoltos num realismo, e com razão, em que cada vez mais adeptos sensibiliza. O que vemos é que a espiritualidade integra a pessoa com tudo o que ela é.

Também a espiritualidade tem vindo a acentuar a sua fundamentação na Palavra de Deus, assim se combate a mentalidade que entrou e permanece nas mentes de todos aqueles que desconfiam do que está pré-estabelecido e que parece não apresentar um sujeito óbvio.

O realismo faz parte da vida e doutrina de Jesus.

Por último, podemos apontar os frutos e obras da espiritualidade que brotam à vista de todos num compromisso e seguimento[51].

4.2.6 – Espiritualidade fraterna e apostólica

É na comunidade que temos a percepção da presença de Jesus e é a partir da fraternidade que acontece o compromisso para com os irmãos[52]. Esta espiritualidade está fundamentada no maravilhoso texto dos Actos dos Apóstolos, que o autor nos diz que todos unidos pelo mesmo sentimento, entregavam-se assiduamente à oração, com algumas mulheres, entre as quais Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos de Jesus (Act 1, 14). Para completar o que falamos da vida fraterna e apostólica que envolvia o testemunho, eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão e às orações [...] Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. [...] Como se tivessem uma só

[50] Cf. GAMARRA – *Teologia*, p. 49.
[51] Cf. *Ibidem,* p. 50.
[52] Cf. *Ibidem,* p. 50.

alma, frequentavam diariamente o templo, partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo (Act 2, 42-47).

4.2.7 – Uma espiritualidade eclesial

Sem este sentido de eclesialidade não há possibilidade de uma vida espiritualidade cristã, pois é-lhe essencial fazendo intrinsecamente parte da identidade[53]. Esta característica cria uma união imediata ao Povo de Deus e à humanidade inteira. Para clarificar podemos dizer que algo que façamos a exemplo de uma oração, se esta não tem este cariz eclesial não é uma oração cristã.

Com o que dissemos podemos concluir que mesmo alguém encerrado num mosteiro, se vive aberto ao horizonte da igreja universal e missionária, esse vive numa total espiritualidade cristã, logo numa eclesialidade perfeita[54].

4.2.8 – Uma espiritualidade profundamente afectiva

A base em que assenta a relação com Deus e com os homens é a caridade e sem ela não há espiritualidade. Logo, se a caridade se apresenta, essencialmente, operativa é sem dúvida também, essencialmente, afectiva[55]. Para os dias de hoje a espiritualidade passa por um encantamento para ver Jesus no homem que necessita de nós[56], a exemplo do que nos diz o mesmo Jesus no Evangelho de Mateus, sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes (Mt 26,40).

---

[53] Cf. *Ibidem,* p. 50.
[54] Cf. AZEVEDO, Frei Davide de – Novas dimensões da espiritualidade, hoje. In VÁRIOS AUTORES – *Estes são os que procuram o Senhor: O desafio da espiritualidade, hoje*. Lisboa: Paulinas, 2002, p. 59.
[55] Cf. GAMARRA – *Teologia*, p. 50.
[56] Cf. AZEVEDO – *Estes são*, p. 59.

4.2.9 – Uma espiritualidade de trindade

A espiritualidade de trindade não e apenas fruto de um saber teórico, mas implica comunhão entre pessoas, daí que, "não podemos ficar apenas por reconhecer Deus, temos que cultivar uma relação pessoal e contemplativa do verdadeiro Deus de Jesus Cristo, esse Deus uno e trino"[57].

4.2.10 – Uma espiritualidade pascal

Sem Cruz não há mistério pascal, logo não podemos esquecê-la. Tudo o que nela encerra é sofrimento, sofrimento esse que faz parte da vida e nela está entranhado. Schillebeeckx diz-nos que há que enfrentar o sofrimento e recorda que este é pelos outros, pois pretendemos com isso um mundo melhor, no futuro[58].

5 – Movimentos, uma análise

Constatamos que os movimentos de espiritualidade são hoje uma crónica, por isso, há que tratá-la com aturada prudência. Não podemos julgar o fenómeno com objectividade uma vez que não existe uma distância crítica.

O fenómeno dos movimentos está a evoluir, tornando-se complexo e problemático, sendo difícil a sua análise tendo em conta os muitos aspectos a considerar.

O fenómeno a que hoje assistimos de florescimento de movimentos espirituais não é de agora, já é antigo. Podemos verificar que ao longo da história surgiram como resposta a uma certa insatisfação religiosa.

---

[57] GAMARRA – *Teologia,* p. 51.
[58] Cf. *Ibidem,* p. 51.

Surgem, fruto do encarnar numa infinidade de intervenções do Espírito, dando origem a um infindável número de associações, fraternidades, grupos e movimentos, pretendendo responder, evangelicamente, a situações concretas, como resposta a instâncias eclesiais, que não podiam ou sabiam, responder.

O cardeal Ratzinger, agora Papa Bento XVI, apresenta-nos cinco momentos que marcaram a história com o aparecimento de novos movimentos.

1º momento: O monaquismo missionário, que levou todos aqueles que queriam viver radicalmente o Evangelho, a fugir das cidades e procurar o deserto.

2º momento: A idade média, que radica na vivência da pobreza e/ou oração. Destacamos aqui as ordens mendicantes como os Franciscanos e Dominicanos.

3º momento: A época moderna, realçando o humanismo antropocêntrico, a busca do prazer e da riqueza, leva ao surgimento de movimentos de penitência e flagelantes.

4º momento: Na época contemporânea surge, a partir de um homem ou mulher imbuídos pelo espírito, grande número de movimentos, dando um contributo importante para a vida e para a actividade da igreja.

5º momento: Corresponde à segunda metade do século vinte, que a par das formas associativas de vida cristã que vinham dos anteriores momentos, deu origem aos chamados novos movimentos eclesiais e novas comunidades[59].

Poderíamos pensar que é dado adquirido que a história se mede quanto a sua riqueza e grandeza, pelo envolvimento e desenvolvimento técnico. Pois bem, não poderíamos estar mais enganados, pois foi, é e continuará a ser de grande importância as tendências espirituais e as preocupações que lança aos homens de cada tempo e lugar.

Com o surpreendente progresso das ciências e com elas a psicologia, a espiritualidade que poderia tornar-se egoísta e subjectiva, mas com peso e medida a psicologia ajudou ao amadurecimento cristão e ajudou à compreensão

[59] Cf. CANAVARRO, António Abel Rodrigues – Novos movimentos de espiritualidade e interpretação pastoral. In HVMANISTICA E TEOLOGIA. Faculdade de Teologia. TOMO XXV. Fasc. 2. Porto, 2004, p. 273-275.

no campo dos espíritos. O que levou a que se pudesse concluir que de facto a graça não destrói a natureza mas que a eleva à perfeição[60].

5.1 – Definição de movimento

Depois de alguma análise sobre a evolução histórica dos movimentos, embora de uma forma sucinta, a pergunta assalta-nos: Que se entende, hoje, por movimentos? A resposta é-nos dada pelo próprio Papa João Paulo II aquando da mensagem aos participantes do Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais, em Maio de 1998 onde afirmava que "o termo é com frequência referido a realidades diversas entre si, às vezes, até por configuração canónica.

Se, por um lado, ela não pode certamente exaurir nem fixar a riqueza das formas suscitadas pela criatividade vivificante do Espírito de Cristo, por outro, porém, está a indicar uma concreta realidade eclesial de participação prevalentemente laical, um itinerário de fé e de testemunho cristão, que assenta o próprio método pedagógico sobre um carisma preciso dado à pessoa do fundador, em circunstâncias e modos determinados"[61].

O termo movimento também designa, historicamente falando, um conjunto de grupos eclesiais.

O que se vai seguir ao Consílio Vaticano II (a partir de agora Vat II), vai deixar alguns dos grandes movimentos que até então tinham uma importância à escala mundial, em crise.

Por outro lado fruto da renovação conciliar e da sua eclesiologia de comunhão, aparecem por todo o lado inúmeras experiências grupais, comunitárias, mais interessadas na vida de comunhão dos seus membros ou, noutros casos, na missão evangelizadora.

---

[60] Cf. GOFFI, Tullo; SECONDIN, Bruno – *Problemas y perspectivas de espiritualidad.* Salamanca: Sígueme, 1986, p. 121.

[61] JOÃO PAULO II – *Mensagem do Papa João Paulo II aos participantes do congresso mundial dos movimentos eclesiais,* nº 4. http://www.Vaticano.va/phome_po.htm, 27 Maio 1998.

Essas realidades são aquilo a que hoje chamamos, efectivamente, de movimentos. É que mesmo arriscando uma definição podemos dizer que é "um grupo de cristãos que, partindo de sua própria iniciativa ou por orientações de outros, coordenados pelo serviço da hierarquia, começam a viver a um nível intenso a realidade eclesial, realizando na prática a união entre si e com os demais cristãos, a acção missionária, o aprofundamento da sua fé, a expressão litúrgica e cultural, e se comprometem na vida real para a transformar com o fermento do Evangelho"[62].

5.2 – Movimentos de espiritualidade hoje

Surpreendemo-nos ao saber a quantidade de movimentos surgidos nos últimos cem anos, período de um progressivo neo-paganismo.

Surgem de todas as partes do globo, com incidência a partir da Segunda Guerra Mundial. A importância é tal que irá levar os padres conciliares, do Vat II, a uma sensibilidade para o estudo da espiritualidade do laicado. Perante isto, o próprio Papa Paulo VI criou o Pontifício Concelho para os Leigos.

A exortação apostólica Cristifideles Laici (a partir de agora CL), de 1988, fixa e reconhece publicamente a autoridade eclesial dos movimentos e considera-os como "dons do Espírito Santo à Igreja"[63]. Mas na verdade, também a Igreja reconhece que os movimentos não são iguais e que podem ser apresentados com inúmera diversidade.

5.2.1 – Diversos tipos de Movimentos

Para se perceber os movimentos é necessário ter presente que se está diante de um tipo ou outro de movimento.

---

[62] NUNES, José – *Os movimentos na cidade*. ESPÍRITO NA CIDADE, ensaios. Semana de Estudos Teológicos. Faculdade de Teologia de Lisboa. Lisboa: Paulinas, 2005, p. 69.
[63] CANAVARRO – Novos movimentos. In HVMANISTICA E TEOLOGIA, p. 277.

Floristián, experiente pastoralista, apresenta três tipos de movimentos. São eles:

a) “As comunidades do «quentinho»”, comunidades acolhedoras, onde a comunicação interpessoal prevalece, como a fraternidade, a generosidade, o apoio e o interesse mútuo. Há uma preocupação pelo espiritual e eclesial, como o culto, a liturgia e a catequese, e um viver de testemunho, coesão e assiduidade do grupo. A dimensão socio-política é posta quase de lado. Não são afectados pela mudança de estruturas porque o importante é a conversão pessoal. Como comunidades emocionais dão muita importância às experiências pessoais, vivendo uma Igreja ad intra.

b) “Comunidades críticas”, têm toda uma existência virada para fora, ou seja, uma Igreja ad extra, vivendo para um fim social. Vivem ainda sensibilizados para um compromisso libertador, face às injustiças e aos marginalizados. Pode-se pensar que a necessidade de estar juntos não é sua prioridade, e por isso, a comunidade não se sente como grupo de amigos, logo não há necessidade afectiva de estarem juntos, mas sim de irmãos que se tornam próximos dos desfavorecidos. São reconhecidos pela sua tensão crítica e dialéctica com a Igreja institucional.

c) Outros movimentos. Este grupo engloba todos aqueles que não pertencem aos dois modelos apresentados acima, onde estão integrados todos os grupos e movimentos. Tais movimentos caracterizam-se pela sua hibridez, ou seja, são modelos de comunidade intermédia ou mista, valorizando a comunhão e a afectividade ou o sentido político e social.

Estes movimentos têm maior sucesso quanto melhor for o processo de iniciação ao grupo, apresentando um projecto equilibrado mas reduzido na dimensão comunitária, com desafios claros ao compromisso social. A base do seu projecto é a de uma Igreja compreendida como comunhão fraterna[64].

O movimento alvo do nosso estudo inclui-se neste grupo, aparecendo registado no repertório das Associações Internacionais de Fiéis, do Conselho

[64] Cf. NUNES – *Os movimentos*, p. 70-71.

Pontifício para os Leigos[65]. Também nos é referenciado como movimento de espiritualidade e de apostolado familiar, que deve ser estudado de perto[66].

5.3 – Globalização dos movimentos

São muito poucos os movimentos de espiritualidade que hoje se confinam a uma diocese ou país, contrariando o que acontecia nos antigos movimentos. A este presente fenómeno está intimamente ligada a catolicidade, que tem como fundamento a universalidade dos mesmos, de forma a tornarem-se, hoje, movimentos intercontinentais, seguindo o que diz o Evangelho, ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura (Mc 16, 4). E ainda, fazei discípulos de todos os povos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo o que vos mandei; e sabei que Eu estarei convosco até ao fim dos tempos (Mt 28, 19-20).

Este expansionismo deve-se, um pouco, à aldeia global em que nos encontramos, devido à ciência e à técnica.

5.4 – Objectivos prioritários, especificidade

Embora dentro da espiritualidade possamos encontrar três modelos desta vivência espiritual, como sendo: os grupos que têm como característica um reger-se por certa espontaneidade, na sua forma de estar com os demais membros, na formação e no desenvolvimento, na adesão e no ritmo, nos conteúdos das reuniões e nos objectivos concretos e imediatos e por último na disciplina. Em oposição à anterior, as associações que são de longe mais estruturadas e rígidas.

---

[65] Cf. Asociaciones Internacionales de fieles; REPERTÓRIO. CONSEJO PONTIFICIO PARA LOS LAICOS. Libreria Editrice Vaticana, 2005, p. 118-119; 121-122. Neste repertório figura o Escutismo e Guidismo, como fazendo parte dos movimentos laicais que integram a vida da Igreja.
[66] Cf. GAMARRA – *Teologia*, p. 24.

Neste trabalho vamos confinar-nos aos movimentos, que é o terceiro modelo, uma vez ser este o alvo do nosso estudo.

Os movimentos são caracterizados, primeiro por não lhes faltarem estruturas institucionais, mas mais importante, e é isto que os define, é a congregação dos elementos em redor de uma ideia força que leva os seus membros à acção. A isto chama-se mística e é esta mística que leva os membros a congregarem-se em volta de uma figura carismática. Esta figura não nasce do nada mas, primeiramente, viveu ela esta mística, que continuamente propõe.

Não vamos dizer que as normas não são importantes mas, para o movimento, o mais importante é o ideal a seguir e um corpo de doutrina que leve à acção.

Por isso, podemos ver que não se trata de algo estático e rígido, mas algo que caminha e faz caminhar, e vai respondendo, adaptando-se, claro, às exigências dos nossos dias[67].

6 – Que missão da Igreja na espiritualidade cristã

Não podemos deixar de questionar qual o papel da Igreja e qual a missão desta na espiritualidade cristã.

No ser e agir da Igreja encontramos três dimensões ou pilares inseparáveis e fundamentais desta missão, são eles: o mistério, a comunhão e a missão. A vida de cada cristão está, radicalmente, configurada pela e com a missão da Igreja.

Seguindo o que nos diz o decreto Ad Gentes (a partir de agora AG) nº2 que a igreja mistério incluiu a igreja missão, porque ela nasce da missão de Jesus Cristo, fazendo cumprir o desígnio do Pai.

[67] Cf. CANAVARRO – *Novos movimentos.* In HVMANISTICA E TEOLOGIA, p. 278.

Também a comunhão implica a missão porque a missão é fruto e fonte da comunhão, e a comunhão é missionária, porque é convocada para ser enviada em todos os seus membros, cada qual segundo a sua vocação na Igreja.

A Missão é o princípio de identidade da Igreja, porque a Igreja é sacramento universal da salvação tendo como pólos de referência Cristo, a quem pertence e aos homens a quem tem de servir e comunicar a vida nova Lumen Gentium (a partir de agora LG) nº48.

Sendo a missão princípio da identidade da Igreja, será também princípio de identidade do cristão, vivendo a missão desde a comunhão e na comunhão com a Igreja.

6.1 – A perfeição cristã, o ideal da vida espiritual

Para que o que dissemos, anteriormente, subsista há que fazer um longo caminho, como diz o ditado popular: faz-se caminho caminhando. Exemplo disto são os nossos antepassados que durante quarenta anos andaram errantes e deambulando pelo deserto, para finalmente e ao fim de muitos anos chegar à terra prometida, terra essa de leite e mel (Ex 16ss). A todo este tempo chamamos de preparação ou aperfeiçoamento. Hoje, é possível não necessitar de tantos anos de caminho, mas a verdade é que a nossa vida será sem dúvida um caminhar em direcção à perfeição, em todos os níveis da pessoa humana, perfeição esta que passa também pela perfeição cristã.

O Vat. II apresenta a santidade como o ideal da vida espiritual (LG capítulo V 39 e 41), além desta apresenta outra terminologia, como sendo a de perfeição da caridade, referente à plenitude da vida cristã (LG 40). Apresenta o termo perfeito como sinónimo de santo, contudo, a perfeição é vista numa perspectiva antropológica da vida espiritual, logo caracterizada por um princípio e um fim. Contrariamente, a santidade aponta para a dimensão divina da vida espiritual.

O Concilio Vat II compreende que o termo perfeição está, estritamente, ligado a um sentido teologal, porque este é o único justificativo do ideal evangélico da vida cristã: Sede perfeitos como perfeito é o vosso Pai (Mt 5,48). Mas, a perfeição foi percebida no sentido moral, levando à criação de um modelo de perfeição, como sendo os exercícios heróicos das virtudes.

Tendo em conta que afirmamos, não devemos reduzir este termo perfeição da vida espiritual apenas às qualidades humanas e aperfeiçoamento psicológico da pessoa[68].

6.2 – A santidade, o ideal da vida espiritual

O Vat. II, na (LG), reconheceu como ideal da vida espiritual dos seus membros, a santidade (LG capítulo V 34-41). Tendo em conta a dinâmica e o ideal da vida espiritual, soube reunir a linguagem tradicional, associando as diferentes perspectivas da tradição.

A santidade, para além de uma expressão bíblica, foi, amplamente, utilizada na tradição teológica e espiritual, manifestando o ideal cristão da vida.

A característica fundamental do Mistério de Deus é a santidade. Isto, não pode, de forma alguma, representar para cada um de nós a separação e afastamento de Deus do profano. Tudo é santo, porque Deus criador é Santo.

Neste sentido toda a criatura é essencialmente divina, porque existe uma profunda relação com o Deus Santo. Partindo sempre da iniciativa divina, levando por último à santidade cristã, fruto da relação e união de Deus com Cristo. Logo, se estamos em Cristo, estamos santificados e, por conseguinte, chamados à santificação (1 Cor 6, 11)[69].

A verdadeira santidade é colectiva porque ela é vivida em primeiro lugar na Igreja, o que nos leva a dizer que, quem quer ter acesso à santidade terá que estar em união com a Igreja, numa linha de pertença.

---

[68] Cf. GAMARRA – *Teologia,* p. 184-196.
[69] Cf. SALVADOR – *Caminos*, p. 247-248.

Esta pertença é inicialmente carregada de consequências. O que sabemos é que pelo baptismo fomos colocados numa posição privilegiada de inserção na santidade de Deus através de Jesus Cristo e do seu Espírito, mas é redutor, se a nossa vida não for mais que isto ou seja se levarmos uma vida pautada por um minimalismo ético, e uma religiosidade de verniz, que não passa da superfície.

Para que esta radicalidade tenha sentido temos que seguir o que Cristo nos propõe de sermos perfeitos (Mt 5,48)[70].

6.3 – O seguimento de Cristo, uma exigência

A santidade de que temos vindo a falar só fará sentido, desde que percebamos que para se ser verdadeiramente cristão há que seguir a Cristo, e assumir o ser em Cristo e viver em Cristo.

O ideal da imitação de Cristo foi proposto na espiritualidade cristã no decorrer da história.

Efectivamente, o ideal cristão da santidade e da perfeição inclui sempre o seguimento de Cristo. Se não se tiver presente este facto, não perceberemos que missão a Igreja nos propõe, de forma, a que ela possa ser verdadeiramente profética nos nossos dias.

O seguimento e imitação de Cristo têm uma dimensão essencial que fomos, ao de leve, tratando como sendo a relação íntima e pessoal com o Deus de Jesus Cristo. Essa relação não fica fechada nessa única relação, homem e Deus, o que podemos verificar é que é um dom e como tal se irradia, difunde, contagia a toda a humanidade. O que nos leva a concluir que a santidade é um mistério e implica uma missão. Essa missão é sem dúvida fruto do Espírito[71].

---

[70] Cf. ROCHA E MELO, Luís – *O Vento sopra onde quer. Notas de Espiritualidade*, Braga: Editorial A.O, 2001, p. 35-36.
[71] Cf. SALVADOR – *Caminos*, p. 248-249.

6.4 – Missão profética da Igreja

A missão profética da Igreja não pode ter dinamismo se não implicar o testemunho da sua esperança, reflectindo e traduzindo em actos e palavras o que se vive.

A modernidade e pós-modernidade trouxeram tanto desencanto, que só a vivência de uma espiritualidade da esperança pode lançar pontes para a Nova Evangelização (a partir de agora NE).

Nesta linha podem observar-se alguns aspectos como:

a) O surgir de uma opção pelo novo que nasce, pois a verdade é que o Espírito continua a dinamizar a humanidade que caminha e faz caminho, caminhando.

b) Um assumir de tudo aquilo que está a emergir, como sendo a nova sensibilidade para os valores evangélicos.

c) Um espírito crítico a tudo o que não seja evangélico, mas com esperança, tendo presente utopias ideológicas, ou seja, demagogia política, ou como materialismo consumista.

d) Garantir um advento interior, fruto desta espiritualidade da esperança, que leva à vivência responsável na esperança de uns novos céus e uma nova terra (2 Pe 3,13).

e) O manter viva a tensão entre o presente e o futuro, o provisório e o definitivo, assumindo com humildade a condição de peregrino neste mundo.

Podemos assim concluir que viver em Cristo é sinónimo de viver em missão, por isso é necessário ser e viver em Cristo na Igreja. E quem vive em Cristo é filho, logo vive uma relação de irmão, no filho, logo assume toda a missão participando nela como nos diz o Evangelho, como o Pai me enviou eu também vos envio (Jo 20,21). Isto leva a que a espiritualidade do cristão consista em viver o mistério de Cristo enviado[72].

---

[72] Cf. GAMARRA – *Teologia*, p. 83.

Capítulo II

ESCUTISMO

UM MOVIMENTO COM ESPIRITUALIDADE

É com o ideal de esperança testemunhal de peregrino e forasteiro que nasce o Escutismo pela mão de Robert Baden Powell (a partir de agora BP). É partilhando de uma espiritualidade que iremos ter o prazer de ao longo deste capítulo fazer menção, primeiro numa visão do seu fundador e depois numa visão de um Escutismo Católico.

Iremos perceber a necessidade de voar mais alto e ir mais longe do que a simples afirmação de BP, "precisamos de formar rapazes e raparigas que amem a Deus"[73].

1 – Baden Powell, breve itinerário

Nasceu em Londres, a vinte e dois de Fevereiro de 1857. O seu pai, reverendo Baden Powell, foi professor em Oxford e viria a morrer tinha ele três anos, ficando a sua mãe com sete filhos. Sentiu frequentemente dificuldades, mas o amor entre mãe e filhos superou tudo.

[73] CONFERÊNCIA INTERNACIONAL CATÓLICA DO ESCUTISMO. *O escutismo instrumento de participação de desenvolvimento da fé e da paz: Semear e Colher.* Edição CNE, 1981, p. 9.

Robert e seus irmãos, desde logo amantes da natureza, passavam os tempos que podiam em acampamentos e caminhadas ao ar livre em muitas terras de Inglaterra.

Não foi um estudante brilhante, mais foi um dos mais animados. Distinguia-se por ser um excelente guarda-redes do grupo de futebol da Cartuxa, escola que frequentava, com uma bolsa de estudo. Destacou-se com apreço pelos seus colegas na habilidade dramática, fazendo rir toda a escola com os seus espectáculos. Tinha também vocação para a música, e um dom para o desenho que o ajudou mais tarde a ilustrar os seus próprios escritos.

Lenta e cuidadosamente, BP, foi desenvolvendo a ideia do escutismo, com base no trabalho realizado como militar. E partiu, para o teste no Verão de 1907, levando consigo vinte rapazes para a ilha de Brownsea, para aí realizar o primeiro acampamento. Em 1908, publica em seis prestações quinzenais, ilustrado por si, o seu manual de instrução "escutismo para rapazes", sem imaginar que este livro ia desencadear um movimento que havia de afectar os rapazes do mundo inteiro. Com o crescente da sua obra, BP, compreendeu que estava diante da obra da sua vida. Teve a visão e a fé de reconhecer que poderia fazer mais em prol do seu país, educando as novas gerações para serem bons cidadãos, do que instruindo alguns homens para serem bons soldados. Abandonou o exército onde atingiu o posto de Tenente-General e seguiu a vida de serviço para o mundo por meio do Escutismo.

A maior recompensa que BP poderia desejar foi concretizada com a expansão do Escutismo, o amor e respeito dos rapazes de todo o mundo. Em 1912 inicia a visita a vários países sendo este o primeiro começo da fraternidade mundial, interrompida pela grande guerra e reiniciada em 1920. Quando completou oitenta anos regressou ao seu lar e, com a sua esposa, esta uma entusiasta colaboradora e Chefe das Guias criado também por BP. Instalaram-se no Quénia, onde BP, faleceu a oito de Janeiro de 1941[74].

BP era protestante, homem de fé, viva em Deus. Não dispensou a presença, a doutrina e a graça de Deus na obra da educação da juventude.

[74] Cf. BADEN-POWELL, Robert – *Escutismo para Rapazes por BP*. Publicações CNE, 2004, p. 325-333.

Segundo ele não podia crescer, elevar-se, chegar sem Deus ao fim. Ele via no escutismo, tal e qual o concebera, o verdadeiro caminho para subir até ao conhecimento de Deus.

2 – Movimento Escutista

O Movimento é uma "alegre fraternidade"[75], foi assim que BP o definiu.

No que respeita à direcção do movimento há apenas dois aspectos a considerar. Primeiro, é que é uma instituição dotada de grande elasticidade. Se um Dirigente Escutista não gosta das finalidades do movimento, tem inteira liberdade de sair e de dedicar-se a outra coisa qualquer. O outro aspecto é que há um espírito de fraternidade, um espírito de "jogar o jogo"[76], com cada qual jogando no seu próprio lugar. Mesmo que quisesse, eu não conseguiria exaltar este espírito em excesso, pois ele é a essência do sucesso num movimento como este.

"Não gosto de dar ordens"[77], não é esse o estilo, nos Escuteiros. É o sentido do dever vindo de dentro de nós que nos guia e não deve ser imposto do exterior.

O seu fundador repete várias vezes: "Que se dane o Regulamento! Chamem-lhe uma experiência!"[78].

Incumbidos do dever de ensinar a abnegação e a disciplina, pela prática das duas, os Chefes-Escutas têm, necessariamente, de estar acima de sentimentos mesquinhos, e precisam de ser homens de vista suficientemente larga para submeterem as suas próprias opiniões à orientação superior do todo.

"Não estou ansioso por um êxito moderado do Movimento, pois tenho a certeza de que há-de chegar, mas quero ver é um grande êxito, para que com o

[75] SICA, Mario – *O rasto do fundador*. Lisboa: Publicações por CNE, 1986, p. 120.
[76] *Ibidem*, p. 120.
[77] *Ibidem*, p.120.
[78] *Ibidem*, p.120.

tempo todos os rapazes deste país venham a fazer parte dele e a ser formados na cidadania"[79].

O Movimento Escutista é um movimento de crescimento espontâneo e não uma organização planeada. Surgiu dos desejos naturais dos jovens e não lhe foi imposto sob a forma de um compêndio de instrução.

"Somos um movimento, não uma organização, não trabalhamos por meio do amor e da legislação"[80].

"Irmãos somos para os nossos rapazes, e irmãos uns para os outros devemos sê-lo se quisermos fazer algum bem. O que nós precisamos no Movimento Escutista não é apenas de um simples espírito de tolerância benevolente, mas de interesse atento e de prontidão para nos ajudarmos mutuamente. As sugestões executam-se com tanto melhor boa vontade quanto melhor compreende o seu objectivo aquele que as escuta"[81].

"O nosso objectivo é descentralizar a administração tanto quanto possível, a fim de evitar a burocracia e atribuir o máximo de autonomia democrática às autoridades locais. Somos mais uma fraternidade do que uma organização, fraternidade mais movida pelo espírito e por uma lei não escrita do que por normas e regulamentos impressos"[82].

Para que possamos levar a bom porto todo este trabalho há que escutar as sábias palavras de BP: "Primeiro tive uma ideia. Depois vi um ideal. Agora temos um Movimento, e se alguns de vós não estiverem atentos acabaremos simplesmente como uma organização"[83].

2.1 – Definição

Por Escutismo designa-se o serviço e atribuições dos escuteiros, exploradores, caçadores, marinheiros, aviadores, pioneiros e fronteiros.

---

[79] *Ibidem*, p.121.
[80] *Ibidem*, p.122.
[81] *Ibidem*, p.122.
[82] *Ibidem*, p.122.
[83] CNE – As Relações Públicas Básicas para Escuteiros. Ed CNE, 1995, p. 16.

O Escutismo é uma escola de cidadania por meio da arte da vida nos bosques.

O Escutismo é uma sugestão para uma alegre diversão ao ar livre, lançada por acaso, e que acabou por revelar-se também um contributo prático para a educação.

Eis algumas das coisas que o Escutismo não é: não é uma organização de caridade para ser dirigida por pessoas da alta sociedade para benefício das crianças pobres; não é uma escola com programas definidos e critérios de exame; não é uma brigada de oficiais e soldados onde, à força de paradas e formaturas, se inculca virilidade nos rapazes e nas raparigas; não é um espectáculo onde se obtém resultados superficiais por meio de uma remuneração em insígnias de competência, medalhas e outras atribuições.

Todas estas coisas vêm do exterior, enquanto a formação escutista vem de dentro para fora.

O Escutismo é um jogo de rapazes, sob a direcção de rapazes, em que os irmãos mais velhos podem oferecer aos mais novos um ambiente saudável e encorajá-los a praticar actividades saudáveis, que os ajudarão a desenvolver o civismo.

O Escutismo não é uma ciência para estudar com solenidade, nem um conjunto de doutrinas e textos. Nem é, tão pouco, um código militar graças ao qual se instale disciplina nos rapazes ou se reprima a sua individualidade e iniciativa, à custa de formaturas e de exercícios repetitivos. Não, o Escutismo é um alegre jogo ao ar livre, onde homens-rapazes e rapazes podem, em conjunto, entregar-se à aventura como irmãos mais velhos e mais novos, colhendo saúde e felicidade, habilidade manual e espírito de serviço.

Todo o movimento pode definir-se, resumidamente, como uma Fraternidade Mundial de Serviço.

Sim, o Escutismo é um jogo. Mas por vezes ponho-me a pensar se, com toda a nossa literatura, regulamentos e inquéritos no The Scouter, conferências, cursos de formação para comissários e outros dirigentes, etc., não pareça que estaremos a fazer dele um jogo demasiado sério.

Se lhe tivéssemos chamado o que ele era, a saber, Sociedade para a Propagação das Qualidades Morais, o rapaz não se teria, propriamente, precipitado para aderir. Mas chamar-lhe escutismo e dar ao rapaz a oportunidade de se tornar um explorador em embrião, foi algo completamente diferente[84].

2.2 – Finalidade

A finalidade do Escutismo, é pegar no carácter do rapaz na fase em que o entusiasmo está aquecido ao rubro, forjá-lo devidamente, promover e desenvolver a sua individualidade, de modo que o rapaz se eduque a si mesmo para se tornar homem recto e cidadão prestável para a sua pátria.

A finalidade da formação das Guias é dar às nossas raparigas, qualquer que seja a sua condição, uma série de actividades saudáveis e divertidas que, ao mesmo tempo que fazem as suas delícias, lhes proporcionarão uma educação extra-escolar em quatro domínios particulares: carácter e inteligência, aptidão técnica e habilidade manual, saúde física e higiene, serviço aos outros e solidariedade.

A finalidade do Movimento das Guias é ajudar os pais, os professores e os pastores, facultando o ambiente desejável e actividades saudáveis fora da escola.

A formação escutista tende a fazer dos rapazes homens melhores, aliás, a fazer deles verdadeiramente cavalheiros que, na definição de Bernard Shaw, são aqueles que não esperam obter do mundo mais do que aquilo que lhes dão.

A finalidade da formação escutista é melhorar o nível dos nossos futuros cidadãos, especialmente, no que diz respeito ao carácter e à saúde; substituir o egoísmo pelo serviço, tornar os moços, individualmente, capazes, moral e fisicamente, com o fim de aproveitar essa capacidade de servir os seus semelhantes.

---

[84] Cf. SICA – *O rasto,* p. 74-77.

A nossa finalidade no movimento é dar toda a ajuda que pudermos à construção do Reino de Deus na terra, inculcando entre os jovens o espírito e a prática diária da boa vontade desinteressada e da cooperação.

A intenção do Movimento dos Escuteiros e das Guias é formar homens e mulheres como cidadãos possuidores de três dons fundamentais: saúde, felicidade e espírito de serviço.

A nossa finalidade é educar a próxima geração como cidadãos úteis e senhores de vistas mais largas do que as gerações anteriores, e desenvolver assim a paz e a vontade por meio da camaradagem e da cooperação, em substituição da rivalidade prevalecente entre classes, religiões e países que tantas guerras e convulsões tem produzido.

Consideramos todos os homens como irmãos, filhos do mesmo Pai, aos quais a felicidade só pode chegar por meio do desenvolvimento da tolerância e da boa vontade recíprocas, isto é, do amor.

O nosso objectivo último é que a próxima geração seja dotada de bom senso num mundo insensato, e desenvolva a mais elevada concretização do serviço, que é o serviço activo do amor e do dever para com Deus e o próximo.

O Escutismo visa ensinar aos rapazes como viver, não apenas como ganhar a vida[85].

2.2.1 – Os cinco pólos educativos

Para já, importa confirmar que há um conteúdo espiritual do específico escutista, a que o Fundador chamava o Espírito Escutista no Auxiliar do Chefe Escuta, obra que escreveu para os educadores do Movimento em que BP reforça a ideia de a "característica fundamental é o espírito do Movimento, e a chave que abre a porta a este espírito é o romantismo misterioso da vida nos bosques"[86]. Não passam de valores que são geradores de atitudes capazes de significar e finalizar a pessoa. Com uma proposta de assimilação do próprio processo de

[85] Cf. *Ibidem*, p. 77-80.
[86] BADEN-POWELL – *Auxiliar,* p. 38.

crescimento o escuta vê atingir a totalidade das dimensões da vida organizada pelas cinco finalidades educativas, como sendo:

a) Relação consigo próprio, enquanto corpo;

b) Relação consigo próprio, enquanto carácter;

c) Relação com o meio;

d) Relação com os outros;

e) Relação com Deus.

Esta apresentação dos cinco pólos educativos do Escutismo, ou áreas de desenvolvimento, se consideradas da perspectiva dos sujeitos em crescimento é uma interpretação do pensamento de BP. "O Escutismo visa um desenvolvimento global. BP resume esta ambição em cinco objectivos fundamentais"[87].

Para o sucesso do Escutismo há que ter presente aquilo que, a Igreja pediu e continua a pedir, o voltar à fonte mas numa leitura e abertura aos sinais dos tempos. Assim, é-nos apresentado no prefácio do livro "BP hoje" por Emile-x Visseaux, ex-comissário Nacional dos Scouts de France onde afirma, "ser totalmente fiel a este pensamento, ao espírito mais do que à letra, parece-nos a única maneira de reinventar um Escutismo novo, vivo, adaptado a cada geração"[88].

O pólo referente a Deus, apresentado como o sentido de Deus ou o desenvolvimento espiritual, pretende ser uma explicitação do pensamento de BP que, de facto, propunha aquilo a que chamava "os quatro ramos da formação escutista".

Efectivamente, esta opção de BP aparece claramente formulada, por exemplo, no Quadro analítico do Programa Escutista para a formação de bons cidadãos, inserido pelo próprio fundador no "Auxiliar do Chefe Escuta, Guia dos Chefes sobre a Pedagogia Escutista". Tais como:

a) Carácter;

b) Saúde e Força;

c) Trabalhos Manuais e Habilidade;

---

[87] MASCARANHAS, João Ribeiro – *Baden-Powell Hoje: Pistas para um educador no Escutismo*. 3ª Edição. Publicações por CNE, 2003, p. 24.
[88] *Ibidem,* p. 4.

d) Serviço dos Outros[89].

Para BP, a dimensão espiritual e, em articulação com esta, a educação religiosa, constituem-se como realidade omnipresente e fundamental que, em tudo e através de tudo, no Escutismo, se cultivam.

Surgem como que uma finalidade das finalidades, e não apenas como uma dimensão ao lado de outras: Não há qualquer lado religioso do Movimento. Ele é todo baseado na religião, isto é, na compreensão e no serviço de Deus[90].

Assim, numa atitude de fidelidade literal ao pensamento de BP, abdicando da reflexão posterior e das razões que determinaram a opção feita, poderíamos, reformular o anterior esquema do seguinte modo:

É a melhor tradução para a realidade Portuguesa do pensamento original de BP e da leitura e interpretação entretanto efectuada pelo Escutismo Católico Francês.

O desafio que se nos coloca é o de tentar conciliar as duas perspectivas. Uma tentativa de harmonizar a proposta original com a interpretação que dela posteriormente foi feita, consiste em pensar os cinco pólos como os cinco dedos de uma mão, concebendo o pólo referente a Deus como o polegar.

A função que este tem na mão, a especificidade do seu lugar e do seu papel, "não ao lado dos outros dedos, mas em oponência a eles"[91], oferece-nos a possibilidade de entender, então, o verdadeiro lugar da questão espiritual e, consequentemente, da religiosa, na pedagogia escutista.

O polegar potencia a acção dos outros quatro dedos, que cumprem a sua missão dependendo do polegar. Sem ele, encontram-se em sérias dificuldades para algo mais do que ostentar anéis e indicar o que não podem agarrar. Com o polegar em oponência aos outros dedos, a mão agarra e lança, toma e molda, aponta e alcança.

É assim, também, na relação dos quatro pólos com o quinto e na capacidade efectiva, daqui decorrente, de o Escutismo proporcionar, de facto,

---

[89] Cf. BADEN-POWELL – *Auxiliar,* p. 34-35.
[90] Cf. SICA – *O rasto*, p. 153.
[91] UMA BRINCADEIRA MUITO SÉRIA. Perspectivas sobre Dimensão Espiritual e Animação da Fé no Escutismo Católico. Encontro Nacional de Assistentes. Fátima, 29-30 de Janeiro de 1997, p. 7.

educação integral. A finalidade espiritual e a educação religiosa significam uma compreensão integral, Deus e os homens e por seu lado entre os homens e Deus, e ainda entre os homens e a natureza, chamando a toda a criatura de irmão, como o fez o patrono da primeira secção, São Francisco de Assis. Tudo isto proporciona verdadeiro sentido ao crescimento nas outras áreas de desenvolvimento.

Sem o que dissemos, anteriormente, muito facilmente a procura do desenvolvimento físico saudável geraria os ditos "rambos" e a consolidação do carácter poderia formar individualistas; a preocupação pela natureza poderia resvalar para o ecologismo fundamentalista e o serviço dos outros degeneraria em formas evoluídas de "caridadezinha".

É deste modo que se realiza o equilíbrio, que se faz a síntese entre os vários elementos e se garante a sua integração entre si e numa proposta educativa sistemática, unificada e unificadora. Sem os pressupostos apontados, facilmente se cai na dispersão e na distracção integral[92].

2.3 – Valor do escutismo

O escutismo é sugerido como uma coisa boa para rapazes porque alguém o praticou quando rapaz e apela a que todos os rapazes aprendam escutismo enquanto forem jovens.

O escutismo reveste-se de grande utilidade em qualquer modo de vida que se queira seguir, seja ela a vida de soldado ou a de homem de negócios numa cidade[93].

Esses valores são formalizados e transmitidos principalmente pela Promessa e pela Lei, que lhe são propostos pelo jogo escutista e que neste, ele tem ocasião de experimentar.

---

[92] Cf. *Ibidem*, p. 7-9.
[93] Cf. SICA – *O rasto*, p. 81-82.

Sem pretender esgotar a questão, que valores são esses? Rapidamente, poderíamos alinhar alguns, segundo o critério que nos é oferecido pelos cinco pólos educativos:

a) Corpo: Saúde, competência, pureza, esforço;

b) Carácter: Honra, coragem, responsabilidade, obediência, confiança, alegria, liberdade, sentido crítico, lealdade;

c) Meio: Respeito, sobriedade, protecção, criatividade, harmonia;

d) Outros: Serviço, sentido patriótico, sentido comunitário, fraternidade (universal), corresponsabilidade, amizade, respeito, empenho social;

e) Deus: Dever para com ele, sentido criatural, sentido filial, fé aplicada à vida, comunhão, procura, peregrinação.

Também daqui resulta claro que o quinto pólo é um pólo para viver nos outros, como o polegar, que precisa dos outros para que a sua oponência resulte.

Dessas fontes principais que são a Lei e a Promessa, e da multidão de outras pequenas fontes que são as fórmulas, os cânticos, os símbolos e as grandes tradições, muito mais brota. Tudo isto forma o ideal escutista ou espírito escutista e que se apresenta como que a alma do método escutista[94].

2.4 – Espírito escutista

A chave que abre a porta ao espírito do movimento é o romantismo da vida dos bosques e do conhecimento da natureza.

O espírito é tudo. Quando se desenvolve, tudo se torna mais fácil; sem ele, é praticamente impossível ser bem sucedido na educação dos rapazes.

O escutismo não é coisa que possa ser ensinada por meio de palavras em discursos públicos, nem de definições escritas em livros. A sua aplicação bem sucedida depende inteiramente da forma como, quer o educador quer o educando, aprendem o espírito escutista.

[94] Cf. UMA BRINCADEIRA MUITO SÉRIA. Perspectivas, p. 8-9.

A piada das novas actividades escutistas é que elas são tal e qual como o brinquedo novo que o papá traz para casa para os filhos: o papá é o primeiro a pôr-se a brincar com o brinquedo novo. Pois bem, é assim mesmo que as coisas deviam passar-se no Escutismo[95].

2.5 – A Religião no Escutismo

O homem de pouco vale se não acreditar em Deus e obedecer às Suas leis. Por isso, todo o Escuteiro deve ter uma religião. A religião parece coisa bem simples: Primeiro, amar e servir a Deus, segundo, amar e servir o próximo.

A falta de religião prevalecente devia remediar-se mais por intermédio de um trabalho religioso prático, do que começando logo por outro demasiado espiritual. A religião pode e deve ser ensinada ao rapaz, mas não de uma forma ingénua e insípida, nem de maneira lúgubre e misteriosa; o rapaz está altamente disposto a recebê-la se ela lhe for apresentada no seu lado heróico e como uma qualidade natural quotidiana em qualquer homem digno desse nome, e uma boa forma de a apresentar aos rapazes é por meio do estudo da natureza.

Visa a prática do cristianismo na vida e nos afazeres de todos os dias, e não apenas a mera profissão da sua teologia aos domingos.

O rapaz tem uma inclinação natural para a religião, mas instrui-lo nos pormenores que podem ser interessantes para um adulto tem frequentemente por efeito aborrecê-lo ou fazer dele um “safado”. Uma maneira segura de conseguir a sua sincera compreensão de Deus é o estudo da natureza, e a dos seus deveres de cristão, a prática escutista de boas acções[96].

2.5.1 – Religião posta em prática

O escutismo tem sido descrito como uma nova religião.

---

[95] Cf. SICA – *O rasto*, p. 83.
[96] Cf. *Ibidem,* p. 152-156.

Não é, evidentemente, uma nova religião, mas apenas a aplicação à formação religiosa do princípio actualmente aprovado para a formação secular: o de estabelecer um objectivo bem definido e deixar que a criança aprenda e pratique por si mesma.

Não há qualquer lado religioso do movimento. Ele é todo baseado na religião, isto é, na compreensão e no serviço de Deus.

Por religião, não se pretende dizer a reverência domingueira prestada à divindade, mas a compreensão mais elevada de Deus perpetuamente connosco e à nossa volta, e o consequente plano mais elevado de pensamento e de acção ao seu serviço.

A prática do escutismo é um meio pelo qual se pode despertar no mais achado dos "rufiões", pensamentos elevados e elementos iniciais da crença em Deus.

O respeito para com Deus, o respeito pelo próximo e o respeito por nós próprios como servos de Deus, está na base de todas as formas de religião[97].

2.5.2 – Uma religião que se constrói

Podem surgir muitas dificuldades sobre a definição da formação religiosa neste movimento, onde existem tantas confissões diferentes, e os pormenores da expressão dos deveres para com Deus têm, por isso, de ficar em grande parte ao arbítrio da autoridade local. Mas insiste-se na observância e na prática da religião professada pelo rapaz, qualquer que ela seja.

A religião contrai-se, não se ensina, não é traje exterior para usar ao domingo. É uma componente genuína do carácter do rapaz, um desdobramento da alma, e não um verniz que se descola. É questão de personalidade, de convicção íntima, não de instrução. As acções de grande parte da nossa gente são actualmente muito pouco guiadas por convicções religiosas. Este facto pode atribuir-se em grande parte à circunstância de que se recorreu muitas vezes à instrução em vez de à educação para a formação religiosa do rapaz.

[97] Cf. *Ibidem,* p. 152-156.

Quem realmente está empenhado em abrir caminho para o êxito ou seja, para a felicidade, precisa de assentar a sua vida em bases religiosas. Não se trata apenas de uma mera questão de ir à Igreja ou não, de conhecer a história bíblica ou de saber teologia.

Há muitos homens que são sinceramente religiosos quase sem darem por isso, e sem terem estudado. Muito resumidamente, a religião significa: Primeiro, conhecer quem é Deus e o que Ele é. Segundo, aproveitar o melhor possível a vida que Ele nos deu e fazer o que Ele quer de nós. E isto consiste principalmente em fazer alguma coisa pelos outros.

Todos gostariam de saber o que tinha em mente BP a respeito da religião quando institui o escutismo e o guidismo. Por isso, a pergunta "onde entra a religião?", a qual responde BP, "entra em parte nenhuma porque já lá esta, ela é o factor fundamental subjacente ao escutismo e guidismo"[98].

A religião não é uma ciência reservada aos que têm estudos, de outra forma apenas aproveitaria aos eruditos e aos intelectuais, e estaria fora do alcance dos pobres; também não é uma feitiçaria, pois dessa forma apenas se apoderaria dos caracteres mais fracos, dos emocionais e dos supersticiosos.

2.5.3 – Cristo o herói a imitar e seguir

Quase todos os rapazes, e até os que vivem em bairros miseráveis, podem ser levados a considerar Cristo como o seu herói, desde que Cristo lhes seja apresentado de uma maneira atraente para a natureza do rapaz, isto é, não tanto a de uma figura patética, mas como uma imagem de utilidade, de coragem, de cavalheirismo, de humor, de humildade, e até mesmo de indignação.

Em cada ser humano existe o gene do amor, o pedacinho de Deus, como já alguém chamou a alma que, se a sua expressão for estimulada, invadirá todo o carácter do rapaz.

O amor, como as ondas de rádio, expande-se quando é emitido. Uma vez tendo início no rapaz, é muito pouco provável que alguma vez se extinga o

[98] *Ibidem,* p. 155.

homem. A sua tendência é de continuar a aumentar até invadir a totalidade do seu ser e cada um dos seus actos até lhe proporcionar, na realidade, a felicidade mais intensa de descobrir o céu aqui na terra, e levar o seu ser ao plano da associação com Deus e com a imortalidade.

BP deixa para os mais novos uma mensagem de quem fez tudo o que estava ao seu alcance dizendo: "avancem com esperança, misturem-na com optimismo e temperem-na com o sentido de humor que vos torna capazes de enfrentar as dificuldades conservando o sentido das proporções. Avancem com fé, na sensatez, na segurança e no vigor do movimento e das suas futuras possibilidades, e avancem com amor, que é o mais poderoso de todos os agentes. Este espírito de amor é, afinal, o espírito de Deus trabalhando convosco"[99].

3 – Distinção entre dimensão espiritual e animação da fé

É importante salvaguardar que há uma dimensão espiritual natural no Escutismo, anterior à definição confessional e que não depende desta quanto à existência, mas tão somente quanto à experiência concreta no jogo educativo. Uma vez que esta se faz já, como veremos, no diálogo iluminador e performativo com a fé, seja ela qual for, sem deixar de referir que: "a fé é uma graça e um dom. A fé anuncia-se mas não se impõe"[100].

De facto, na prática habitual do Escutismo católico, elas acabam por caminhar juntas. A distinção quer apenas ajudar a compreender de que modo funciona a articulação entre elas e porque é que não se pode falar duma sem a outra.

O próprio BP teve esta intenção, como manifesta na alocução à Conferência de Comissários do Escutismo e do Guidismo, em 1926:

---

[99] *Ibidem,* p. 152-156.
[100] CONFERÊNCIA INTERNACIONAL CATÓLICA DO ESCUTISMO. O escutismo, p. 7.

"A nossa finalidade no Movimento é dar toda a ajuda que pudermos à construção do Reino de Deus na terra, inculcando entre os jovens o espírito e a prática diária da boa-vontade desinteressada e da cooperação"[101].

A igreja está no mundo e nela, o Escutismo Católico precisamente como sacramento do reino. E se o Escutismo Católico conseguir, pelo menos, enformar a mentalidade das novas gerações com os valores humanos do Escutismo, ainda que não consiga chegar a levá-las ao acto consciente e livre da adesão a Jesus Cristo na Sua Igreja, meta da missão evangelizadora que lhe compete, já se justifica o esforço, o investimento e a confiança da Comunidade Eclesial postos, ou não, nesta Associação.

3.1 – A dimensão espiritual

O Escutismo, por si mesmo, e independentemente da opção confessional das várias associações, é portador de uma forte dimensão espiritual, comum ao escutismo em todo o mundo, para além das diferenças e particularidades de cada associação concreta. Neste sentido se pronuncia claramente, na Conferência Internacional Católica do Escutismo, em 1990, Jacques Moreillon:

"Penso que a dimensão espiritual é consubstancial ao Escutismo. Nisto não invento nada, não faço mais do que inscrever-me na linha da maior ortodoxia de BP a este propósito"[102].

Pode afirmar-se pois, relendo o fundador, que há uma clara finalidade espiritual na educação Escutista:

" Não deixes a técnica sobrepor-se à moral. O desembaraço em campo, a arte do explorador, o campismo os raides, as boas acções, os jamborees, a camaradagem, tudo isto são meios, não o fim a atingir. O fim é o carácter, carácter com um propósito. E esse propósito é que a próxima geração seja dotada de bom senso num mundo estulto, e desenvolva a mais elevada

[101] SICA – *O rasto*, p. 79.
[102] MOREILLON, Jacques – *A dimensão espiritual no Escutismo, in CICS, Promessa e Lei para que Compromisso*, Roma: Cahiers de Signes, 1990, p. 67.

concretização do serviço que é o serviço activo do amor e do dever para com Deus e o próximo”[103].

O problema é quando esta dimensão, finalidade do jogo escutista e a transmitir pelo jogo escutista é esquecida por ele, aparecendo então o escutismo reduzido a mera brincadeira inócua, quando não perigosa, incapaz de conduzir as crianças, os adolescentes e os jovens em direcção a uma maturidade gerada e alimentada nos sólidos valores que são a terra fértil que a intuição de BP, em pleno jogo, oferece ao seu crescimento. Esses valores encontram expressão na Promessa e na Lei e numa série de outras fórmulas, tradições e símbolos escutistas.

Há claramente uma herança espiritual a transmitir no escutismo e pelo escutismo. E dessa herança espiritual faz parte a abertura teísta, isto é, o sentido religioso, e o convite à fé, como adiante veremos, mas que desde já fica garantido pelas palavras de BP, na já citada alocução de 1926, aos Comissários dos dois Movimentos:

Pediram-me que descrevesse mais pormenorizadamente o que tinha em mente a respeito da Religião quando instituí o Escutismo e o Guidismo. Perguntaram-me: “onde é que entra a religião?”. Pois bem, eis a minha resposta: “não entra em parte nenhuma. Já lá está. É o factor fundamental subjacente ao Escutismo e ao Guidismo”[104].

4 – O escutismo dos cristãos

Se depois, como no nosso caso, o escutismo é vivido pelos cristãos e é proposto como uma estrada de educação de fé, se aquele sopro religioso que o faz sobressair se distingue melhor e se encontra com a mensagem evangélica, o qual nasceu porque BP era profunda e explicitamente religioso, então a espiritualidade do escutismo toma-se num particular modo de viver a fé cristã, de

[103] SICA – *O rasto*, p. 80.
[104] *ibidem.* p. 155

realizar a própria analogia com o Deus feito homem, de construir, aquele "reino de Deus" que é o senso final da humanidade.

Para nós, cristãos, o escutismo é uma maneira de viver a fé, é aquele modo que nós escolhemos e no qual, enquanto nos encontramos a nós próprios, aos nossos gostos e à nossa personalidade, atingimos também os meios e as ocasiões concretas para uma coerência de factos, para um empenho de testemunho e de actividade, com vista à salvação do mundo.

O escutismo não é uma teoria mas uma prática: é uma inter-relação de pensamentos e de acções mas onde se privilegia o fazer ao dizer, o agir ao discutir.

O escutismo vive-se; e vivendo-o aprende-se um conjunto de realidades e de valores que vêm racionalizados e se tomam ideais.

Por isto, a acção no escutismo não pode ser deixada ao acaso e ao instinto, nem pode ser negligenciada ou reduzida à pura exterioridade.

Há uma atenção ao fazer as coisas que quer precisamente respeitar a realidade e a dignidade daquilo que se está a fazer, porque só desta forma a acção resulta em educação. Por outro lado, a acção não basta nunca por si só, porque um conjunto de gestos apenas pode ensinar, gerar hábitos mecânicos, mas não educa, não ajuda o crescimento consciente da pessoa. Por isso tem que se juntar sempre acção e pensamento, gesto e reflexão[105].

4.1 – Aparecimento de um Escutismo Católico

Como pudemos verificar tendo em conta tantas linhas, e tantas outras anotações saídas lentamente da mente e do coração de BP, indicam que ser escuteiro quer dizer ter um ideal bem preciso, endereçar a própria vida sobre uma estrada de serviço e de generosidade e, para isso, educar-se em valores e atitudes que a isso conduzam.

[105] BASADONA, Giorgino – *Espiritualidade do caminho.* Edição CNE; Publicações CNE, 1995, p. 18-19.

Debaixo de toda a base de educação escutista está uma precisa concepção da vida e do mundo, de si mesmo e dos outros, do presente e do futuro, das coisas e das pessoas; há um carisma religioso claro e concreto que dá cor a todas as técnicas e todos os métodos.

É com o Cónego Cornette, carinhosamente chamado o "Velho Lobo", fundador dos Scouts de França, que se dá início ao Escutismo Católico.

Foi um visionário mais que um animador. E foi ele que viria a dar-lhe uma marca claramente francesa e católica. Teve nos inícios um papel importante de união, no respeitante ao fundamental, em que uns se orientavam para um escutismo sem grande acento religioso, enquanto outros muito radicais, com uma regra muito rígida.

Juntamente com o Padre Sevin, que em Inglaterra obteve formação técnica, e captando o espírito do verdadeiro escutismo, estruturou, primeiramente os exploradores, depois os lobitos e depois os caminheiros. Como um verdadeiro técnico formou chefes, criou o cerimonial, e as insígnias, o Cónego Cornette, devido à sua cultura soube ver longe e teve um papel de unificador. O resultado foi o seguimento devido à convicção e entusiasmo destes dois homens.

A trinta de Março de 1922 o movimento de Escutismo Católico é consagrado pelo papa Pio XI na pessoa do Secretário de Estado da Santa Sé onde encoraja, faz votos e deixa a bênção para o movimento, felicitando-o fundamentalmente por querer ajudar a e na missão da Igreja.

Pio XI vai pedir um dossier completo sobre o assunto. Mas o escutismo tinha contra ele muitos católicos que não viam com bons olhos este movimento, pois tinha o inconveniente de ter nascido no estrangeiro e em ambiente protestante. Mas depois de algum tempo o Papa aprovou calorosamente e viria a abençoar o Escutismo Católico primeiramente em França e depois noutros países. Os últimos opositores acabam, aquando de a visita a Roma em 1925, com a primeira peregrinação internacional.

Com o apoio e aprovação do Santo Padre, podemos procurar no escutismo de BP os elementos, que a mais alta autoridade da Igreja considerou, não só assimiláveis como de utilização desejável.

De facto a aprovação foi fácil isto devesse primeiramente ao próprio BP e ao seu método.

Não podemos esquecer a simpatia que BP manifestou pelo catolicismo em vários momentos[106]. Para se perceber a alma de BP uma pequena anotação[107].

4.1.1 – Um contributo à Igreja

Cada tempo da vida da Igreja tem o seu papel a desempenhar. Inspira-o o Espírito que vê os conjuntos.

Toda a primeira geração escutista participou entusiasticamente na renovação através do missal que se tornou o livro de espiritualidade, o livro de iniciação ao dogma cristão.

O Escutismo vai ter uma acção importante, no movimento litúrgico, tanto pelo tipo de acção litúrgica que implicava, como pelas reacções que provocou naqueles que formou e vieram a estar na origem de inúmeras iniciativas quer como leigos quer como padres.

A missa no campo dava aos escuteiros o sentimento dessa outra dimensão do sacrifício que é ser acção de graças.

Também o Escutismo teve muitos e bons escuteiros e chefes, que não hesitaram em sacrificar todas as suas riquezas de alma e de corpo para irem sepultar nas longínquas missões, ao serviço dos doentes e dos que estavam sentados à sombra da morte, talvez representem o ideal escutista na sua mais elevada perfeição[108].

O Padre Masure acentuou que o grande serviço que o Escutismo Católico prestou, foi precisamente a reconciliação de Deus com a sua criatura, ou seja, sem saber, BP vai ao encontro da filosofia de São Tomás, em que o homem não é composto de duas peças mais ou menos ligadas entre si, a alma e o corpo, mas

---

[106] FORESTIER, M.D. – *Pela Educação à Liberdade: Um Caminho*. Edição CNE, 1993, p. 16-18.

[107] "No Rover-mot, na Suécia, onde representei o cónego Cornette, ao percorrer o campo com André Cruiziat, encontramos Baden Powell. Disse-me apontando para o meu hábito branco de dominicano: «estou contente por o ver aqui», depois, acentuando cada uma das palavras seguintes, acrescentou «a si e assim»".

[108] Cf. FORESTIER – *Pela Educação,* p. 324-337.

um todo. Por isso não propõe formar o homem moral, mas total[109]. Este sentido de corpo está marcadamente vincado, no que designará o movimento surgido em Portugal como o "Corpo" Nacional de Escutas (a partir de agora CNE).

4.2 – O aparecimento do Escutismo Católico em Portugal

O Escutismo Católico é fundado em Portugal em 1922 por D Manuel Vieira Pinto de Matos, Arcebispo de Braga, aprovado pela hierarquia da Igreja a começar pelo Papa Pio XI que em 1925 disse: "para ser escuta católico é necessário ter o sentimento profundo de Deus, da lei divina, da sua divina presença"[110].

O resultado desse trabalho levou a que BP, contemplasse nas suas visitas Portugal.

BP foi recebido em Lisboa pela primeira vez em 1929, por mais de quinhentos escuteiros. Deixou claro que nutria simpatia por Portugal e revelou conhecer ao pormenor os feitos grandiosos de todos os que fizeram de Portugal o que ele foi e continua a ser.

Por entre aclamações, o general BP partiu para voltar mais tarde.

Apesar de ter já a idade de setenta e sete anos, BP ainda percorria os mares para visitar os seus amigos escuteiros. Passou uma segunda vez pelo nosso país em 1934.

BP passou também pelo arquipélago Madeira, por Moçambique e chegou a programar uma passagem pelos Açores, que não se concretizou.

Já não mais voltaria a Portugal. Mas o Escutismo Católico, fundado no nosso país em 1922, por D. Manuel Vieira de Matos, Arcebispo de Braga, mantém viva a sua memória[111].

---

[109] Cf. *Ibidem,* p. 38.
[110] *Ibidem,* p. 17.
[111] CORPAS, Pedro – *Robert Baden Powell*. Porto: Edições Salesianas, 1999, p.139-142.

4.2.1 – Os seus membros

O Escutismo Católico acolhe na sua alegre fraternidade, crianças, adolescentes, jovens e adultos.

A sua divisão é feita tendo em conta a idade, assim foi estruturada a divisão por secções, tendo em conta todo um processo, que demorou anos a fazer-se. Na actualidade é-nos apresentado assim:

4.2.1.1 – Lobitos

A primeira secção dos Lobitos. Crianças dos seis aos dez anos, usam lenço amarelo e vivem a caçada segundo as aventuras do livro da selva. Tal como Francisco de Assis, o Lobito vive os seus ideais de coração aberto e "da melhor vontade", pois a ele pertence o futuro de todos nós.[112]

4.2.1.2 – Exploradores

A segunda secção, os Exploradores. Adolescentes dos dez aos catorze anos, usam lenço verde e vivem a grande aventura como verdadeiros exploradores iguais àqueles que partiram no verão de 1907 com o fundador para a Ilha de Brown Sea. Água, terra e ar espaço de exploração, água, terra e ar espaço de crescimento[113].

4.2.1.3 – Pioneiros

A terceira secção, os Pioneiros. Jovens dos catorze aos dezassete anos, usam lenço azul, vivem o empreendimento, o desafio de construir um mundo

[112] CNE – *Metodologia Educativa da 1ª secção; Lobitos.* 2ª Edição. Edição CNE, 2000, p. 7-19.
[113] IDEM – Metodologia Educativa da 2ª secção; Esploradores. Edição CNE, 2003, p. 7.

novo, uma nova sociedade, uma sociedade de valores. O pioneiro transporta consigo as cores da alegria, da fé, do amor e da esperança[114].

4.2.1.4 – Caminheiros

A quarta secção, os Caminheiros. Adultos dos dezassete aos vinte e dois anos, usam lenço vermelho e vivem a caminhada segundo o ideal de um Homem Novo e das Bem-aventuranças. Em cada caminhada é desafiado a trilhar o seu próprio caminho e com os outros, erguer um mundo melhor[115].

4.2.1.5 – Dirigentes

Os Dirigentes têm a missão de acompanhar cada uma das quatro secções.

Tem havido alguma discussão de quem é escuteiro ou não, pois bem há um grupo que defende que só os Exploradores, Pioneiros e Caminheiros são verdadeiramente escuteiros, outros que também os Lobitos fazem parte, e ainda outro que todos são escuteiros.

O que podemos concluir é que este movimento tem como prioridade a formação de jovens, mas também é verdade que todos eles vivem esta experiência de caminhada e de progresso, na sua vida, que vai levar a que cada um possa experimentar o real amor consigo mesmo, com os outros, com a natureza e com Deus, Criador de todas as coisas.

4.2.2 – O momento presente do movimento

Com vinte regiões, quase setenta núcleos e mais de mil agrupamentos, o CNE em Portugal conta com oitenta e cinco anos. 2007 será um ano mágico para o Escutismo no mundo, iniciado num pequeno acampamento com BP em 1907. Hoje, mais que nunca o movimento procura chamar a atenção dos jovens para os

---

[114] IDEM – Metodologia Educativa da 3ª secção; Pioneiros. 3ª Edição. Edição CNE, 2003, p. 9.
[115] IDEM – *Metodologia Educativa da 4ª secção; Caminheiros.* 4ª Edição. Edição CNE, 2002, p. 19-20.

valores do escutismo e para o método pedagógico que este tem: sistema de patrulha e sistema de progresso. É a interacção destes dois sistemas a base do método pedagógico do escutismo.

O sucesso deste movimento é de tal ordem que chega a haver listas de espera para a entrada em alguns agrupamentos, segundo o Chefe Nacional Luís Lidington, faltam adultos em número suficiente. Com cerca de setenta mil elementos, número que mostra e explica porque o CNE é um movimento interessante e uma escola de valores.

Não deixando de ser um movimento de apostolado onde os jovens podem estar em segurança, não querendo com isto dizer que o escutismo, é um movimento de tempos livres, mas de educação integral[116].

4.2.3 – As bases do escutismo

Perguntamo-nos, que bases sustentam o Movimento Escutista?

Depois de alguma apreciação verificamos que o movimento tem bases bem profundas para crescer e manter bem alto o seu ideal. Assim:

a) Apoia-se no dinamismo alegre das crianças que têm a possibilidade de fazer aquilo de que gostam. Pouco a pouco, o que as apaixona torna-se cada vez mais difícil, mas esta paixão faz que se desenvolvam progressivamente as suas capacidades para ultrapassar as dificuldades. Tiram disso uma satisfação profunda que as estimula para o pleno desenvolvimento.

b) Oferece aos jovens espaço de liberdade, de criatividade. Por isso a preferência ao ar livre, ao contacto com a natureza.

O betão das cidades oferece poucas ocasiões de descoberta, de criação de experiências. O ar livre permite a redescoberta os ritmos naturais, jogar livremente, correr, desenvolver o seu corpo, enfrentar os elementos, organizar o seu espaço de vida.

[116] Cf. AGÊNCIA ECCLESIA. Nº 981. 2004, p. 3.

c) Permite viver uma experiência de uma pequena sociedade ao seu nível. Pelo jogo das equipas e dos conselhos, quer proporcionar uma aprendizagem das relações sociais.

d) Desenvolve o desejo natural de ser útil a alguém ou a qualquer coisa. Isso permite ao jovem encontrar o seu lugar e perceber que pode mudar qualquer coisa no mundo[117].

5 – Espiritualidade Escutista: escutismo e espiritualidade

Quando fizemos esta pergunta, a alguns dirigentes, a resposta do outro lado, não se fez esperar, "o quê? como?". A verdade é que temos que nos perguntar se existirá uma espiritualidade escutista. Pois bem, quem encontra no escutismo a sua vida espiritual, não encontra qualquer dúvida, mas a dúvida está em defini-la.

Na origem do CNE, os chefes mais jovens pronunciavam-na com alguma frequência. A verdade é que foram concluindo que o termo não era adequado, isto porque alguns teólogos mostravam expressões pouco abonatórias quanto à expressão no movimento.

O que sabemos é que as diferentes espiritualidades surgiram no ceio da Igreja pela influência de um homem ou da vida de um grupo ou comunidade[118].

Pode-se perceber que o Escutismo vai criar em si um estilo de vida.

Segundo o Padre Doncoeur, o que ficará um dia do escutismo é, uma certa maneira de ver com juventude, simplicidade, vivacidade e alegria, um gosto pelo ar livre e pelo esforço; uma delicadeza e atenção, uma certa elegância. E vai mais longe afirmando que nem a idade nem o trabalho serão impedimento de assim ser, perfeitamente escuteiros para toda a vida.

---

[117] Cf. MASCARANHAS – Baden-Powell, p. 9-10.
[118] Cf. FORESTIER – *Pela*, p. 311.

O escuteiro vai facilmente trazer ao cristianismo uma alegria que não necessita a heroicidade, mas que deve agradar ao nosso Pai. Porque essa alegria é o estado próprio dos filhos.

Sabemos que o sujeito material impõe à forma espiritual um modo de ser que é qualquer coisa de muito real.

O Escutismo vai lutar por ter uma vida de sabor franciscano, com grande poesia, para colmatar a rigidez do moralismo e da lei, juntando-lhe o valor do evangelho que começa a ser redescoberto. Sabemos que, durante séculos, foi substituído por livros de meditação[119].

Pode dizer-se que "a característica fundamental é o espírito do movimento, e a chave que abre a porta a este espírito é o romantismo misterioso da vida nos bosques e da história natural"[120].

Vai-se tornando lugar comum dizer que não há, no escutismo, uma pedagogia da fé, mas que todo o escutismo é uma pedagogia da fé.

Entendemos agora, o alcance real desta expressão. No escutismo tudo diz verdades da fé e tudo permite experimentá-las. É como a vida. Tudo tem a ver com a fé e a fé em tudo se vive. É aqui, também, que iremos encontrar uma porta para penetrar na resposta à questão de saber se há ou não uma espiritualidade escutista. Não sendo o Escutismo um Movimento de Espiritualidade em sentido estrito, será que ele oferece, ou não, uma Espiritualidade?

Parece-nos que, na medida em que o Escutismo gerar sujeitos de espírito escutista, e desde que a articulação com a fé seja feita nos dois sentidos referidos, então o Escutismo estará a gerar sujeitos de sólida Espiritualidade Cristã e Eclesial. O caminho, que é o Escutismo, é específico. A meta é a própria pertença Cristã e Eclesial. E tanto é assim que o dirigente já não se compromete com o Escutismo, mas compromete-se com a Igreja, para desempenhar o seu sacerdócio baptismal e cumprir a parte da missão que lhe cabe, como educador no Escutismo.

---

[119] Cf. *Ibidem*, p. 318-324.
[120] BADEN-POWELL – *Auxiliar,* p. 38.

Não haverá, pois, parece-nos, uma Espiritualidade Escutista. Haverá, isso sim, um caminho Escutista para a Espiritualidade Cristã. É exactamente aqui e agora, neste tempo da História que nos é dado viver, neste canto da civilização ocidental, que o caminho Escutista para a Espiritualidade Cristã melhor serviço pode prestar, na medida em que o Espírito Escutista, com que articula a Espiritualidade Cristã, é servido por um método actual, sedutor e capaz de atrair e comprometer as gerações actuais[121].

5.1 – Linhas de Espiritualidade Escutista

É certo que uma espiritualidade é uma vida. Temos que ver a profundidade e a especificidade e não podemos querer separar, temos que ser audazes a ponto de ver toda a profundidade e especificidade que leva a que a pessoa seja inconfundível à sua própria história.

5.1.1 – Um optimismo radical no homem

O Escutismo baseia-se na certeza de que o homem é bom, que a criatura saída das mãos de Deus que anunciou: façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança (Gn 1, 26) conserva este sinal divino e que não se pode apagar. Procura ser Homem-Novo, num mundo novo.

Uma atenção precisa e corajosa sobre a vida do homem, sobre a sua expressão, sobre o concreto realizar-se no quotidiano, não nos leva a ver tudo bom e bonito e a iludir que não existem erros ou maldades, mas a constatar a contínua tendência em direcção ao melhor, ou mesmo a analisar as dificuldades reais e os obstáculos que impedem este caminho de bondade.

Face a insucessos frondosos ou a contínuos episódios negativos, face a traições e perversões que fazem desaparecer qualquer traço de bondade e qualquer sinal de honestidade, somos tentados a pensar que o optimismo

[121] Cf. UMA BRINCADEIRA MUITO SÉRIA – Perspectivas, p. 18.

fundamental sobre o homem é uma grande ilusão de outros tempos que leva à tentação de abandono ao esforço conseguido ate então, deixando que as coisas sigam um percurso por si próprias.

Mas a fé cristã insiste nesta certeza forte da palavra de Deus que atesta a dignidade originária de cada criatura humana. Cada homem é filho de Deus e aporta dentro de si a imagem do criador e por isso urna inabalável tendência para o bem.

A fé cristã insiste sobre este aspecto, reforça e sustêm a instituição e experiência que noutros momentos pode ser decepcionante e pode convidar a abandonar o optimismo.

O homem será sempre pecador mas o êxito decisivo da história, a ressurreição de Cristo garante que nenhuma morte é definitiva, nem mesmo aquela moral do pecado e que Jesus é sempre o ressuscitado, é o renascer que em cada homem repete a sua única e irrepetível aventura.

Este optimismo fundamental sobre o homem conduz pois, ao comportamento educativo fundado sobre a confiança no jovem, à auto-educação, a insistir no progresso pessoal, a não marginalizar ninguém, a não excluir, a não rejeitar definitivamente: não para uma concessão passiva nem para um "deixa andar" superficial, mas para ajudar o jovem a chamar a si toda a sua capacidade e deixá-lo corajoso para nunca mais se fechar.

Aqui nasce aquele espírito de aventura que caracteriza a educação escutista: o gosto de aspirar para si tudo o que foi semeado, o gosto de descobrir mundos novos, novos modos de ser e de amar, de servir e de se tornar útil ao mundo.

Daqui nasce também aquele sentido de alegria e de entusiasmo e a capacidade de colher toda a realidade: é o espírito do "jogo", o gosto do gratuito, a explosão da própria tensão do amor, que sob o ponto de vista cristão nasce do amor infinito de Deus e tende a superar cada limite[122].

---

[122] Cf. BASADONNA – *Espiritualidade,* p. 23-25.

5.1.2 – O corajoso realismo

O optimismo não impede de ver a inteira realidade com os seus limites e as suas contradições: assim é precisamente o optimismo que encoraja a não fechar os olhos e a aceitar mesmo aqueles acessos de mal, de desordem, de miséria, de pecado, isto é, que estão sempre presentes na realidade humana.

A lealdade, virtude sempre invocada na vida escutista, nasce precisamente desta visão optimista que aceita serenamente mesmo os elementos negativos; mas a lealdade exige também que façamos um juízo: o de fazermos uma avaliação e assim condenar e exigir uma mudança.

Este realismo não é a sinceridade que se detêm na descrição da realidade: ele vai até ao confronto com o ideal, com o projecto de Deus e desta maneira abre à conversão, ao empenho de aprender e de realizar o modo mais correspondente à própria verdade.

Eis no escutismo o sentido das técnicas, do aprender fazendo, de pedir a si próprio aquilo que ainda não se conseguiu; eis também a simplicidade de aceitar o próprio "handicap", aqueles mínimos e comuns, aqueles mais graves, para que ninguém esconda nada a si mesmo e aos outros e todos se ajudem para realizar o melhor.

Que coisa é aquela vida na natureza que distingue o escutismo, que foi a grande invenção do seu início e que ainda hoje caracteriza os acampamentos escutas e as diferencia de outras formas de acampamentos.

É precisamente o modo e o meio para colher a própria verdade nos seus limites e na sua acerbidade: é a escola que pouco a pouco ensina ao jovem a grandeza do seu existir no meio de uma imensa realidade, maravilhosa, forte e violenta, amável e fascinante; ensina a humildade do ser apenas aquilo que se é e o valor de estar com e para os outros; ensina a paciência e o mistério dos ritmos e das esperas, a grandeza da vida que morre e renasce, o respeito das tarefas de cada um.

É a vida na natureza, a vida ao ar livre, que reconduz ao sentido da verdade, do essencial e que restitui o gosto pelas coisas novas, limpas, renascidas.

É ainda esta vida na natureza que ensina e torna possível um "ascendimento", ou seja, aquela penitência, aquele esforço, aquele trabalho, aquele conjunto de generosidade e de coragem que se tomam em cada dia numa escolha concreta de austeridade, de auto domínio, do que constitui a essência.

Assim, a oferta de Cristo redentor passa pela carne e pelo sangue do Homem que transporta a sua cruz, a debilidade, o insucesso, a queda e o empenho de conseguir vencer a cada momento, pedindo a si mesmo algo mais e melhor, encontrando a Graça de uma conversão perpétua.

O sentido do pecado encontra assim uma pedagogia própria bastante positiva que, enquanto torna claro o peso e a gravidade de tantas situações pessoais, não desilude nem convida à resignação mas, pelo contrário, estimula à redenção, à renascença, à novidade que vem, não apenas da boa vontade do indivíduo, mas do dom de Deus que perdoa e faz reviver.

Optimismo e realismo estão juntos e juntos conduzem o jovem a uma visão de si próprio e do mundo bastante activa e responsável[123].

O papa João Paulo II anuncia com grande clareza: “para ser fiel a Jesus Cristo é necessário ter coragem de ir contra a corrente”[124].

5.1.3 – Simbolismo

Toda a vida de escutismo faz recomendações a momentos sugestivos, a experiências emotivas e se tece de lugares e de ocasiões onde o sentimento e a instituição têm uma grande importância.

Basta pensar nos acampamentos, nos fogos de conselho, na cerimónia de promessa, nas missas, etc.., isto para ter uma ideia de como a vida do escuteiro está cheia de elementos que envolvem toda a personalidade.

---

[123] Cf. *Ibidem,* p. 25-26.
[124] EPISCOPADO, Secretariado Geral do – *Mensagem dos Bispos aos Jovens*. Lisboa: Paulinas, 2000, p. 9.

Mas aquilo que importa, neste suceder e atropelar de experiências, é o seu valor profundo, é aquela realidade mais misteriosa e mais impalpável que está para lá destes gestos e destes momentos.

É o valor do símbolo, é a precisão de que na vida humana acaba ali onde parece fechar-se, e que, em vez disso, abre e convida a outra coisa, deixando dentro de si o sinal e o sémen de uma outra realidade.

O escutismo conduz o jovem a desenterrar a espessura tão dura das coisas e das relações humanas para colher a transparência do Espírito, a presença de outra verdade e outras sugestões.

Por isto, o escutismo está assim atento à expressão mesmo que não a iniba apenas às aparências eternas, tantas vezes banais e bem longe de educar o valor de exprimir-se e exprimir a profundidade e a riqueza que cada um traz dentro de si.

O escutismo preocupa-se em educar a fantasia e a capacidade de ver o lado de lá das coisas, é perito em levar o jovem para fora dos habituais limites sufocantes de hábitos e de repetições cansativas e mostrar-lhe uma vastidão sem limites.

O escutismo quer ajudar o rapaz e o jovem e torná-lo capaz de ver sempre estas realidades escondidas: é o sentido do símbolo, o sentido do espírito, o sentido do transcendente, É ainda a verdade da beatitude que ensina Jesus e que requer um coração puro[125].

5.1.4 – Educação do coração

Um aspecto particular desta atenção educativa resguarda o valor afectivo em geral, àquela a que se podia chamar *educação do coração* e mais precisamente a educação à amizade e ao amor. É o próprio Papa João Paulo II a dizer-nos que é necessário ser diferente no modo de amar, como namorados, ou jovens casados[126].

---

[125] Cf. BASADONNA – *Espiritualidade,* p. 26-27.
[126] EPISCOPADO – *Mensagem*, p. 9.

Contra prejuízos e exageros que ontem conduziam a tabus e a conclusões negativas e contraproducentes e contra a facilidade actual que justifica todo o comportamento, o escutismo quer ajudar os jovens a compreenderem-se a si mesmos, a tornarem-se donos dos próprios sentimentos, dos próprios instintos, das próprias tendências naturais, para assim serem capazes de amar, de respeitar, de dar.

Uma justa, serena e respeitável relação rapaz-rapariga não se improvisa, não nasce por si só, não cresce segundo modos e empurrões internos e externos: requer toda a lealdade de guardar dentro de si toda a coragem de superar o próprio egoísmo, todo o empenho de procurar aquilo que é mais honesto e mais profundo, para lá dos impulsos emotivos e instintivos.

Será sempre verdade, em cada época e em cada estação da vida humana, que se aprende a amar e que amar é uma arte.

A experiência escutista, assim rica de emotividade, pode ser uma séria escola de equilíbrio, de procura daqueles valores profundos que distinguem o homem do animal e fazem do seu sentimento, não uma força cega, mas um maravilhoso estímulo a um amor sempre mais verdadeiro, mais profundo e maior.

Mas para que assim seja é necessário que a vida escutista ofereça frequentes ocasiões de reflexão, de revisão, de análises do mundo, com as quais se conduz e se vive a própria sentimentalidade e afectividade.

Os sentimentos são maravilhosos e preciosos instrumentos para colher toda a realidade, mas à sua maneira devem ser inseridos na harmonia global do homem[127].

5.1.5 – Comunidade

Toda a espiritualidade escutista, no fundo, não é mais que um contínuo e apressado apelo à liberdade, melhor, à verdade plena da pessoa, das coisas, do mundo. Existe uma verdade que é continuamente conhecida no seu futuro mais próximo, e conquistada no próprio desenvolvimento da existência. Podemos dizer

[127] Cf. *Ibidem*, p. 28-29.

que a espiritualidade escutista responde ao ensinamento de Jesus como nos diz o Evangelista João: conhecei a verdade e a verdade vos libertará (Jo 8,32).

Esta liberdade e verdade, só poderá levar a um ideal, um projecto seguido com esperança e alegria, tornando-nos pequenas partículas de comunidade[128].

Assim temos que estar conscientes que não se pode viver o escutismo como um clube, ou mera associação que apenas nos é pedida a inscrição, porque neste caso onde está a natureza do movimento e mais ainda que educação quando apenas vivemos da inscrição.

A verdade é uma, o escutismo é uma experiência, acontecimento que no seu caminhar transmite a riqueza dos valores humanos tornando-se em cada um património.

Consequentemente nos leva ao outro, criando um intercâmbio levando a uma vida comunitária.

6 – A nobre espiritualidade do escuta

A essência do Escutismo centra-se na Lei do Escuta, nos Princípios e na Promessa que expressam uma moral de serviço e amor.

O Movimento Escutista tem em si uma alma que é inconfundível. Encontramos escuteiros de mochila às costas, um rosto queimado no fim das suas actividades, bronzeados pelo sol que os encontra, no percorrer dos caminhos, livres que cantam e riem, dormem em tendas… tudo para eles é improvisado, mas feito com mestria, campistas como ninguém, sobem montes, constroem pontes, seguem pistas, fazem nós e estão sempre alerta para servir. Por detrás de tudo isto escondem a verdadeira faceta do que são.

Para nós, são escuteiros porque os vemos de uniforme, mas a verdade é que ser escuteiro é muito mais: é uma vida, um género de vida, mais uma forma de vida.

---

[128] Cf. *Ibidem*, p. 31.

É a promessa que os leva a uma mudança de vida. Não são um qualquer, já têm uma regra de vida como sendo a honra, lealdade, amor, dignidade, confiança, alegria, serviço.

Esta promessa leva a que o escuta siga um código de virtudes, que é a lei, tornando-o forte não só no corpo mas também na alma.

É a partir da lei que o escuta se aperfeiçoa no caminho do bem e do serviço, tendo como finalidade a perfeição.

Esta lei, que cada um tem que saber, não é uma imposição mas sim uma proposta que pretende ser para cada um caminho que aperfeiçoa. Mas há que ter presente que podemos cumprir todos os artigos e não sermos leais, sinceros, puros e amigos, pois sabemos que tudo depende do modo como observamos a lei.

Podemos pensar que a lei nos tira a liberdade, mas não é assim a lei não é mais que a forja da vontade e do carácter, é a base da vida e espiritualidade escutista.

A exemplo do que nos diz o evangelho de Mateus, a construção sobre a rocha, todos estamos em caminho de construção mas, se começamos bem, podem vir chuvas, vendavais que ela se manterá de pé (Mt 7,24-29). É sem dúvida isto que Deus quer.

Podemos dizer que a espiritualidade escutista não é o lenço, mas algo que nos envolve como se do universo se tratasse, é a bondade de Deus que nos acolhe e que nos faz ser diferentes no dia-a-dia e como música não fica apenas connosco mas vai entrar pelos ouvidos e tocar a alma do próximo. Ser escuteiro é ter espiritualidade escutista, é assumir as consequências que isso acarreta, é ser testemunha de Jesus Cristo caminho, verdade e vida.

Como pudemos perceber, quando se é escuteiro uma vez, é-se escuteiro para sempre.

6.1 – Honra do escuta inspira confiança

Este é o primeiro artigo da lei. Honra é a qualidade moral que nos conduz ao mais severo cumprimento dos nossos deveres para com o próximo e para connosco próprios. A honra é o mais elevado da estima humana, se falhar falha na sua dignidade, deixando de ser um Homem para ser um traidor. Os escuteiros serão sempre pessoas de honra, mantendo bem alta a sua dignidade, sendo sinal e causa de estima e apreço pelos outros.

Aqui o escuta segue o que nos diz Jesus, o que é fiel em pouco será fiel no muito (Mt 3,18). Para o escuta toda a lei há-de ser obedecida fielmente, ate a última letra[129].

6.2 – O escuta é leal

Como segundo artigo da lei ser leal significa ser fiel, ser justo, dar a cada um o que lhe é devido. A lealdade faz da pessoa um amigo, que mesmo na ofensa sabe perdoar. Sabe reconhecer a sua pátria, aquela que o viu nascer e crescer, que o educou e transformou no Homem Novo.

O escuta é leal à pátria, aos pais, que com amor o trouxeram à vida, por isso o dever do escuta começa em casa. A lealdade aos pais significa lealdade a Deus, e encontramos esta lealdade no quarto mandamento da lei de Deus, honrar pai e mãe e outros legítimos superiores. Se cada um dos escutas se habituar a ser leal com ele próprio, nunca poderá ser desleal com ninguém.

6.3 – O escuta é útil e pratica diariamente uma Boa Acção

O terceiro artigo da lei fala da utilidade que é entendida como benefício dos

[129] RIVERA, José; IRABURU, José Maria – *Síntesis de espiritualidad católica*. 5ª Edição. Pampelona: Fundación GRATIS DATE, 1999, p. 384.

outros, e que traz a novidade de não ser quando nos der jeito ou estiver programado, mas diariamente. A boa acção em benefício dos outros nem sempre é difícil, mas quando se trata do próprio é que se torna mais complicado. Não esperemos milagres, sejamos nós o milagre. Recorda-te que és tu. És tu que deves viver a tua vida; e se queres chegar à felicidade deves ser tu a conquistá-la. Ninguém pode fazê-lo por ti. Podemos pedir a Deus que nos ajude numa tarefa difícil, mas não lhe podemos pedir que a faça. O espírito diz-nos que o dever está acima de tudo. Isto é um ideal e uma linha de conduta extraordinária para o escuteiro.

Torna-te eficiente, desenrasca-te, para dependeres de ti próprio e só de ti. Planifica o teu modo de fazer qualquer trabalho que te apareça pela frente e cumpre-o. Faz por não pedir ajuda aos outros; fá-lo tu mesmo. E se o fizeres correctamente, ficarás muito satisfeito e essa será a tua melhor recompensa. O que te deve preocupar é fazer o melhor e cumprir o teu dever. S. Paulo diz que a caridade começa por nós próprios. Aqui é que está a escola de educação escutista: cada um é agente do seu próprio crescimento. Podemos concluir que por experiência de cada um o mais difícil da vida é conhecermo-nos a nós mesmos.

Oferece-te algo, porque tu mereces. Pelo exame de consciência, à noite, deves ser também o teu avaliador. É que a avaliação não é só para os professores da escola, nem só para as actividades ou acções de formação. A avaliação também deve ser feita às nossas boas acções em benefício dos outros ou pessoal. E é uma boa “ferramenta" para determinar a grandeza ou a pequenez da espiritualidade escutista. Faz isso e verás como cresces em estatura, em sabedoria e em graça, diante de Deus e dos Homens (Lc 2,52), escuteiro ou não. É bom cada um saber que uma vida não questionada não merece ser vivida.

6.4 – O escuta é amigo de todos e irmão de todos os escutas

O quarto artigo da lei faz menção ao principal objectivo da nossa vida, de sermos felizes.

O caminho mais curto e seguro para a felicidade, diz BP, é fazer os outros felizes, alegrando-os. Para se ser feliz continuamente é necessário fazer muitas boas acções, a nós e aos outros. Para adquirir este hábito, é necessário muita prática. Por isso mesmo é que faz parte da promessa a prática diária da boa acção. Podemos com isto dizer que cada escuteiro não desperdice o tempo presente pois é o único em que podemos reparar o passado e construir o futuro.

O que faz com que uma acção seja boa acção é o espírito com que a fazemos por ela se revela a amizade aos outros, e em especial aos escuteiros, meus irmãos.

6.5 – O escuta é delicado e respeitador

Para aqueles que já leram a história do Kim, de Rudyard Kipling, percebem este quinto artigo da lei. O próprio BP chama-lhe o amiguinho de toda a gente. Era assim chamado porque sabia e era agradável e simpático com todos, e não somente com os seus amigos. Os escuteiros devem ser assim também. Foi assim que ganharam a fama de serem amigos de todos. Isto revela-se principalmente através da boa acção, feita aos outros.

O escuteiro, com espírito, aprende a sorrir quando trabalha porque o faz alegremente. O sorriso, que é diferente da gargalhada barulhenta e ruidosa, é a expressão do espírito alegre. Um sorriso é muito valioso porque quer dizer que fazes o teu trabalho com alegria e que o fazes voluntariamente, não é sentida a obrigação mas porque se quer fazer. Procura agradar sempre ao outro e não a ti próprio. Aqui é que está a educação, a delicadeza, a cortesia, o treino, a aquisição do hábito, o respeito. Isto leva a contrariar o ditado popular que diz, não é o hábito faz o monge.

6.6 – O escuta protege as plantas e os animais

O mundo em que vivemos é belo. A palavra mundo quer dizer belo; imundo significa feio, sujo.

Neste sexto artigo da lei, pretende-se que o escuta perceba como a natureza é bela e grandiosa. O homem é que a estraga muitas vezes. Se a natureza assim é, como será o criador da natureza?!

Quer isto dizer que há muita coisa linda e maravilhosa para contemplarmos e nos maravilharmos, mas, infelizmente, passamos sem as ver.

O escuteiro orgulha-se de ser bom observador da natureza: animal, vegetal e mineral.

A exemplo de Francisco de Assis o escuta deseja cantar o cântico das criaturas.

6.7 – O escuta é obediente

Um dos lemas que cada escuteiro deve assumir na vida e agir de acordo com ele é este: só passarei uma vez pela vida; o bem que puder fazer a alguém devo fazê-lo agora. Não devo adiá-lo nem evitá-lo porque não passarei por cá outra vez. Assim pensava BP.

Obedecer é o sétimo artigo da lei, é escutar a ordem dos pais, dos superiores e dos chefes e, sem hesitar e sem discutir; há que cumprir, mesmo que pareça difícil.

Se cumprirmos a ordem dada, porque o chefe ou superior é inteligente, não obedecemos; se acatamos a ordem porque quem manda é mais forte que eu, ainda não obedecemos; se cumprimos o que nos mandam porque quem manda é maior que eu, ainda não obedecemos. Mas, se cumprimos o que nos mandam porque quem manda tem algo de especial que nós não temos e que é mesmo autoridade legítima, então sim, estamos a obedecer. O homem obediente engrandece-se

obedecendo; engrandece-se porque une a sua vontade com a vontade de Deus. Isto só se consegue pelo treino, pelo hábito. É isto que faz o espírito escutista.

Esta obediência diz também respeito a Deus e à Igreja: "Prometo pela minha honra e com a graça de Deus, cumprir os meus deveres para com Deus, a Igreja e a Pátria…"[130]. Este é um dos compromissos na Promessa do Escuta.

A obediência é uma condição indispensável para o êxito do bando, da patrulha, da equipa, da alcateia, do grupo, do clã, do agrupamento. Para que qualquer um destes caminhe bem, é indispensável que cada um e todos cumpram o Regulamento, cada um no seu lugar: Se um anda mal, fora do seu lugar, todo o grupo andará mal. Da obediência integral de todos resultará sempre a unidade, a disciplina, a felicidade.

É assim que se forma o espírito escutista.

6.8 – O escuta tem sempre boa disposição de espírito

Pratica especialmente o sorriso quando está em perigo, angustiado, doente ou com um trabalho duro. É o que pretende ensinar-nos este oitavo artigo da lei e verás que se te esforçares por sorrir, metade da dificuldade desaparece logo.

Sorrir e cantar faz-te feliz e, assim, fazes os outros felizes também porque o sorriso é contagiante[131].

O próprio BP nos diz, "acredito que Deus nos colocou neste mundo encantador para sermos felizes e apreciarmos a vida. O verdadeiro caminho para alcançar a felicidade é contribuir para a felicidade dos outros"[132].

Para se ser um homem completo deve-se possuir um corpo são e uma mente inteligente. Um assassino também pode tê-los, mas falta-lhe algo que é ter um espírito recto para fazer qualquer coisa bem feita.

---

[130] Corpo Nacional de Escutas. Escutismo Católico Português. Regulamento Geral do CNE, artigo 4º.
[131] Cf. FORESTIER – *Pela educação*, p. 322.
[132] Cf. SICA – *O rasto*, p. 89.

6.9 – O escuta é sóbrio, económico e respeitador do bem alheio

É importantíssimo este nono artigo da lei porque, hoje, há muita gente que pensa que o dinheiro está fora da moral. Não está. O dinheiro é indispensável na vida individual e comunitária; por isso, deve ser bem administrado.

Um bom administrador é aquele que sabe dar bom uso aos bens: os que se obtêm directamente da natureza e os que são elaborados pelo homem. Quem administra é servidor da comunidade, grande ou pequena; não faz suas as coisas ou objectos dos outros e muito menos o dinheiro; não desperdiça nem se considera superior aos outros por ter muitos bens ou muito dinheiro.

Seguindo o concelho de BP não podes permitir-te gastar dinheiro nos teus luxos, enquanto houver à tua volta pessoas que não têm o indispensável à vida[133].

Habitua-te, desde pequeno a cumprir este artigo e serás grande. Porque, administrando bem, com inteligência, poderás adquirir muitos mais conhecimentos que implicam "gastos" em livros, em viagens...

Respeitar o bem alheio é um dever e uma virtude porque os bens alheios são fruto do trabalho dos outros.

Como em tudo, não basta ser é necessário parecer, nesta matéria também não basta parecer sério nas contas, é mesmo necessário ser.

A diferença entre o ordinário e o extraordinário é o extra. Sê extraordinário.

6.10 – O escuta é puro nos pensamentos, nas palavras e nas acções

Puro é um espelho limpo e polidíssimo, é o céu limpo de nuvens, é a água límpida e cristalina, é a alma quando está limpa, é quem é coerente. Pureza é quando os sentidos estão sujeitos à verdade de fazer uso perfeito do meu próprio corpo. A pureza supõe uma luta renhida e o máximo de generosidade. A pureza dá "um

[133] Cf. SICA – *O rasto*, p. 61.

não sei quê" que atrai; dá ao coração uma ternura especial; dá à vontade um grande poder e uma grande força.

Quem possui esta virtude tem tranquilidade de espírito que se manifesta no carácter aberto e jovial; é valente e forte, até para fugir das más companhias.

Temos tentações e maus pensamentos. O mal não está no ter, mas no consentir e dar-lhes seguimento. Deus deu-nos a liberdade de escolher o bem ou o mal. Aqui está a oportunidade de temperar o nosso carácter e força de vontade.

O próprio BP vai dizer-nos que "o rapaz tem de compreender que o seu dever para com Deus está em guardar e em desenvolver, como depósito sagrado, aqueles talentos de que Deus o dotou para a sua passagem por esta vida; o corpo, com a sua saúde, o seu vigor e a sua faculdade de reprodução, para serem empregues ao serviço de Deus; a mente com o seu raciocínio, a memória e o discernimento admiráveis que a colocam acima do mundo animal; e a alma, essa parcela de Deus que traz dentro de si, ou seja, o amor, que se pode desenvolver e fortalecer por continua expressão e prática"[134].

A pureza é uma atitude perante a vida de viver na verdade. Ela é a base da coerência do meu comportamento entre o pensar e agir na relação com tudo o que foi criado, construindo o caminho para formar o meu carácter, encontrar a paz e viver feliz.

O que se disse neste décimo artigo da lei sobre pureza nos pensamentos, emprega-se também nas palavras e nas acções.

Nós não fomos criados para usar a humanidade, mas para gerar o amor que acontece entre pessoas que se comprometem e partilham as suas experiências, conhecimentos, afecto, carinho e amizade, porque o amor não se gera por si só no indivíduo, mas entre duas ou mais pessoas, como numa família.

[134] SICA – *O rasto*, p. 55.

Capítulo III

NOVA EVANGELIZAÇÃO: UM DESAFIO PERMANENTE

A Nova Evangelização (a partir de agora NE) não deve ser "mitificada", quem nos diz isso é o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. José Policarpo. Não devemos criar a ideia de que evangelizar é a última novidade do século. Ela também não deve ser entendida como uma coisa nova que estamos a querer desenvolver, e ao mesmo tempo exigir à Igreja uma nova postura e atitude tendo em conta as novas circunstâncias do mundo e da história.

Importa realçar que a missão de evangelizar é essência da igreja, iniciada pelos apóstolos aquando do envio destes pelo próprio Jesus Cristo, com o mandato ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura (Mc 16,15)[135].

1 – Definição

Quando ouvimos falar de NE nos dias que correm, a tentação imediata é a de por em marcha, embora apenas mentalmente, que técnicas e meios vamos

[135] Cf. LUMEN. Ano 66 - Série III. Nº1, Janeiro/Fevereiro 2005, p. 71.

usar. Estamos acorrentados ao "fazer", e este fazer que trás consigo a prioridade do fazer coisas, como se, com isto estivéssemos num palco a actuar[136].

Depois do que dissemos também importa referir que a "NE não se pode realizar se antes não se viver na Igreja o compromisso vital do homem com Deus"[137] Partindo desta ideia poderemos perceber a definição real da expressão de NE.

Evangelizar quer dizer mostrar o caminho; ensinar a arte de viver[138]. Também procede do verbo evangelizar que significa anunciar a boa notícia e do substantivo Evangelho que significa Boa Nova, usados quer nos livros sinópticos quer nos escritos Paulinos[139]. E para aqueles que não sabem que caminho, basta seguir o que nos propõe Jesus, o espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres (Lc 4,18). Ainda melhor, Jesus aponta-nos o caminho, e melhor ainda Ele próprio se apresenta como caminho, Eu sou o Caminho... (Jo 14,6).

Com João Paulo II a expressão NE vai ter uma correspondência à propriamente dita evangelização, em que a NE vai fazer parte como um dos campos da evangelização. Para percebermos a ideia nada melhor para nos esclarecer que a própria Redemptoris Missio (a partir de agora RM)[140]. Partindo

---

[136] CARVALHO, José Carlos – A acção sócio-caritativa das Conferências Vicentinas no contexto da nova Evangelização. In IGREJA E MISSÃO. Nº195-196, Janeiro/Agosto 2004, p. 23.

[137] ZAGHENI, Guido – *La Edad Contemporánea: Curso de historia de la Iglesia*. IV. Madrid: San Pablo, 1998, p. 423.

[138] RATZINGER, Cardenal Joseph – La Nueva Evangelización. In ACTUALIDAD CATEQUÉTICA. Nº188, Madrid, Octubre-Diciembre 2000, p. 98.

[139] BARBOSA, Adérito G – *A nova Evangelização.* Lisboa: Paulinas, 1994, p.21. Nesta mesma obra, na p. 68, encontramos uma nota que nos diz esclarece dizendo que o termo evangelização não se utliza no Novo Testamento e os etrmos evangelizar e Evangelho não se encontram em S. João.

[140] RM 33 "As diferenças de actividade, no âmbito da *única missão da Igreja,* nascem não de motivações intrínsecas à própria missão, mas das diversas circunstancias onde ela se exerce. Olhando o mundo de hoje, do ponto de vista da evangelização, podemos distinguir *três situações distintas.*

Antes de mais, temos aquela a que se dirige a actividade missionária da Igreja: povos, grupos humanos, contextos socio-culturais onde Cristo e o Seu Evangelho não é conhecido, onde faltam comunidades cristãs suficientemente amadurecidas para poderem encarnar a fé no próprio ambiente e anunciá-la a outros grupos. Esta é propriamente a missão *ad gentes.*

Aparecem depois as comunidades cristãs que possuem sólidas e adequadas estruturas eclesiais, são fermento de fé e de vida, irradiando o testemunho do Evangelho no seu ambiente, e sentindo o compromisso da missão universal. Nelas se desenvolve a actividade ou cuidado pastoral da Igreja.

Finalmente, existe a situação intermédia, especialmente nos países de antiga tradição cristã, mas, por vezes, também nas Igrejas mais jovens, onde grupos inteiros de baptizados perderam o sentido vivo da fé, não se reconhecendo já como membros da Igreja e conduzindo uma vida distante de Cristo e do Seu Evangelho. Neste caso, torna-se necessária uma « nova evangelização », ou « re-evangelização »".

do documento, a NE é falada como sinónimo de catequese de adultos, tendo em conta que grande parte não passou da catequese infantil, por isso a insistência e pedido numa NE de adultos. Devemos realçar que é falado também de uma segunda evangelização.

A expressão é ainda usada para aqueles que sendo baptizados se desligaram da fé, e abandonaram a Igreja.

Um terceiro modo de falar é referindo a recristianização afim de tornar novamente a Europa cristã.

Por último o modo de evangelizar diz-nos o documento e a visão do Papa, João Paulo II, que tem que ser nova[141].

Para que possamos seguir em frente temos a necessidade de NE, pois a verdade é que comunicar o evangelho ou evangelizar pressupõem uma arte que não se reduz à "ciência, mas que pode ser comunicado só por quem tem a vida, aquele que é o Evangelho em pessoa"[142]. A partir daqui nos apercebemos que a evangelização é uma responsabilidade que se "estende a todos os membros do Povo de Deus"[143].

2 – Conceito e realidade da Nova Evangelização

A denominação de NE, antes de ser algo definido, nasceu como "um movimento". Os antecedentes imediatos encontram-se pelos anos 40-50 em França, quando se fala de "país de missão" que leva os sacerdotes a sair das igrejas e partir ao encontro das pessoas, dando origem aos padres operários[144].

Esta necessidade é vista com preocupação pelos papas e podemos recordar algumas frases que aqui citamos do Papa Paulo VI: "o fosso e distanciamento entre cultura e fé, no nosso tempo, tende cada vez mais a fazer-

---

[141] cf. BARBOSA – *A nova*, p. 243-244.
[142] RATZINGER – La Nueva Evangelización. In ACTUALIDAD CATEQUÉTICA, p. 98.
[143] BARBOSA – *A nova*, p. 33.
[144] BUENO, Eloi; CALVO, Roberto – *Diccionario del Laicado y Asociaciones y Movimentos Católicos*. Burgos: Monte Carmelo, 2004, p. 533.

se mais profunda"[145]. João Paulo II vai também dizer que: "a cultura é o novo âmbito de diálogo com a fé, e ainda uma fé não plenamente acolhida, não inteiramente pensada, nem fielmente vivida, não é fé"[146].

Também este tema é escrito em vários documentos papais, que aqui fazemos menção de alguns como: Sollicitudo Rei Socialis (a partir de agora SRS), em que se defende que NE deve sorver todas a realidades sociais, também a CL, em que os leigos são os protagonistas; a RM: que diz que a NE e a Igreja em missão. O Tertio Millennio Adveniente (a partir de agora TMA) alude a que a NE é a Igreja que caminha rumo ao ano 2000, num redescobrir outra vez da sua identidade e missão[147].

3 – Características básicas da Nova Evangelização

Começamos por dizer que a NE tem quatro grandes características básicas e são elas que fundamentam a sua acção na Igreja. Assim:

a) A NE é ou pretende ser um projecto e compromisso de toda a Igreja. Não podemos deixar de dizer que oferece dimensões planetárias e paneclesiais. Ainda que a Igreja possa viver a mesma comunhão para a nova missão, deve haver uma inculturação tendo em conta as regiões;

b) A NE não muda o Evangelho, nem o essencial do Kerigma, mas tão somente as suas expressões e métodos. Parte da realidade para se iluminar. Fala-se ainda dos movimentos complementares, como sendo a inculturação e imersão em cada cultura e evangelização dessa mesma cultura.

c) A NE apresenta-se como um projecto e como tal oferece opções e urgências. A opção fundamental é sem duvida o modelo de Jesus Cristo evangelizador, que faz realidade a teologia da cruz. Essa opção preferencial nos fala de uma opção pelas vitimas do nosso mundo. Também não menos

[145] *Ibidem*, p. 533.
[146] *Ibidem*, p. 533.
[147] *Ibidem*, p. 535.

importante a opção pelos mais jovens e pela família. É sem dúvida aí que se joga o futuro da humanidade e da Igreja.

d) Para terminar não podemos deixar de falar que fins encerram a NE, e aí encontrarmos o redescobrimento de Jesus Cristo, de Deus vivo da revelação e a partir daqui promover e fazer realidade a civilização do amor e da vida, numa redescoberta do sentido da história e da humanidade porque Jesus Cristo é o único salvador e mediador entre Deus e os homens[148].

Tudo o que dissemos até agora só é possível com uma profunda renovação da Igreja porque para se evangelizar deve-se estar aberto a ser evangelizado, porque sabemos que hoje o testemunho é mais importante que as palavras dos grandes mestres.

Nesta acção pastoral tendo em conta o contexto actual, não pode-mos esquecer que existem duas alternativas: ou se põe o acento num tipo de acção que gira em volta dos sacramentos e da formação que se requer para eles, ou se põe o acento na evangelização, na transformação do mundo, impregnando-o dos valores do reino[149].

4 – O Concílio Vaticano II

João Paulo II, não descura este facto, de que é urgente uma nova evangelização e por isso vai dizer-nos fundamentando-se no Evangelho de Jesus Cristo: Não há nova evangelização, não há novo Evangelho de Jesus Cristo, é o mesmo, ontem, hoje e pelos séculos (Heb 13,8). É inalterável o mandato de Jesus: ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura (Mc 16,15).

Afinal, o que há de facto? De facto, é evangelização de novo. E há também novas formas de evangelização.

---

[148] cf. *Ibidem*, p. 535-536.
[149] COMUNIDADE E ESPIRITUALIDADE: *Igreja no mundo de hoje - A Evangelização (II) caderno 5*. Lisboa: Paulinas, 2002, p. 8.

João Paulo II acerca disto escreveu: com a queda dos grandes sistemas anti-cristãos no continente europeu, o nazismo primeiro e depois o comunismo, impõe-se a tarefa urgente de oferecer de novo aos homens e mulheres da Europa a mensagem libertadora do Evangelho (TMA 57).

Porem não pode a Igreja de Jesus evangelizar os outros, se não começar por se evangelizar a si mesma: ela tem necessidade de ouvir constantemente aquilo que deve acreditar, as razões da sua esperança, o mandamento novo do amor Evangelii nuntiandi 15 (a partir de agora EN).

Evangelizar segundo (EN 18) é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, para transformá-las a partir de dentro. Trata-se não de partir para terras longínquas mas de atingir e como que modificar os critérios de julgar, os valores, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade (EN 19).

Há que pensar que não se trata de decoração, mas de acção vital implicando a sua pessoa como testemunha e palavra. Exige o anúncio explícito da verdade, da doutrina, da vida, das promessas e do ministério de Jesus de Nazaré. Deve conduzir à conversão pessoal (EN 10) e à adesão a Cristo e deve caminhar para uma entrada visível na comunidade dos fiéis. Não há Cristo sem igreja, como não há igreja sem Cristo (EN 19).

A NE destina-se a multidões de homens e mulheres que receberam o baptismo, mas vivem longe da vida cristã; pessoas simples que conhecem mal os fundamentos da fé; intelectuais que sentem a falta de um conhecimento de Jesus Cristo mais aprofundado (EN 52).

Devido a secularização em que vivemos, o indiferentismo e à militância ateísta, devido a toda a exposição, evangelizar há-de ser comunicar à fé dos fiéis esse alimento e esse amparo de que ela necessita (EN 54)

Como toda a Igreja é missionária é a obra da evangelização é um dever fundamental do Povo de Deus, urge uma profunda renovação interior que leva à responsabilização da difusão do Evangelho (AG 35).

A Acção dos leigos é tão necessária dentro das comunidades eclesiais que, sem ela, o próprio apostolado dos pastores não pode conseguir a maior parte das vezes, todo o seu efeito Apostolicam Actuositatem (a partir de agora AA 10)[150].

5 – Que pedagogia da Evangelização

«Fazei o que Ele vos disser», são as palavras captadas por João da boca da mãe de Jesus (Jo 2,5), e é o que de melhor se pode apreender quando se quer anunciar Jesus Cristo aos homens de hoje. Tenhamos ainda o cuidado de não aparecer como nos relata (1Cor 1, 12) «Eu sou de Paulo», ou «Eu sou de Apolo», ou «Eu sou de Cefas», ou «Eu sou de Cristo». Todo o sucesso da NE passará pela unidade, como na evangelização também no movimento em estudo, não devemos permitir que os particularismos comprometam a unidade da missão, condição necessária da sua eclesialidade, porque é o Senhor que envia.

Para que tudo aconteça como anteriormente dissemos há algumas condições que temos que ter em conta para o verdadeiro sucesso. Que ninguém se espante, se alguém lhe falar de Deus e de Jesus Cristo. E que não deixemos de usar e recorrer ao contributo dos modernos meios de comunicação com as multidões.

Para que todo o trabalho desenvolvido, de missionação, atinja os seus objectivos temos que ter alguns cuidados: primeiro a qualidade, em que a preocupação é fazer bem feito o que nos propomos fazer, aliando sempre duas realidades que não se opõem, a simplicidade e a qualidade. Segundo, a beleza. Partamos do belo para que o homem do nosso tempo possa a partir daí perceber a Boa Notícia. Terceiro e último, a eclesialidade. Não podemos pensar acções

[150] Cf. CONFERENCIA EPISCOPAL PORTUGUESA – *Documentos Pastorais*. Lisboa: Rei dos Livros, IV Volume, 1991-1995, p. 323-336.

efémeras, que se esgotam quando acabam, devemos deixar dinamismos que perdurem na linha da realização da missão da igreja prolongada no tempo[151].

6 – A Nova Evangelização um Itinerário Histórico

Decorriam os anos cinquenta e o Papa Pio XII faz um pedido aos bispos Latino-Americanos reunidos no Rio de Janeiro, que se consciencializassem da grande necessidade que é a NE e enfrentassem o problema da inculturação[152].

Neste sentido a NE vai ser concretizada apontando-se prioridades, isto vai acontecer em 1968 em Medellin. E são elas: como urgente e primeira a opção preferencial pelos pobres, a segunda o esforço grandioso pela educação e por último, mas não menos importante uma nova cultura de vida[153]. Dentro ainda deste contexto de Medellin são apresentados objectivos como nos refere Adérito Barbosa na sua obra "A nova Evangelização", apresenta como primeiro objectivo "aprofundar e fortalecer a fé deste povo"[154]. O segundo objectivo tem como principio "promover a cultura da solidariedade libertadora e fraterna"[155]. Como terceiro e último objectivo "promover uma igreja evangelizadora e solidária"[156]. O que podemos perceber é que não se trata de um corte com o que está para trás e que faz parte do passado, mas também não começa a partir de Medellin.

O Papa João Paulo II, na primeira viagem à sua terra natal, utiliza esta expressão, "pedindo expressamente o Papa para a Europa uma NE"[157]. A primeira vez que João Paulo II fala em NE, sendo consagrada a palavra e tornada realidade foi em Junho de 1979, em Puebla.

---

[151] Cf. POLICARPO, D. José da Cruz – *Missão na Cidade*. Congresso Internacional da Nova Evangelização. Prior Velho: Paulinas, 2003, p. 16-19.
[152] BUENO; CALVO – *Diccionario*, p. 533.
[153] Cf. *Ibidem*, p. 534.
[154] BARBOSA – *A nova*, p. 118.
[155] *Ibidem*, p. 118.
[156] *Ibidem*, p. 119.
[157] BUENO; CALVO – *Diccionario*, p. 534.

Com João Paulo II a NE vai ter um carácter institucional pela primeira vez no Haiti, no ano de 1983, o que aconteceu numa reunião de bispos. Aí se apresenta como nova no seu ardor, métodos e expressões. No decorrer do pensamento que vinha desta última mensagem, os bispos em reunião, no ano de 1984, em Santo Domingo[158], apresentam a NE como nada mais sendo que a promoção da civilização do amor e da vida[159].

Vivia a Europa o ano de 1984 quando os bispos abordavam o tema evangelização e secularização e no fim se afirmou a Europa necessitar de uma NE, como já o tinha sugerido em 1979 o Papa João Paulo II.

Na sequência de uma reunião anual dos cardeais com o Papa, no ano de 1985 as vozes se levantam e se apela que a NE não se confine à América Latina ou à Europa, mas que se abra a todo o planeta[160].

6.1 – Medellin

Em Medellin, Colômbia, vai ter lugar a segunda assembleia geral do Conselho Episcopal Latino-Americano (a partir de agora CELAM). Nesta assembleia pretendeu-se reforçar o que o Vat II, vem a propor como sendo a recepção criativa ao Vat II, que leva a ler e escutar os sinais dos tempos.

Dos trabalhos realizados surgiu a seguinte conclusão recolhida num documento que abrangia três áreas: a promoção humana, a evangelização e crescimento na fé e os movimentos dos leigos sacerdotes e religiosos.

Aparece com clareza uma visão comunitária de todos os intervenientes na vida da Igreja local, dando maior acolhimento ao desejo dos leigos na participação nas estruturas pastorais da Igreja.

---

[158] Na comemoração dos V séculos de Evangelização, João Paulo II vai afirmar: terá o seu significado pleno se for um compromisso da vossa parte, como bispos, juntamente com o vosso presbitério e fiéis, compromisso não de uma reevangelização, pois a "reevangelização suporia que a primeira evangelização não teve resultados importantes".
[159] Cf. BUENO; CALVO – *Diccionario*, p. 534.
[160] Cf. *Ibidem*, p. 534.

Desde aí, todo o cristão é convidado a cultivar uma espiritualidade que busca o Reino de Deus, identificando-se deste modo com o mistério pascal e concretizando a sua missão através das comunidades eclesiais de base; promoção e formação de catequistas; fomentando o desenvolvimento e a promoção humana e cultural, no trabalho desde os meios de comunicação social.

A sua missão concretiza-se a nível pessoal ou comunitária, através de movimentos de apostolado secular; por meio da consagração laical em institutos seculares ou desde organismos e movimentos internacionais.

Como urgência a CELAM pede às conferências episcopais a criação de conselhos de leigos, quer a nível nacional quer regional[161].

6.2 – Puebla

A terceira conferência geral da CELAM, vai ter lugar em Puebla, no ano de 1979, em que a problemática central foi a Evangelização no presente e no futuro da América Latina.

O documento final consta de cinco grandes partes: Primeira, a visão pastoral da realidade. Segunda, os desígnios de Deus sobre a realidade da América Latina. Terceira, a evangelização na Igreja da América Latina: comunhão e participação. Quarta, a Igreja missionária ao serviço da Evangelização na América latina. Quinta e última, a Evangelização só é possível dentro do dinamismo do Espírito.

Todo o documento está repleto de referências ao laicado e por isso nos dedicamos a realçar mais esse aspecto nestas linhas. Assim, é afirmada a necessidade da presença dos leigos na missão evangelizadora, embora seja necessária uma reflexão sobre a espiritualidade do leigo na Igreja e no mundo.

No que respeita aos critérios pastorais reafirma a importância de uma pastoral de conjunto. Mais tarde são apresentados critérios sobre os ministérios

[161] Cf. BUENO; CALVO – *Diccionario*, p. 5.

para evitar o perigo de: clericalização dos leigos, como também o não assumir quer pelos leigos quer pelos movimentos laicais a dimensão social do seu compromisso.

Uma das novidades deste terceiro encontro foi a importância a dar à mulher, desde a sua especificidade na evangelização, no presente e no futuro, da América latina.

Neste sentido se conclui que "a Igreja está chamada a contribuir para a promoção humana e cristã da mulher, ajudando-a assim, a sair de situações de marginalização em que pode encontrar-se e capacitando-a para a sua missão na comunidade eclesial e no mundo"[162].

6.3 – Santo Domingo

O quarto encontro da CELAM, que se realiza em "Santo Domingo, cujo tema foi a NE promoção humana e cultura cristã, forneceu novas formas de aprofundamento e explicitação às intuições originais e fecundas de Medellin e de Puebla"[163].

Nesta conferência se integraram todas as Igreja do Caribe. Também vai estar presente o Papa João Paulo II, cujo discurso inaugural se centra no tema, Jesus Cristo ontem, hoje e sempre.

Os trabalhos vão reflectir sobre três grandes linhas força: Primeira, Jesus Cristo, evangelho do pai; Segunda, Jesus Cristo, evangelizador vivente na sua Igreja; Terceira, Jesus Cristo, vida e esperança da América Latina.

Desta conferência sai uma linha prioritária para a pastoral Latino-Americana: "uma Igreja em que os fieis cristãos leigos sejam protagonistas. Um laicado bem estruturado com uma formação permanente, maduro e comprometido. Tudo isto foi levado a cabo pelas igrejas particulares.

---

[162] Cf. *Ibidem*, p. 645.
[163] MARTINS, Cardeal José Saraiva – *A Igreja nos Alvores do Terceiro Milénio: Reflexões Teológico-Pastorais*. Lisboa: Paulinas, 2002, p. 294-295.

Não podemos esquecer que as linhas anteriormente referidas já tinham sido trabalhadas nas duas últimas conferências, todavia se reclamam algumas linhas de acção: aumentar a comunhão da vivência da Igreja desde a corresponsabilidade na missão.

Há um reafirmar da importância e necessidade dos movimentos e associações da Igreja, conforme o discurso inaugural de João Paulo II em que afirma que a Igreja espera muito dos leigos que com entusiasmo e eficácia evangelizadora, trabalham muito a partir dos novos movimentos apostólicos, sendo uma maior presença da fé na vida social.

Se Puebla existiu no âmbito da mulher, santo Domingo o fez igualmente e acrescentará o campo dos adolescentes e jovens, ambos como desafios autênticos para a evangelização da Igreja no futuro[164].

6.4 – A Nova Evangelização que proposta

A partir daqui consagra-se esta expressão na vida da Igreja. E concluímos que a NE não vem revolucionar a missão, mas trazer novidade, que é apresentada em três factores essenciais. Apresenta-se nova:

a) No ardor, isto significa que tem que haver entusiasmo e convicção. Passará ainda pela alegria da pertença, levando à nova capacidade de comunicação e diálogo.

b) Na metodologia, levando a uma reestruturação das estruturas pastorais, de sinais e símbolos, linguagem e comunicação[165]. Neste método o Cardeal Ratzinger vai alertar para o seguinte, é bom que saibamos e possamos usar o que está ao nosso dispor, mas há que pensar que são para melhor compreender o Senhor. Um outro alerta é o apelo a todos os que pensam que a retórica e os grandes apresentações e comunicações são a única forma de se evangelizar pois bem São Paulo, sabemo-lo desde sempre, teve sucesso devido ao testemunho,

[164] BUENO; CALVO – *Diccionario*, p. 698.
[165] BARBOSA – *A nova*, p. 244.

de vida e comunhão com a paixão de Cristo. Embora antiga pode hoje ser usada, como o foi no passado, a celebre frase de Tertuliano, é uma semente o sangue dos mártires[166].

c) Na expressão da evangelização que não é mais que conseguir transmitir para o Homem de hoje uma mensagem que tem 2000 anos[167].

Podemos dizer ainda que é nova, porque o mundo, a cultura e o homem a quem se dirige tem uma visão das coisas, uma atitude ante Deus e os demais que são novas[168].

7 – O nosso tempo

A descristianização actual torna urgente uma nova evangelização. A nova evangelização significa anunciar de novo a Boa Nova, anunciar de forma nova o Evangelho de Jesus. A nova evangelização deve fazer assentar a fé em convicções pessoais e não apenas no meio social, que hoje se secularizou. Ora o Escutismo tem exactamente condições para contribuir para a personalização da fé: as actividades e valores que propõe conduzem a uma experiência pessoal da vida cristã.

A NE dirige-se aos que não conhecem a Cristo ou então, às multidões de homens e mulheres que receberam o baptismo, mas hoje vivem à margem de toda a vida cristã (EN 51-52). Ora o Escutismo contacta e interessa muita gente que habitualmente não frequenta a Igreja. Torna-se, por isso, um movimento de fronteira entre a Igreja e o mundo por evangelizar[169].

---

[166] RATZINGER – La Nueva Evangelización. In ACTUALIDAD CATEQUÉTICA, p. 100-101.
[167] AGÊNCIA ECCLESIA. Nº986. Dezembro 2004, p. 11.
[168] BARBOSA – *A nova*, p. 245.
[169] Cf. SILVA, José Nuno – *Padre Ângelo Ferreira Pinto: Pista sacerdotal no Escutismo*. Porto: Edição de Região do Porto CNE, 1998, p.162.

8 – O escutismo e a Nova Evangelização

É sem dúvida um movimento a apresentar grande dinamismo, respondendo com grande eficácia aos desafios que à sociedade são colocados como: ecologia, ética social, participação dos cidadãos, sentido de responsabilidade e do dever. Há que realçar o seu papel no campo educativo, com prioridade na preocupação dos povos.

Temos que recordar que quando surgiu o escutismo, a família era a protagonista na educação, conjuntamente com a escola e a Igreja. Hoje a complexidade social é tal, que se divaga entre uma diversidade de propostas. Também a juventude adquiriu um estatuto de autonomia.

A família não consegue dar o necessário equilíbrio, a escola prolonga-se mas descura a educação cívica e moral, a Igreja vê saídas em massa, sem vislumbrar o regresso, a comunicação social cria nos menos preparados confusão, com o criar de múltiplas escolhas e opiniões. A verdade é que apesar de tudo há sinais de esperança, abertura ao transcendente, abertura ao Espírito, à solidariedade.

Podemos concluir que se existe preocupação ecológica e a dimensão ética da vida, isto significa que há condições de educar para os valores humanos e evangélicos.

8.1 – Que proposta

Dentro deste enquadramento há um desafio latente como deve o escutismo actuar na fidelidade aos princípios do fundador e à matriz cristã do Evangelho. A escolha feita pelos escuteiros católicos leva-nos mais longe que a simples afirmação de BP "precisamos de formar rapazes e raparigas que amem a Deus..."[170] que possamos afirmar que Jesus Cristo seja descoberto, vivido,

[170] CONFERÊNCIA INTERNACIONAL CATÓLICA DO ESCUTISMO. O escutismo, p. 9.

anunciado e celebrado na vida que partilhamos uns com os outros nas nossas reuniões e nos nossos acampamentos, por intermédio dos nossos jogos, dos nossos projectos, dos nossos empreendimentos, dos nossos conselhos. O que se pretende com tudo isto é que o nosso cristianismo transpareça nas nossas acções[171], melhor como tudo o que temos dito sobre o escutismo e a evangelização só darão fruto se aos olhos dos homens forem exemplo e testemunho.

O escutismo contém uma educação integral: a relação da pessoa consigo própria, corpo e espírito, com os outros e com Deus. Também pratica uma pedagogia activa. Abarca na sua educação crianças, adolescentes e jovens. Orienta para a adesão a um ideal dos valores éticos, humanos e cristãos. Assim a boa acção educa à solidariedade; o bando, a patrulha e a equipa formam para a comunidade; e fomentada a fraternidade universal, o espírito de observação e criatividade, a consciência da dignidade e da liberdade pessoais levando a que seja um movimento de grande actualidade e interesse.

O escutismo coincide com as preocupações educativas da Igreja por isso a sua grande convergência com o cristianismo. Por outro lado os valores do escutismo carecem de uma iluminação da fé. Viver o ideal escutista, assumindo Jesus Cristo como ponto de referência a essência torna-se diferente. Do mesmo modo, a natureza, a ecologia, e o sentido ético adquirem outra dimensão, se tiverem como referencia a teologia da criação e a corresponsabilidade na construção de um mundo melhor.

Assim como a fé ilumina e solidifica os valores próprios do escutismo, assim o escutismo oferece um método educativo um efectivo processo de maturação cristã e vejamos a verdadeira e original pedagogia da fé: a promessa e a lei ensaiam a adesão ao Deus da aliança; A boa acção educa para a caridade e a imitação de Cristo servo; o acampamento e o contacto com a natureza conduzem ao Deus criador, ao cuidado com a criação como tarefa da fé e à austeridade de vida; A patrulha permite a experiência de comunhão; A

[171] Cf. *Ibidem*, p. 9.

fraternidade mundial ajuda a experimentar a catolicidade da igreja, o diálogo ecuménico e a solidariedade internacional; O progresso coloca a existência cristã como caminho nunca acabado de perfeição; o projecto ajuda a compreender a vida como vocação; com tudo isto poderemos concluir que o escutismo contém virtualidades evangelizadoras de uma indiscutível oportunidade pastoral.

Depois do que fomos dizendo podemos afirmar que o escutismo pode e deve ser hoje caminho para a nova evangelização[172].

8.2 – A quem se dirige

Durante séculos ouvimos a pergunta de Jesus em (Mt 18,12) Que vos parece? Se um homem tiver cem ovelhas e uma delas se tresmalhar, não deixará as noventa e nove no monte, para ir à procura da tresmalhada? Hoje esta interrogação traz consigo uma maior preocupação e inquietude pois a verdade é que quem se encontra dispersa não é uma mas as outras noventa e nove, o que quer dizer a maioria[173].

Urge evangelizar de novo visto a primeira evangelização estar a perder forças. Há necessidade de repensar para responder aos desafios, mas valorizar o que existe.

Devido à secularização o escutismo responde com a personalização da fé: as actividades e valores que propõe conduzem a uma experiência pessoal da vida cristã.

A NE é trabalho de todo o Povo de Deus não só dos padres, mas também dos leigos, com um papel indispensável. O escutismo pode contribuir de forma rica na realização do programa fundamental que a Igreja recebeu do seu fundador, sobretudo a partir da manhã de Pentecostes (EN 51).

Assim, o escutismo como proposta de evangelização, deve dirigir-se aos não evangelizados, implicando isto dar a conhecer Jesus e o seu evangelho. Este

[172] Cf. SILVA – *Padre*, p.158-162.
[173] Cf. COMUNIDADE E ESPIRITUALIDADE: *Igreja*, p. 11.

anúncio deve ser explícito, mas temos que realçar que o testemunho de vida é muito importante, mas não chega porque é necessário que a Boa Nova que é recebida leve à relação com Jesus Cristo. Para que isto aconteça há que sair, ir ao encontro. Existe a necessidade de êxodo, e muitas vezes é só atravessar a rua, há que tomar a iniciativa de ir ao encontro e não esperar que venham ter connosco.

Por último, e como o fundamental é que possam aderir, para entrar na comunidade há que ter estruturas, que possam acolher os que vêm até nós, o escutismo como movimento católico e com uma espiritualidade riquíssima, tem um papel importante e insubstituível[174].

8.3 – Papel primordial

Não podemos esquecer que todos estamos chamados a evangelizar, isto faz parte das opções globais da Igreja a partir do Vat. II. Aparece claro no final do número cinco na Constituição da LG, que a Igreja recebe a missão de anunciar o reino de Cristo e de Deus e de instaurar em todos os povos, e constitui na terra o gérmen e o princípio desse reino[175]. É este o papel a assumir pelos Escuteiros, como membros desta Igreja, mas de forma especial os dirigentes, que são o trampolim dos novos rumos para o futuro, abrindo-se aos novos tempos e as novas exigências da fé.

Falamos da importância dos dirigentes porque no CNE são a espinha dorsal e é aí que gira toda a renovação. "Nesta hora de mudança a sua acção é fundamental, para tal é necessário deixar-se conduzir pelo evangelho e transformar-se"[176]. Nesta perspectiva o dirigente é evangelizador e como tal deve manter-se vigilante para que não corra os dois perigos que se apontam aos que desempenham este papel, que são: "o de não confundir testemunho com visão

[174] AGÊNCIA ECCLESIA. Nº982. Novembro 2004, p. 7.
[175] Cf. COMUNIDADE E ESPIRITUALIDADE: *Igreja,* p. 13.
[176] SILVA – *Padre,* p. 158-162.

subjectiva da verdade e de não cair na tentação, para ser bem acolhido, de anunciar aquilo que os homens gostam de ouvir"[177].

A fidelidade deve ser esta como o próprio Papa João Paulo II na Novo Millennio Ineunte (a partir de agora NMI) nº 28 afirmou: "o programa pastoral da Igreja é Jesus Cristo, o mesmo ontem, hoje e sempre"[178]. Para que tudo isto aconteça e o anúncio tenha frutos, esse anúncio tem de ser humilde e dialogante, atitude de quem vai ao encontro dos outros em espírito de serviço, e não pode ser de outra forma porque só quem vive do e no Evangelho aceita ser enviado e por conseguinte anuncia-o[179].

9 – A Nova Evangelização: estrutura e método

Todos nós ouvimos dizer que há crise de valores, é de todo verdade devido à descristianização actual, e para se alterar a situação há que ter coragem e urge uma NE. João Paulo II insistiu permanentemente nisto, para a igreja poder responder aos novos desafios. A NE é o convite a evangelizar de novo e de forma nova. Precisamos de encontrar repetidamente novos métodos, novo ardor e nova estratégia[180].

O escutismo tem na sua pedagogia um dinamismo evangelizador que necessita de ser valorizado. Assim:

Há que personalizar e fundamentar a fé, acentuando a convicção pessoal, para poder enfrentar o mundo actual. O escutismo tem possibilidades de conduzir à personalização da fé através da convergência profunda entre as actividades e os valores que propõe e a fé cristã que lhe serve de matriz, levando a uma maturidade humana e cristã de cada membro.

---

[177] POLICARPO – *Missão*, p. 11.
[178] Cf. *Ibidem,* p. 12.
[179] Cf. *Ibidem,* p. 4-14.
[180] Cf. CONFERENCIA EPISCOPAL PORTUGUESA – *Documentos*, p. 332.

O escutismo poderá desempenhar um papel de primeira importância, educando para os valores evangélicos e através deles orientar para o encontro com aquele que é fonte e fundamento desses valores

O escutismo tem na NE o papel de se aproximar dos afastados, aqueles que vivem fora, alheios da vida cristã. Torna-se assim um movimento de fronteira entre a igreja e o mundo, é um meio para a NE.

Isto só será possível se estiver toda a Igreja empenhada. Devido ao seu papel na Igreja, o escutismo pela participação activa que propõe, pela responsabilidade que desperta, educa para a participação laical, incentiva e prepara os leigos para serem obreiros de evangelização. O que acontece, verdadeiramente, é que cria uma atitude de serviço a Deus e ao próximo, orientando os seus membros para a justiça, paz e fraternidade[181].

10 – A eclesialidade do movimento

Temos que estar cientes, de que o CNE é o Escutismo Católico Português, criado pela Igreja Católica e como tal se assume, isto é o que nos revela o artigo segundo dos estatutos [182].

Partindo deste principio há que saber que o movimento é membro da totalidade e globalidade da Igreja, por isso, é pedido a todos empenhamento neste movimento, participando activamente na constante transformação do mundo, feita à luz do Evangelho[183].

Temos verificado que a relação do movimento nem sempre deu testemunho do que acabamos de referenciar, mas não podemos esquecer o caminho que foi feito para que o escutismo se sentisse dentro da catolicidade.

---

[181] Cf. *Ibidem,* p. 332-333.

[182] Cf. Corpo Nacional de Escutas – Escutismo Católico Português. ESTATUTOS. Documento aprovado 29 Junho de 1991. Capitulo I artigo 2º.

1 O CNE afirma-se movimento da Igreja Católica.

2 O CNE está ciente das responsabilidades que lhe advêm deste facto, bem como daquelas que a hierarquia e o restante Povo de Deus têm para com a associação.

[183] Cf. SILVA – *Padre,* p. 99.

10.1 – Carta Católica do Escutismo

A experiencia vivida pelo grupo de escuteiros é um despertar da pessoa para si própria, para o mundo, e para as suas próprias dimensões espirituais.

O Escutismo pode assim tornar-se o lugar de uma autêntica revelação de Jesus Cristo. Esta "Nova Evangelização ou Evangelização Nova", situa-se no próprio coração do escutismo, o qual suscita a adesão pessoal e o testemunho de vida, através dos seus programas, das suas actividades, da sua pedagogia comunitária e activa.

Assim, podemos dizer que:

a) O escutismo, na intenção do seu fundador BP, conduz os jovens a fazerem-se artífices do seu próprio desenvolvimento, e o seu método estimula o crescimento da pessoa e das comunidades. É por isso que os católicos reconhecem na educação fundamentalmente libertadora, visão esta apresentada em vários documentos[184], a própria NE "terá de devolver ao povo o sentido libertador de Jesus Cristo"[185], esta visão e sentido é proposta pelo método escutista como um acesso aos valores do Evangelho. Esta educação libertadora é capaz de conduzir à plena responsabilidade e ao desenvolvimento integral de cada pessoa.

b) A experiência vivida pelo grupo de escuteiros é um despertar da pessoa para si própria, para o mundo, e para as suas próprias dimensões espirituais. O escutismo pode assim tornar-se o lugar de uma autêntica revelação de Jesus Cristo. Esta NE situa-se no próprio coração do escutismo, o qual suscita a adesão pessoal e o testemunho de vida, através dos seus programas, das suas actividades, da sua pedagogia comunitária e activa. Os animadores escutistas católicos vivem a sua busca e o seu compromisso de cristãos fazendo caminho com os seus escuteiros. Ao partilharem a sua história, oferecem-lhes as condições de fazer nascer uma comunidade onde a palavra de Deus seja

[184] Entendemos por "educação libertadora" a educação tal como é concebida no espírito de: Os Documentos de Medelin (l969; Cap. IV); "Evangelii Nuntiandi" (l975; 8.12.75).
[185] LEAL – Místicos. In REVISTA DE ESPIRITUALIDADE, p.189.

conhecida, acolhida, vivida e celebrada. Esta tarefa é realizada em colaboração com sacerdotes que partilham do mesmo caminho, com a contribuição específica do seu ministério na Igreja. Esta tarefa é para os animadores uma maneira concreta de viverem e de fazerem crescer a sua fé, de participarem na missão confiada por Jesus Cristo à sua Igreja. É assim que eles se situam no apostolado dos leigos e para os leigos.

c) A unidade do Escutismo Mundial reveste-se de uma grande riqueza, pela sua diversidade. A Organização Mundial do Movimento Escutista (a partir de agora OMME) é um lugar privilegiado de encontro de todas as origens, de todas as raças, de todas as nações e de todas as religiões ou espiritualidades. Tendo em vista a construção efectiva da unidade, os católicos contribuem para o movimento do Escutismo Mundial com os valores que são próprios à sua vida comunitária de baptizados. Para isso, têm necessidade de espaços e de tempos específicos onde possam definir os caminhos da revelação de Jesus Cristo na história, confrontar as buscas e as interrogações da sua fé, e celebrar nos sacramentos o mistério de Cristo morto e ressuscitado. É assim que eles corporizam a Igreja vivida em grupo, em comunhão com a Igreja universal.

d) Em cada país, as situações, as características da OMME, e as orientações pastorais da Igreja local, diferem das dos outros países.

Compete então aos católicos que vivem o escutismo, conscientes das dimensões comunitárias da sua fé, e em diálogo com os seus bispos por um lado e com a sua associação por outro, estabelecer as condições mais favoráveis à sua educação tal como é definida no ponto dois da presente carta.

e) A Conferência Internacional Católica do Escutismo (a partir de agora CICE) é um apelo da Igreja para viver a comunhão, aprofundar a fé e partilhar a experiência cristã. Assim, a CICE:

Permite uma tomada de consciência da Igreja no seio do escutismo vivido pelos católicos;

Toma parte na vida da Igreja universal, nomeadamente como Organização Internacional Católica (a partir de agora OIC), contribuindo com a sua própria experiência e recebendo a dos outros;

Assegura uma presença do mundo dos jovens na igreja;

Participa na evolução e no aprofundamento dos valores espirituais do escutismo através do diálogo entre católicos e não-católicos, entre crentes e não-crentes[186].

10.2 – Relações complexas entre o movimento e a instituição eclesial

Uma das dificuldades sentidas é a sua integração, nos movimentos juvenis, sendo ele também um movimento que privilegia a formação de jovens. Apresentando-se como um movimento evangelizador, não pode ser nem actuar como isolado e autónomo.

O Papa João Paulo II na mensagem ao congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais, a que o movimento em estudo tem representatividade[187], afirmou, que em muitas ocasiões, "como na Igreja não existe contraste ou contraposição entre a dimensão institucional e a dimensão carismática, da qual os movimentos são uma expressão significativa. Ambos são co-essenciais à constituição divina da Igreja fundada por Jesus, porque concorrem juntos para tornar presente o mistério de Cristo e a Sua obra salvífica do mundo. Juntos, além disso, têm em vista renovar, segundo os seus modos próprios, a autoconsciência da Igreja, que se pode dizer, num certo sentido, ela mesma movimento enquanto acontecimento, no tempo e no espaço, da missão do Filho, por obra do Pai no poder do Espírito Santo"[188].

---

[186] Versão escutista da Carta comum à (CICE) e à Conferência Internacional Católica do Guidismo (a partir de agora CICG), adoptada em Julho de 1977 pelo Conselho Mundial da CICE reunido em Montreal e pelo Conselho Mundial da CICG reunido em Roma.

[187] No repertório das ASOCIACIONES INTERNACIONALES DE FIELES é o nº42 com o nome de CONFERENCIA INTERNACIONAL CATÓLICA DE ESCUTISMO (CICS) o nº 43 e a organização feminina CONFERENCIA INTERNACIONAL CATÓLICA DE GUIDISMO (CICG)

[188] JOÃO PAULO II – Mensagem, nº 5.

Como movimento eclesial deve integrar-se na pastoral de conjunto da paróquia e da diocese, em articulação e complementaridade com outros organismos que colaboram na missão da Igreja, sobretudo na evangelização dos jovens.

O movimento deve apreciar o contributo específico de outros organismos. Partindo do princípio que o Espírito Santo é o animador da Igreja, e que concede carismas variados, há que trabalhar para a unidade e globalidade na pastoral diocesana. É sem sombra de dúvida aí que a Igreja se realiza na plenitude das suas dimensões.

O escutismo em comunhão eclesial apresenta-se em posição privilegiada para corresponder às exigências de uma pastoral juvenil.

10.3 – Pistas para um diálogo entre o Escutismo e a Igreja Católica

Em cada país, as situações, as características de uma Associação Escutista Nacional e as orientações pastorais da Igreja local são diferentes.

Cabe, assim, aos católicos que vivem o escutismo, conscientes das dimensões comunitárias da sua fé, definir, em diálogo com os bispos, por um lado, e com a associação, por outro, as condições mais favoráveis para a educação tal como está definido nos pontos um e dois da Carta Católica do Escutismo.

Neste sentido, é importante realçar particularmente a realização concreta e explícita do seguinte:

a) Cada associação católica, conselho ou comité católico das associações pluralistas vive em comunhão eclesial, enquanto iniciativas livremente promovidas pelos crentes e reconhecidas pelas autoridades competentes. Os sinais explícitos desta fidelidade são expressos através de um diálogo constante com os pastores e por uma presença activa em todas as instâncias participativas abertas aos leigos nas Igrejas locais.

b) Cada conferência episcopal, como reconhecimento pleno da identidade específica da acção e da presença dos católicos no escutismo, é convidada a dar a sua atenção e interesse na sua relação com a associação, conselho ou comité católico escutista e a proporcionar-lhe uma pedagogia de desenvolvimento da fé. Em particular, a conferência episcopal disponibiliza assistentes eclesiásticos que exercem a sua missão sacerdotal confiada pelo bispo, como presbíteros que participam no escutismo integrados nas associações, conselhos ou comités católicos.

b) Em cada país, cada expressão católica do escutismo deve viver harmoniosamente a síntese entre a sua pertença à OMME e a comunhão com a igreja local e universal. Esta relação harmoniosa é de importância fundamental como sinal e testemunho educativo para os seus membros, e como referiu o Papa João Paulo II na audiência ao Secretário-Geral da OMME, de vinte de Setembro de 1990, assim como expressão manifestada da "cooperação e intercâmbio para um maior fortalecimento e êxito do movimento como experiência educativa válida"[189].

10.4 – Carta do Escutismo Católico Português

O Corpo Nacional de Escutas, CNE, é o Escutismo Católico Português, movimento de voluntariado e auto-educação de rapazes e raparigas, com o apoio de adultos. Os escuteiros do CNE querem viver integralmente o Escutismo, como estilo de vida proposto por BP, seu fundador, em fraternidade e de forma criativa, à luz de Jesus Cristo e do Evangelho.

---

[189] ASSISTÊNCIA NACIONAL. *CELEBRAÇÕES DO CNE: Jesus Cristo... ontem, hoje e sempre*. Edição CNE, 2003, p. 195. (Este documento foi aprovado pelo Comité Mundial do Escutismo em 25 de Abril de 1992, pela CICE na reunião do seu Comité Permanente, em 4 de Maio de 1992, e pelos órgãos competentes da Santa Sé, em Julho de 1992. O presente documento foi enviado pelo Conselho Pontifício para os Leigos a todas as Conferências Episcopais, pela OMME a todas as associações escutistas e pela CICE a todas as Associações, Conselhos e Comités membros, como gesto concreto de aceitação de responsabilidade. Este documento advêm de um outro, Aprovado em Julho de 1977 pela Conferência Internacional Católica do Escutismo).

O CNE privilegia o contacto com a Natureza e promove o respeito do escuteiro por si próprio e pelos outros. A vida em pequenos grupos e o compromisso pessoal são elementos fundamentais do método escutista que se desenvolve na acção, na responsabilidade de cada um e no serviço aos outros, começando em casa.

Na comunidade, o CNE assume a missão de formar contínua e progressivamente, o Homem Novo, aquele que, inconformado e humildemente, procura a perfeição como resposta aos desafios da Igreja, da sociedade e da família, rumo à felicidade[190].

10.5 – Discernimento e acompanhamento

Neste capítulo o Papa João Paulo II vai com firmeza e clareza animar os jovens do movimento no sentido de estes poderem ter alguém que caminha com eles, dizendo: "podeis contar com a nossa solicitude, o nosso empenho pastoral, com a disponibilização dos sacerdotes necessários para vos acompanhar na vossa caminhada de descoberta e de fidelidade a Jesus Cristo"[191].

A realidade é bem diferente no respeitante ao acompanhamento, nem sempre tem sido acentuado este acompanhamento, havendo mesmo agrupamentos abandonados a si próprios, embora e reconhecidamente a vontade do Papa e da Igreja seja a de um acompanhamento muito maior e melhor.

10.5.1 – Os assistentes

No CNE é de realçar o papel que os assistentes desempenham, tendo presente que o ministério ordenado é o sinal da comunhão eclesial e o promotor da evangelização.

---

[190] Cf. *Ibidem, p. 196.* (Esta carta é elaborada no final do Congresso "Valores e Missão" no ano de 1997).
[191] EPISCOPADO – *Mensagem*, p.12.

Há que cuidar por parte dos assistentes, da vida comunitária do agrupamento, a sua real ligação à comunidade paroquial, educação e formação integral dos seus membros. "Neste momento, os assistentes são chamados a prestar especial atenção ao crescimento da dimensão espiritual, à educação para os valores humanos e cristãos, à renovação e actualização dos rituais para os momentos celebrativos, e a velar, sobretudo, pela formação dos dirigentes"[192].

Os assistentes zelam conjuntamente com os dirigentes, ajudando o escuta no conhecimento mais profundo e na adesão mais convicta ao mistério de Jesus Cristo, promovendo a escuta da palavra, a oração e a vivência e celebração dos sacramentos, sobretudo da eucaristia, que a (LG 11) nos apresenta como sendo fonte e centro de toda a vida cristã. Sem isto há uma debilidade tremenda para esta gente, também aqui o Papa João Paulo II lembra que a aventura da fé é um caminho que não se percorre sozinho, por isso anima os jovens, dizendo que em tarefas tão nobres não estão sozinhos[193].

10.5.2 – Os animadores

Tendo em conta que a NE não se reserva exclusivamente ao clero mas a todos os baptizados, homens e mulheres de boa vontade, também no escutismo, e não é de hoje, a reflexão foi feita há algumas décadas, em que nesses estudos ficou clara a importância de animadores leigos para o sector da fé.

Fazendo uma releitura coerente do que se vai passando nos agrupamentos, não podemos deixar de ter a consciência de que as múltiplas actividades que competem aos sacerdotes os dispersa e não lhes permite assegurar como cada um dos assistentes gostaria de o fazer, uma animação assídua e completa[194].

Como resposta a esta análise o CNE tem vindo a desenvolver formação específica com e para os seus dirigentes. Tendo presente que se trata de

---

[192] SILVA – *Padre,* p. 335.
[193] Cf. EPISCOPADO – *Mensagem,* p. 11.
[194] Cf. CONFERÊNCIA INTERNACIONAL CATÓLICA DO ESCUTISMO. O escutismo, p. 35.

escuteiros católicos, cumpre ainda a cada um dos dirigentes desenvolver e aprofundar a fé a par de outros valores. Sabendo desde já que a função de assistência por inerência, está destinada aos sacerdotes. Vamos tomando consciência que há muitas paróquias sem pároco e os que existem estão absorvidos em variados trabalhos.

Por tudo isto o CNE apresenta como chegado o momento de os dirigentes leigos, assumirem parte dessa missão. Isto não dispensa que cada dirigente seja por si só um transmissor de fé.

É fácil entender que será uma mais valia ter gente preparada. Se por um lado ganha a Igreja, e ganha o CNE, e há um enriquecimento dos jovens escuteiros, por outro lado preenche-se uma área que poderá ser maioritariamente de adultos vindos do exterior, com vivência e preparação religiosa adequada para que em consonância com o método do escutismo, contribuam para o crescimento e desenvolvimento homogéneo dos jovens[195].

10.5.3 – Preocupações e prioridades dos assistentes

Muitas vezes no escutismo o sacerdote é visto como máquina de distribuição automática de sacramentos. Para que de facto não seja esta a imagem do sacerdote, ele terá que:

a) Convencer as chefias, compostas por animadores leigos, que inerente ao cargo de dirigente está a responsabilidade na acção quotidiana de animação da e para a fé.

b) Munir de material e meios as chefias para assegurar a acção quotidiana, com avaliações periódicas de análise da situação, criando uma atitude constante de escuta, partilha e confronto.

c) Dar aos animadores os meios de expressão e de celebração que carecem, frequentemente de forma gritante.

d) Criar com eles um ritmo de avaliação das actividades realizadas.

---

[195] Cf. FLOR DE LIS. Escutismo Católico Português. Ano LXXX / Nº1155. Junho 2006, p. 5.

O que leva a que estes pontos possam ser de grande preocupação para os assistentes, é antes de tudo o alicerçar a fé dos seus irmãos leigos, e o criar com e por intermédio deles este povo de Deus que faz caminho caminhando, criando efectivamente a ligação com toda a Igreja.

Dentro das opções, tendo em conta as necessidades do movimento, urge, mais do que a animação para a fé junto dos jovens, a animação para a fé junto dos responsáveis, nas equipas de chefia, como sendo, direcção, juntas e agrupamentos[196].

10.6 – O movimento na comunhão eclesial

Este é um dos aspectos importantes que o membro escuta deve cultivar, a consciência de pertença à Igreja. Jesus Cristo veio para todos através da Igreja.

A fé cristã recebe-se da Igreja e conduz à Igreja. O cristianismo vive-se na Igreja. É este indubitavelmente o mistério de comunhão dos homens com Deus e com o seu semelhante, e não há outra forma de apresentar a comunhão com Deus, se não for no dar testemunho de comunhão eclesial. "A comunhão eclesial, embora possua sempre uma dimensão universal, encontra a sua expressão mais imediata e visível na paróquia: esta é a última localização da Igreja; é, em certo sentido, a própria igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e filhas"[197]. Esta comunidade eclesial, não se restringe ao agrupamento, mas também pela pertença à paróquia, experiência uma ligação ao Povo de Deus.

É na paróquia que encontra o espaço físico, a possibilidade de uma formação de base, a celebração dos sacramentos, do serviço comunitário.

Tendo presente o que fomos dizendo, é de todo importante: a frequência no itinerário catequético, correspondente aos sacramentos da iniciação cristã; participação activa na Eucaristia dominical, na qual se organizam todas as outras actividades; presença activa em todos os actos festivos da família paroquial.

---

[196] Cf. CONFERÊNCIA INTERNACIONAL CATÓLICA DO ESCUTISMO. *O escutismo*, p. 35-37.
[197] SILVA – *Padre,* p. 330.

Para terminar, o apoio paroquial ao movimento é fundamental e, estamos perante o garantir do futuro da paróquia, como também o do movimento[198].

11 – Que animação da fé na prática escutista

Este é um dos temas que mais tem preocupado quem de forma séria, no CNE procura adequar o escutismo ao tempo em que vivemos, numa leitura actualizada dos sinais dos tempos ou da NE.

Como pudemos frisar, este nosso tempo é, marcadamente, rotulado de superficial, materialista, mas que exigem uma séria proposta espiritual.

No decorrer destes últimos anos, ouve uma procura em relação a esta dimensão, mas que devido a muitos factores, e fundamentalmente à falta de preparação, que levaram a desvios, mas por outro lado tem levado a inúmeras surpresas felizes neste âmbito.

Falar de espiritualidade no escutismo, leva-nos a pensar como chegar lá e substancialmente como operar uma efectiva animação da fé no escutismo.

A conferência episcopal tendo em conta a NE, dirige uma exortação ao CNE dizendo que: "como Movimento de Igreja, o CNE precisa de se repensar para responder, a seu modo, a este desafio da NE"[199].

O CNE ao querer repensar quis primeiramente constatar a realidade, para depois sobre ela poder traçar caminhos conjuntos que representem para o CNE uma maior integração na Igreja.

11.1 – Constatações a nível nacional

Para se poder planificar e tirar resultados positivos de todo um trabalho há

[198] SILVA – *Padre,* p. 330-331.
[199] CONFERENCIA EPISCOPAL PORTUGUESA – *Documentos,* p.332.

que fazer, com grande seriedade, o levantamento de tudo o que impede a progressão de um escutismo como o desejou BP e os seus seguidores que lhe souberam dar uma roupagem Católica Apostólica Romana. Para isso passaremos a um levantamento em todas as áreas de intervenção do escutismo, na vida do CNE e da sua repercussão na verdadeira vida da Igreja.

11.1.1 – Ao nível da formação

a) Há consciência da necessidade de estar permanentemente em formação, apesar das limitações de tempo e das responsabilidades inerentes à vida familiar.

b) Reconhecimento de que a única formação recebida foi a dos CI's, cursos formais, o que reflecte a ausência de uns outros espaços de formação.

c) Reconhece que o agrupamento não é espaço de formação quer por ausência de motivação quer por incapacidade de a realizar, há apenas a passagem e testemunho de experiências vividas. Indefinição dos perfis dos formadores.

d) Desajustamento dos critérios de selecção de formadores.

e) Os cursos não estão pensados nem organizados de acordo com as metodologias e a realidade dos agrupamentos.

f) Falta de qualificação e preparação dos formadores para algumas áreas.

g) O plano de formação nem sempre é integrado e divulgado atempadamente.

11.1.2 – Ao nível da pedagógica:

a) O jogo escutista é aplicado intuitivamente e sem intencionalidade educativa, não se utilizando as expressões e os símbolos que o caracterizam e são cerne da sua originalidade.

b) A técnica é encarada como um fim e não como instrumento educativo. Constata-se que há agrupamentos que continuam a trabalhar em programa e muitos reconhecem estar em transição para o projecto, transição que parece prolongar-se indefinidamente.

11.1.3 – Ao nível da animação espiritual e da fé

a) Dificuldades dos dirigentes testemunharem pelo exemplo os valores da lei escutista.

b) Não se entende a relação intrínseca entre o ideal e o método o que conduz a uma prática que comporta as actividades, desprovida de valores essenciais do escutismo.

c) Dificuldade em distinguir em animação espiritual que é a vivência de valores, e da fé que é a vivência desses valores à luz do Evangelho.

d) Animação da fé, quando existe, é limitada aos momentos tradicionais das Celebrações que são de alguma forma encaradas de forma ritualista, e raramente é entendida como centro unificador da prática escutista.

11.1.4 – Ao nível da vida litúrgica

a) A participação na vida litúrgica que não é mais que a celebração da fé, é confirmada pela ausência de atitude celebrativa que é o mesmo que não reconhecer a comunidade como espaço fundamental de celebração da fé.

b) A falta de conhecimentos e vivência.

c) Falta de preparação dos dirigentes.

d) Ausência de interacção com a catequese para enfrentar este estado de alguma apatia.

e) Falta de resposta das comunidades paroquiais que proporcionem aos jovens uma vida litúrgica mais alegre e participativa.

11.1.5 – Ao nível da comunhão eclesial

a) Nas paróquias onde existem secretariados de catequese e de pastoral juvenil o relacionamento com o agrupamento é bom.

b) Os dirigentes predispõem-se a incentivar os escutas à participação na vida paroquial.

c) Em relação à participação no Conselho Pastoral Paroquial, órgão de implantação recente, verificam-se experiências diversas de acordo com o modo de funcionamento do mesmo.

11.1.6 – Ao nível do discernimento vocacional

a) O projecto pessoal de vida está muito pouco experimentado permanecendo como meta a atingir.

b) Quando se fala em vocações pensa-se em "coisa de padres e freiras" e não se entende a vocação como resposta a um chamamento de Deus dirigido a todos nós, para que façamos o nosso itinerário, rumo a uma realização feliz na vida, logo, a dificuldade em entender o valor vocacional do método do projecto pessoal de vida, como opção.

11.2 – Recomendações a nível nacional

Não podemos entender que como vem sendo hábito ouvir-se, porque temos que ser tão negativistas, ou estar sempre a falar do que correu mal. Podemos não pensar nisso, mas a verdade é que a caminhada não está isenta de erros e defeitos, por isso é necessário falar-se do que falta fazer e não viver ingenuamente ao sabor do sucesso do que conseguimos realizar. Tudo isto porque também a realidade em que vivemos hoje não é estática, logo as

dificuldades e problemas de hoje não são os mesmos de ontem, ou de algumas décadas, nem serão os do amanhã.

Apercebemo-nos que a ciência, a técnica que facilitaram o acesso à educação, cultura, e que generalizaram o consumo, aconteceram demasiado rápidas, mas que acabaram por engrossar o grupo dos excluídos e marginalizados. Não podemos deixar cair por terra um projecto que o seu fundador denominou de educação para a cidadania.

Não esquecendo ainda que esta cidadania assenta também numa fidelidade manifestada a Cristo e à Igreja à qual pertencemos sendo esta uma participação responsabilizada e responsabilizante. Por tudo isto aqui ficam algumas recomendações, que advêm da anterior análise da situação.

11.2.1 – Ao nível da formação

Que não entendamos a formação como um mero consumo, mas uma progressão pessoal, o que leva a dizer que cada um é responsável pelo seu próprio plano de formação.

11.2.2 – Ao nível da pedagogia

Privilegiar uma educação para a cidadania, com a implementação da metodologia do projecto.

O exercício continuado selectivo e avaliado da aplicação do jogo escutista e dos símbolos e expressões que lhe são próprias.

A valorização da mística e simbologia como factor de identificação do escuta com a sua unidade.

11.2.3 – Ao nível da animação espiritual e da fé

Desdramatização da atitude dos dirigentes perante a animação da fé

transformando-a na utilização simples do sentido da palavra de Deus, que é a Bíblia.

Cada dirigente tenha em sua consciência que o seu exemplo na vivência feliz da sua fé é a melhor forma de educar para esta dimensão.

11.2.4 – Ao nível do discernimento vocacional

Um maior esforço na implementação do projecto pessoal de vida e o seu alargamento à metodologia da terceira secção.

Que o movimento faça uma reflexão sobre qual o acolhimento a dar àqueles que de todo não realizaram um processo de iniciação cristã ou o fizeram de forma incompleta.

11.2.5 – Ao nível da vida litúrgica

Os sacramentos de Cristo são forças que saem do seu Corpo, sempre vivo e vivificante; acções do Espírito Santo que opera no seu Corpo que é a Igreja; os sacramentos são obra-prima de Deus, na nova e eterna Aliança[200].

Tendo em conta o que dissemos teremos que Melhorar a participação naquilo que já se faz e claro que devemos deixar de lado as veleidades, ou então sonharmos de tal maneiro que os nossos voos pretendem ser e ir mais alto que tudo, mas com os pés bem assentes, fazendo bem feito, e sabendo o porquê.

Maior empenho em conciliar e enquadrar a vida litúrgica em todas as actividades, em todas as secções, tendo em conta a faixa etária com que está a lidar.

Motivar a participação na catequese. A consciencialização de todos para a importância de celebrar a fé.

Assumir com verdade os compromissos assumidos, mesmo que tendo sido pelos nossos pais e padrinhos, no Baptismo e na Promessa que fizemos.

---

[200] IGREJA CATÓLICA – *Catecismo da Igreja Católica*.2ª Edição, nº 1116, p. 294.

Aproveitar as insígnias de competência de acólito, leitor, cantor litúrgico, para levar os elementos a uma participação na vida litúrgica de uma forma mais esclarecida e comprometida.

Proporcionar não forçar. Desinibir os jovens, apostando no compromisso individual e na formação.

Que celebrar a fé não seja uma simples sequência de gestos e palavras desprovidas de vida ou sentido.

Que celebrar é participar, activamente, como se cada um fosse protagonista e não um mero espectador.

É necessário deixar de ser um movimento de Igreja à parte de todos os outros, reconhecendo com humildade a necessidade de colaborar com todos os grupos litúrgicos e paroquiais e outros movimentos da comunidade paroquial.

11.2.6 – Ao nível da comunhão eclesial

Atitude de abertura à comunidade paroquial, baseada na participação e na interacção[201].

11.3 – Atitude do evangelizador

A atitude missionária exige uma espiritualidade específica, que concerne especialmente aqueles que Deus chamou a serem missionários (RM 87), esta espiritualidade requer um determinado comportamento, vejamos:

a) Conversão ao evangelho, que leva a assumir a fragilidade de pecador e a vida nova que nos é dada por Deus.

b) Comunhão intima com Cristo. Partindo do princípio que o evangelho é o próprio Cristo, ser evangelizador é viver em Cristo.

---

[201] CNE. Região do Porto. Conclusões do congresso Regional, Rumos para o futuro. 18-19 de Novembro de 1995.

c) Deixar-se guiar pelo espírito. É sem duvida a alma da Igreja e o agente principal da evangelização. É importante para o missionário deixar-se plasmar pelo espírito para poder dizer como São Paulo "Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim"(Gl 2,20).

d) Ter consciência de enviado. A verdade é que temos de tomar consciência que fomos chamada para este serviço, o que implica não sermos transmissores de projectos nossos mas de um projecto salvador de Deus.

e) Viver em comunhão com a Igreja. Jesus confiou a sua Igreja a missão evangelizadora, logo é ela que envia os evangelizadores. Os evangelizadores vivem nela a comunhão da fé, de culto e de caridade.

f) Ter coragem profética. Este aspecto é muito importante pois se fomos chamados pelo Deus que queremos anunciar, o que leva a que o evangelizador seja capaz de ir contra a corrente, apresentando e anunciando o evangelho com plena liberdade. O ser profeta é mesmo aquele que: anuncia a Boa Nova (Is 61,1s; Is 52,6s); denuncia, tudo o que se opõe ao projecto de Deus, (Is 58,5s; Jr 7,1s; Am 2,6s); pré-anuncia, lendo o futuro no coração das pessoas, (Is 61, 1s; Lc 4, 21s); compromete-se, é um homem de acção não um lírico.

Todo o Povo de Deus, pelo baptismo, é povo de profetas e é o Espírito que suscita profetas.

g) Amar os homens como Jesus os amou. O resultado de um evangelizador não pode ser outro que não seja um irmão universal em especial dos mais pobres que são os pequeninos de que nos fala o Evangelho. Este amor não fica confinada às fronteiras, línguas, regiões e religiões, mas leva a dar-se a vida pelos outros.

h) Ter esperança no momento que se está a viver. A qualquer evangelizador é-lhe pedido que viva em paz com o mundo e tempo que lhe foi destinado viver. Ultrapassa o saudosismo e pessimismo, aceita a graça do tempo presente, e lê os sinais dos tempos em que Deus actua[202].

---

[202] Cf. PAYA Miguel – *Planificação Pastoral: Ao serviço da Evangelização*.Lisboa: Paulinas,1997, p. 35 e 36.

11.4 – O mundo que temos que evangelizar

A missão da Igreja não é outra coisa que a de colaborar com Deus na extensão do seu Reino. Para que isso aconteça há exigências, não é feito de qualquer maneira como nos é apresentado na Gaudium et Spes (a partir de agora GS) nº4[203]. Com este texto da (GS) só podemos tirar uma conclusão, que a primeira exigência que nos é pedida é que conheçamos e amemos o homem que queremos evangelizar.

[203] IGREJA CATÒLICA. II Concílio do Vaticano, 1963-1965 – Const. Past. Gaudium et Spes, nº 4“. Para levar a cabo esta missão, é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e futuro, e a relação entre ambas, as suas esperanças e aspirações e o seu carácter tantas vezes dramático”.

Conclusão

É um dado adquirido que os nossos dias são caracterizados pelo "historicismo relativista, pelo politeísmo de valores; a superação da religião; o hedonismo individualista; a superação da razão"[204]. Juntamente com uma outra característica não menos relevante que tem a ver com a globalização. Esta produziu um movimento migratório, que trouxe consigo uma grande diversidade interactiva de culturas, religiões e situações sociais.

Também não podemos esquecer que estamos a viver numa idade nova, como nos fala o Vat. II na (GS 4), da sua história que irrompem pelo mundo deixando passar a ideia que estamos perante a tão falada aldeia global.

E não podemos deixar de nos sentir a chegar ao limite da adaptabilidade com a quantidade de informação que chega a cada um de nós, deixando o homem fascinado pelo futuro e consequentemente com a dificuldade em acompanhar a sua história[205].

Estes aspectos mencionados vão influenciar o pensamento e atitude espiritual de todos aqueles que querem caminhar, mas que se encontram reféns de duas opções, ou se fixam no passado, e maldizendo tudo o que está a acontecer fazendo volta e meia aquilo que comummente ouvimos da voz do povo que, antigamente é que era..., ou então fascinar-se pelo futuro em que há a necessidade do corte com o passado não reconhecendo no presente qualquer tipo de valor.

---

[204] GAMARRA – *Teologia*, p. 44.
[205] Cf. VECHINHA, Jeremias Carlos – As Espiritualidades. In REVISTA DE ESPIRITUALIDADE. Nº de Lançamento. Oeiras: Edições Carmelo, 1992, p. 10.

A espiritualidade foi, ao longo da história, fazendo um caminho, que sem sombra de dúvida tem e envolve o homem, logo podemos dizer, que a "espiritualidade é a qualidade do homem espiritual que chega a ser porque está aberto e é dócil à presença e à acção do Espírito"[206], que o leva a ele próprio a reconhecer-se quase como Deus, porque vai dominando a ciência e a técnica, percebendo nela um mistério que o limita e aí reconhece a maravilha, que Deus o transcendente presenteia a cada um de nós. Este caminho trouxe-nos a um momento da história em que, segundo muitos é o melhor momento da vida da Igreja. Procura com grande constância o partir ao encontro do outro, de toda a criação, logo se deseja embora difícil o encontro com o criador.

Não podemos deixar de frisar, que o espírito só actua enquanto o homem quiser fazer este caminho de encontro, e não esperar o que muitos na filosofia foram dizendo como que afinal somos fruto e apenas fruto da evolução. Apercebemo-nos que afinal o espírito de Deus passa pelas nossas vidas e não o contrário. Também se foi pretendendo dizer que afinal Deus morreu para aqueles que não reconhecem no agir do Homem, o Espírito de Deus muito próximo. Para que tudo ficasse completo pretendeu-se devido à falta de compromisso criar um pensar sem lei, em que não há bem nem mal.

Esta mentalidade veio até aos nossos dias em que se defende que a religião é assunto a desenvolver pela Igreja. A moral, essa, é pertencente à escola. Com isto se foi e se vai mantendo que a religião é para os ignorantes, e a ciências para os cultos.

O que vamos constatando é que afinal "antigamente, Deus estava menos vivo do que se pensava; e hoje menos morto do que se diz"[207]. E isto é sem dúvida motivo de esperança.

Neste trabalho, ao longo das leituras realizadas fomos vendo que a espiritualidade é que faz mover e movimentar as pessoas, logo não posso deixar de dizer que este movimento, alvo do nosso estudo, carrega em si, dentro de si e

---

[206] *Ibidem*, p. 8.

[207] CUNHA, Arlindo de Magalhães Ribeiro da – O Cinema e o romance na busca da espiritualidade. In HVMANISTICA E TEOLOGIA. Faculdade de Teologia. TOMO XXV. Fasc. 2. Porto, 2004, p. 262.

fora de si o espírito de Deus, esse Espírito que faz de cada um testemunho e modelo de verdadeiro filho no Filho.

Também podemos concluir que o Movimento de Escuteiros tem todas as condições para pertencer à grande família da Igreja. Não lhe faltando estruturas, por outro lado, e sendo o mais importante, o movimento em estudo tem, durante todos estes anos, sabido, dar, evoluir e crescer. Reveladores disso são os números que nos foram apresentados. Embora esses números sejam de facto sobejamente positivos, nem sempre foram reflexo de que o movimento vive de facto intensamente a espiritualidade como o pudemos verificar nos primórdios do surgir do Escutismo, mas a verdade é que hoje a história e os tempos são, indubitavelmente, outros e como outros também nos permite verificar que o futuro será diferente. Aliás, Rahner vai dizer-nos que no futuro a espiritualidade será menos triunfalista face aos séculos anteriores, embora também no futuro a eclesialidade será sem duvida um critério que fará parte e nunca poderá ser posto de lado, notando-se o seu carácter extremamente necessário para uma autêntica espiritualidade[208].

Quando nos embrenhamos no Escutismo, à luz do pensamento do seu fundador, descobrimos como ser verdadeiros amigos de toda a criatura. Criatura essa que imprime em todos nós sabor de Deus. Não podemos deixar de referir que o ser bom cidadão é seguir este caminho de fraternidade, de comunhão, sem pretender triunfalismos, como no passado.

O ser irmão vai, face a muitas das propostas de outros nossos irmãos que não vivem nesta nossa comunhão, levar-nos por caminhos que nem sempre nos parecem claros. Apontamos o exemplo da Nova Era, em que a fé e religiosidade nos é apresentada com grande facilitismo, com sons e rituais extraordinários, sem exigência, sem esta tónica do “martírio”. É neste momento que necessitamos da mensagem que São Paulo deixa aos Cristãos de Tessalónica, examinai tudo, ficai

[208] Cf. GOFFI; SECONDIN – *Problemas*, p. 473.

com o que é bom (1Ts 5,21). É verdade que temos que estar ligados a este novo modo de ser cristão e Igreja, respondendo a uma nova era da Igreja[209].

Urge, hoje, falar de Deus, de anunciar Jesus Cristo, sem medo. Embora com o conhecimento e ideia de que a Igreja Institucional anda devagar, a verdade é que na Igreja sempre assim foi, mas devemos animar-nos pois dentro dela há sempre quem vá atrás, quem vá à frente e quem vá no meio.

Fomos ao longo deste trabalho verificando que em cada tempo e lugar a espiritualidade tinha como meta a procura de uma maior identificação com a mediação do Espírito que Jesus tinha prometido, ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo (Act 1,8).

Neste campo também foi pedido aos dirigentes e responsáveis directos da formação, que imbuídos do Espírito fossem de facto testemunhas.

Aliás para evangelizar todos os nossos escuteiros neste momento de pós-modernidade é necessário reconhecer que nos olhos das nossas crianças, jovens e adultos a nossa autoridade de ensinamento e o nosso poder de evangelização derivam muito mais da autenticidade do nosso testemunho pessoal do que da autoridade do nosso cargo[210].

O cargo no escuteiro, é um serviço, que se presta à fraternidade e mais alargada à comunidade, e que tem como missão fazer crescer todos aqueles que querem fazer caminho. Assim, os dirigentes devem ter a atitude de São João Baptista, é necessário que eu diminua para que ele cresça, é esta a atitude pedida a cada formador para que a NE aconteça.

A característica fundamental é o espírito do movimento, e aquilo que abre a porta a este espírito é o romantismo misterioso da vida nos bosques e da história natural.

Neste lado espiritual e com as migalhas de conhecimentos adquiridos da e na natureza, resultante das excursões pelos bosques, em que tudo renasce e

---

[209] Cf. JANEIRO, Francisco de Medeiros – *Em tempo de Evangelização: Religião e Religiões*. Lisboa: Paulinas, 2003, p. 286-287.
[210] Cf. AGÊNCIA ECCLESIA – agencia@ecclesia.pt, 25-04-2002.

tudo nos aparece como maravilha de um universo grandioso criado pelo Grande Criador.

Aqui podemos perceber que é o espírito interior e não o verniz que facilmente estala. É este espírito que está em cada jovem que foi conquistado, mas que necessita ser descoberto e ser trazido para a luz[211].

Mas a verdade é que vamo-nos confrontando com afirmações que dizem que o nosso tempo tem falta de valores, mas a verdade é que há excesso de valores. Vejamos o que acontece na invocação que é feita dos grandes valores como, a prosperidade, a justiça, o amor, …, apesar disto a confusão e perplexidade continuam a fazer parte das nossas atitudes. O que acontece é que há falta de critérios, em que tudo é visto com um "mais ou menos"[212]. Aliás, este tempo em que vivemos é marcadamente, se me é possível caricaturá-lo, vivido pelos mais jovens como se a vida fosse um micro-ondas, uma fralda ou uma aspirina. Vejamos: Um micro-ondas porque tudo tem que ser rápido, sem ter que se ter paciência para esperar, ter tempo de saborear não só a comida, mas também a vida; Uma fralda, porque para o nosso tempo tudo tem que ser descartável. Usa e deita fora, assim vai acontecendo nas relações e já não se refere, as relações em casal, fala-se só das amizades, que enquanto dão jeito, e fazem falta, muito bem, depois deita-se fora; O uso da aspirina tem-se revelado infalível para qualquer incómodo, seja ele grande ou pequeno, assim na vida dos nossos dias em que tudo se quer sem sofrimento, sem sacrifício, sem esforço.

Mesmo vivendo este drama por muitos dos Homens do nosso tempo, mantenho a esperança, que nos foi deixada pelo próprio Jesus, que prometeu deixar o Espírito Santo, que estará com todos nós, e fará de nós Homens Novos a cada dia que passa. Esses homens Novos são também fruto de uma NE que não acontece para ser acção pura e simplesmente. Aliás, o Cardeal Patriarca de Lisboa refere que Evangelizar não pode apenas ser entendido como acção, "Evangelizar hoje não é fazer coisas., mas é ir acentuando uma cultura, uma

---

[211] Cf. BADEN-POWELL – *Auxiliar,* p. 38-41.
[212] NEVES, João César das – Deus apagado do horizonte da sociedade secularizada. In VÀRIOS AUTORES – *Estes são*, p. 16.

perspectiva de vida"[213], para que se concretize aquilo que acabamos de dizer há que deixar que seja o tempo a confirmar a consciencialização das pessoas numa atitude sempre de comunhão e de encontro com o outro.

A Nova Evangelização é para o Movimento Escutista como também para a Igreja uma proposta arrojada que só será possível ser realizada se, de facto, o movimento se abrir aos homens dos dias de hoje. Homens que não são apenas os perfeitos, aqueles que exploram os bosques e sobem às árvores e dominam as artes de bem armar pontes e tendas campistas de cinco estrelas, pelo contrário o escutismo tem que ir ao encontro de todos aqueles a quem Jesus no seu tempo deu atenção, os leprosos, os homens e mulheres de má vida, são esses a quem o movimento se deve dirigir para ser verdadeiramente um movimento de fronteira. Pois, ser bom escuteiro dentro da sede ou paróquia é fácil, o difícil é ser escuteiro na vida, como testemunho de verdadeiro irmão.

Pudemos concluir deste nosso trabalho, que o escutismo apresenta, mesmo com dificuldades uma espiritualidade aberta ao Evangelho, com grande clareza, nos valores que a lei Escuta propõe. Como no tempo de Jesus há dois mil anos são hoje proposta, num espírito de serviço, solidariedade, defesa e construção da paz, defesa da justiça e dos direitos humanos, espírito de austeridade e sacrifício, ajuda e defesa dos que mais sofrem[214].

O verdadeiro escuteiro, aquele que traz dentro de si o Espírito e deseja apresentar-se como evangelizador de uma boa notícia só será possível se ele próprio viver três dimensões.

As três dimensões em que acreditamos poder cada um de nós pelo baptismo continuar fazendo caminho, caminhando, são: A primeira apresentar-se como sacerdote, sendo para cada um que encontra na sua vida um presente sagrado, um dom permanente que nada mais é do que o perdão. A segunda apresentar-se como profeta, não aquele que adivinha, mas aquele que diz antes,

---

[213] AGÊNCIA ECCLESIA. Nº1000, Março 2005, p. 11.
[214] Cf. CORPO NACIONAL DE ESCUTAS – *Pedagogia da Fé no Escutismo*. Edição CNE, 1991, p.8.

que anuncia e que denuncia. A terceira apresentar-se como rei, este só é possível se está habitado por sacerdotes e profetas.

Seremos certamente mais felizes se soubermos levar para a vida este desafio, como diz Santo Ireneu, a glória de Deus é o Homem. No seguimento deste pensamento BP vai dizer-nos que: "Deus colocou-nos neste mundo para que sejamos felizes. [...] A verdadeira felicidade consiste em fazer os outros felizes"[215].

[215] *Ibidem*, p.8.

Bibliografia

ACTUALIDAD CATEQUÉTICA. Nº 188. Madrid, 2000.

AGÊNCIA ECCLESIA – www// http: agencia@ecclesia.pt, 25-04-2002.

AGÊNCIA ECCLESIA – Semanário de actualidade religiosa. Nº 974. Setembro 2004.

– Semanário de actualidade religiosa. Nº 981. Novembro 2004.

– Semanário de actualidade religiosa. Nº 982. Novembro 2004.

– Semanário de actualidade religiosa. Nº 986. Dezembro 2004.

– Semanário de actualidade religiosa. Nº 1000. Março 2005.

Asociaciones Internacionales de fieles: REPERTÓRIO. CONSEJO PONTIFICIO PARA LOS LAICOS. Libreria Editrice Vaticana, 2005.

ASSISTÊNCIA NACIONAL. *CELEBRAÇÕES DO CNE: Jesus Cristo... ontem, hoje e sempre*. Edição CNE, 2003.

AZEVEDO, Carlos Moreira; AZEVEDO, Ana Gonçalves – *Metodologia Científica*. 7ª Edição. Lisboa: UCE, 2004.

BADEN-POWELL, Robert – *Auxiliar do chefe escuta: Guia dos chefes sobre a pedagogia escutista*. Edição CNE, 1999.

– *Escutismo para Rapazes por BP*. Publicações CNE, 2004.

BARBOSA, Adérito G – *A nova Evangelização.* Lisboa: Paulinas,1994.

BASADONA, Giorgino – *Espiritualidade do caminho.* Edição CNE. Publicações CNE, 1995.

BÍBLIA DOS CAPUCHINHOS – *Leitura interactiva da bíblia em CD-Rom*. 2003.

BUENO, Eloi; CALVO, Roberto – *Diccionario del Laicado y Asociaciones y Movimentos Católicos.* Burgos: Monte Carmelo, 2004.

CNE – *As Relações Públicas Básicas para Escuteiros*. Edição CNE, 1995.

– *Metodologia Educativa da 1ª secção: Lobitos*. 2ª Edição. Edição CNE, 2000.

– *Metodologia Educativa da 2ª secção: Esploradores*. Edição CNE, 2003.

– *Metodologia Educativa da 3ª secção: Pioneiros*. 3ª Edição. Edição CNE, 2003.

– *Metodologia Educativa da 4ª secção: Caminheiros*. 4ª Edição. Edição CNE, 2002.

CNE. Região do Porto. Conclusões do congresso Regional Rumos para o futuro. 18-19 de Novembro de 1995.

COMUNIDADE E ESPIRITUALIDADE: *Igreja no mundo de hoje - A Evangelização (II) caderno 5*. Lisboa: Paulinas, 2002.

CONFERENCIA EPISCOPAL PORTUGUESA – *Documentos Pastorais*. Lisboa: Rei dos Livros, IV Volume, 1991-1995.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL CATÓLICA DO ESCUTISMO. *O escutismo instrumento de participação de desenvolvimento da fé e da paz: Semear e Colher*. Edição CNE, 1981.

CORPAS, Pedro – *Robert Baden Powell*. Porto: Edições Salesianas, 1999.

CORPO NACIONAL DE ESCUTAS – Escutismo Católico Português. ESTATUTOS. Documento aprovado 29 Junho de 1991.

– Escutismo Católico Português. Regulamento Geral do CNE, artigo 4º.

– *Pedagogia da Fé no Escutismo*. Edição CNE. 1991.

DECOURT, Georges – *Como conduzir uma acção pastoral.* Coimbra: Gráfica de Coimbra Lda, 1998.

DICIONÁRIO de espiritualidade. Org. Stefano de Fiores; T. Goffi. São Paulo: Ed. Paulinas; Ed. Paulistas, 1989.

DUQUE, João Manuel – *O excesso do Dom: Sobre a identidade do cristianismo*. Lisboa: Alcalá, 2004.

EPISCOPADO, Secretariado Geral do – *Mensagem dos Bispos aos Jovens*. Lisboa: Paulinas, 2000.

FLOR DE LIS. Escutismo Católico Português. Ano LXXX / Nº1155, Junho 2006.

FORESTIER, M.D. – *Pela Educação à Liberdade: Um Caminho - O Escutismo*. Edição CNE, 1993.

GAMARRA, Saturnino –. *Teologia Espiritual*. Biblioteca de autores Cristianos. Madrid, 1994.

GOFFI, Tullo; SECONDIN, Bruno – *Problemas y perspectivas de espiritualidad*. Salamanca: Sígueme, 1986.

GUILLET, Charles Marie – *A Igreja: Comunidade de Testemunhas na história*. Edições Paulistas, 1990.

HVMANISTICA E TEOLOGIA. Faculdade de Teologia. TOMO XXV. Fasc. 2. Porto, 2004.

IGREJA CATÓLICA – *Catecismo da Igreja Católica*. 2ª Edição. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2000.

IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1963-1965 – Declaração. *Nostra aetate, nº 2*. 10º ed. Braga: A.O., 1987.

– Constituição Pastoral. *Gaudium et Spes*. Braga: A.O., 1987.

IGREJA E MISSÃO. Nº195-196, Janeiro/Agosto 2004.

JANEIRO, Francisco de Medeiros – *Em tempo de Evangelização: Religião e Religiões*. Lisboa: Paulinas, 2003.

JOÃO PAULO II – *Mensagem do Papa João Paulo II aos participantes do congresso mundial dos movimentos eclesiais*. www.Vaticano.va/phome_po.htm. Nº 4, 27 Maio 1998.

LUMEN. Ano 66 - Série III. Nº1, Janeiro/Fevereiro 2005.

MARTINS, Cardeal José Saraiva – *A Igreja nos Alvores do Terceiro Milénio: Reflexões Teológico-Pastorais*. Lisboa: Paulinas, 2002.

MASCARANHAS, João Ribeiro – *Baden-Powell Hoje: Pistas para um educador no Escutismo*. 3ª Edição. Publicações por CNE, 2003.

MOREILLON, Jacques – *A dimensão espiritual no Escutismo*. in CICS, Promessa e Lei para que Compromisso. Roma: Cahiers de Signes, 1990.

NUNES, José – *Os movimentos na cidade*. ESPÍRITO NA CIDADE, ensaios. Semana de Estudos Teológicos. Faculdade de Teologia de Lisboa. Lisboa: Paulinas, 2005.

Organização Mundial de Movimento Escutista. *Estratégia: Tendências*. Edições CNE, 1996.

PASTORAL CATEQUÉTICA. Nº1, 2005.

PAYA, Miguel – *Planificação Pastoral: Ao serviço da Evangelização*. Lisboa: Paulinas, 1997.

POLICARPO, D. José da Cruz - *Missão na Cidade*. Congresso Internacional da Nova Evangelização. Prior Velho: Paulinas, 2003.

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE. *Oração*. Nº2. Oeiras: Edições Carmelo, Abril-Junho 1993.

– *As Espiritualidades*. Nº de Lançamento. Oeiras: Edições Carmelo, 1992.

RIVERA, José; IRABURU, José Maria – *Síntesis de espioritualidad católica*. Pampelona: Fundación GRATIS DATE. 5ª edição, 1999.

ROCHA E MELO, Luís – *O Vento sopra onde quer: Notas de Espiritualidade*. Braga: Editorial A.O., 2001.

SALVADOR, Frederico Ruiz – *Caminos del espiritu*: *Compendio de teologia Espiritual*. Madrid, 1988.

SICA, Mario – *O rasto do fundador*. Lisboa: Publicações por CNE, 1986.

SILVA, José Nuno – *Padre Ângelo Ferreira Pinto: Pista sacerdotal no Escutismo*. Porto: Edição de Região do Porto-CNE, 1998.

SOARES, J. A. Silva – *New Age e Movimentos Afins.* In Separata de Itinerarium. Ano XLVI nº 167, Maio – Agosto 2000.

UMA BRINCADEIRA MUITO SÉRIA. Perspectivas sobre Dimensão Espiritual e Animação da Fé no Escutismo Católico. Encontro Nacional de Assistentes. Fátima, 29-30 de Janeiro de 1997.

VÁRIOS AUTORES – *Estes são os que procuram o Senhor: o desafio da espiritualidade, hoje.* XVIII Semana de Estudos Sobre a Vida Consagrada. Lisboa: Paulinas, 2002.

ZAGHENI, Guido – *La Edad Contemporânea: Curso de historia de la Iglesia*. IV. Madrid: San Pablo, 1998.